

PRISCILA ALVES DOS SANTOS

**AGRICULTURA FAMILIAR EM TRANSIÇÃO AGROECOLÓGICA: UM  
OLHAR SOBRE A COMERCIALIZAÇÃO DE LEITE E DERIVADOS EM  
MUNICÍPIOS DA ZONA DA MATA MINEIRA**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Medicina Veterinária, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

VIÇOSA  
MINAS GERAIS - BRASIL  
2017

**Ficha catalográfica preparada pela Biblioteca Central da Universidade  
Federal de Viçosa - Câmpus Viçosa**

T

S237a  
2017

Santos, Priscila Alves dos, 1987-

Agricultura familiar em transição agroecológica : um olhar sobre a comercialização de leite e derivados em municípios da Zona da Mata Mineira / Priscila Alves dos Santos. – Viçosa, MG, 2017.

ix, 160 f. ; 29 cm.

Inclui anexos.

Orientador: Paula Dias Bevilacqua.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa.

Inclui bibliografia.

1. Leite - Comercialização. 2. Leite - Derivados - Comercialização. 3. Política pública. 4. Agricultura familiar.

5. Agroindústria. I. Universidade Federal de Viçosa. Departamento de Veterinária. Programa de Pós-Graduação em Medicina Veterinária. II. Título.

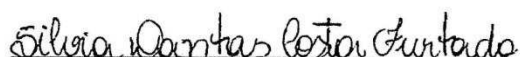
CDD 22. ed. 338.1771

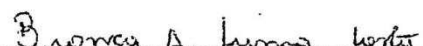
PRISCILA ALVES DOS SANTOS

**AGRICULTURA FAMILIAR EM TRANSIÇÃO AGROECOLÓGICA:  
UM OLHAR SOBRE A COMERCIALIZAÇÃO DE LEITE E DERIVADOS  
EM MUNICÍPIOS DA ZONA DA MATA MINEIRA**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Medicina Veterinária, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

APROVADA: 29 de setembro de 2017.

  
Silvia Dantas Costa Furtado

  
Bianca Aparecida Lima Costa

  
Paula Dias Bevilacqua  
(Orientadora)



## *O Cântico da Terra*

*Eu sou a terra, eu sou a vida  
Do meu barro primeiro veio o homem  
De mim veio a mulher e veio o amor  
Veio a árvore, veio a fonte  
Vem o fruto e vem a flor*

*Eu sou a fonte original de toda vida  
Sou o chão que se prende à tua casa  
Sou a telha da cobertura de teu lar  
A mina constante de teu poço  
Sou a espiga generosa de teu gado  
e certeza tranquila ao teu esforço  
Sou a razão de tua vida  
De mim vieste pela mão do Criador  
e a mim tu voltarás no fim da lida  
Só em mim acharás descanso e Paz*

*Eu sou a grande Mãe Universal  
Tua filha, tua noiva e desposada  
A mulher e o ventre que fecundas  
Sou a gleba, a gestação, eu sou o  
amor*

*A ti, ó lavrador, tudo quanto é meu  
Teu arado, tua foice, teu machado  
O berço pequenino de teu filho  
O algodão de tua veste  
e o pão de tua casa*

*E um dia bem distante  
a mim tu voltarás  
E no canteiro materno de meu seio  
tranquilo dormirás*

*Plantemos a roça  
Lavremos a gleba  
Cuidemos do ninho  
do gado e da tulha  
Fatura teremos  
e donos sítio  
felizes seremos.*

(Cora Coralina)

## **OFEREÇO,**

À todas/os as/os agricultoras/es familiares, especialmente aquelas/es que participaram e contribuíram com esse trabalho. Às organizações sindicais: Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras na Agricultura Familiar (SINTRAF) de Divino e Cooperativa dos Produtores da Agricultura Familiar (COOPAF) de Muriaé. À Rede Raízes da Mata e ao Grupo de extensão, ensino e pesquisa “Animais para Agroecologia”.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, os espíritos de luz e meus orixás de fé por mais um ciclo concluído, por me darem forças para lutar e nunca desistir dos meus sonhos.

Ao meu pai Carlos Elcy e minha mãe Nelcy pelo amor incondicional, apoio durante essa trajetória, por nunca me impedirem de criar asas próprias, nem pedirem razões ou por quês e por muitas vezes renunciarem seus sorrisos para transformá-los em alegrias minhas.

À minha irmã Natália pelo exemplo de força, coragem, companheirismo e por me mostrar que a verdadeira arte é representada além dos palcos e aplausos. Meu eterno amor, admiração e gratidão pelo apoio.

Ao amado companheiro Diogo, que acompanhou esse processo do início ao fim, e não mediu esforços para me apoiar e demonstrar amor, carinho e respeito. Agradeço pela extrema paciência e compreensão em todos os momentos.

À orientadora Paula Bevilacqua, a quem tenho extrema admiração. Uma mulher sensacional, ética, guerreira e comprometida com seu trabalho, que além de orientadora, professora e educadora, tornou-se uma amiga para vida inteira. Agradeço à dedicação, os ensinamentos, compreensão, paciência e a leveza na condução dos trabalhos.

Ao Grupo “Animais para Agroecologia” pela acolhida. Pela oportunidade de trabalhar, viver e conviver com as/os agricultoras/es, de conhecer a realidade do campo, suas inúmeras potencialidades, suas fragilidades/dificuldades, o amor, cuidado, respeito e dedicação pela terra. Agradeço à todas/os, pelos ensinamentos e por me apresentarem uma forma mais digna e justa de exercer minha profissão.

Às agricultoras e os agricultores familiares que gentilmente me receberam em suas residências e contribuíram com esse trabalho.

Às/Aos queridas/os amigas/os em especial: Aldemiro Pio, Narinha, Martin, Silvinha, Letícia, Dudinha, Brenda e Paula Prado, pela união, carinho, apoio, pelas muitas

cervejas compartilhadas, e por todos os momentos por nós vividos, que guardarei para sempre com amor em meu coração.

À Terê, por ser minha segunda mãe. Agradeço o carinho e amor recíproco, a paciência, dedicação e por cuidar de mim todos esses anos.

Ao Bloco, especialmente ao “mestre” Pio, por cada toada tocada, cada troca de energia, cada sorriso, por todo axé, pelos maravilhosos e inesquecíveis momentos vividos, por me ensinarem a ser perseverante e principalmente por me oferecerem a oportunidade que conhecer, tocar, me apaixonar e fazer parte dessa linda manifestação cultural brasileira, o MARACATU.

Ao CTA-ZM, em especial Breno e Anginha, pelo apoio durante a execução desse e tantos outros trabalhos. Agradeço também pelos tantos espaços de formação e atividades a campo que pude acompanhar e pelos diversos e tamanhos aprendizados que essa equipe pode me proporcionar.

À FAPEMIG pela bolsa de auxílio a pesquisa.

À todos e todas que de alguma forma fizeram parte dessa minha caminhada, meu muito obrigado e amor!

# SUMÁRIO

RESUMO .....	viii
ABSTRACT .....	ix
1. INTRODUÇÃO.....	1
2. REVISÃO DE LITERATURA .....	3
2.1. Agricultura Familiar .....	3
2.2. Agroecologia .....	5
2.3. Produção Agroecológica e Produção Orgânica.....	8
2.4. Marco legal sobre a agroindustrialização familiar .....	9
3. OBJETIVOS.....	13
3.1. Objetivo geral.....	13
3.2. Objetivos Específicos .....	13
4. PERCURSO METODOLÓGICO .....	14
4.1. Trajetória de trabalho: Os caminhos percorridos até o desenvolvimento da pesquisa .....	14
4.2. Cenário do estudo .....	16
4.2.1. Araponga .....	18
4.2.2. Divino.....	21
4.2.3. Viçosa.....	22
4.2.4. Muriaé .....	23
4.3. Critérios de seleção e contato com os/as entrevistados/as: questões gerais .....	25
4.4. As entrevistas .....	26
4.5. A estruturação dos dados construídos com as entrevistas.....	28
4.6. Análise documental .....	30

4.7. Questões éticas .....	31
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO .....	32
5.1. Resultados da análise documental.....	32
5.2. Resultados da análise das entrevistas .....	37
5.2.1. O custo da adequação às exigências legais .....	37
5.2.2. Qualidade dos produtos e segurança alimentar .....	40
5.2.3. Estratégias de comercialização: informalidade ou rendição?.....	41
5.2.4. Apropriação da temática e sua importância .....	44
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	46
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	48
8. ANEXOS.....	54

## RESUMO

SANTOS, Priscila Alves dos, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, setembro de 2017. **Agricultura Familiar em Transição Agroecológica: Um olhar sobre a comercialização de leite e derivados em municípios da Zona da Mata Mineira.** Orientadora: Paula Dias Bevilacqua.

A agricultura familiar ocupa lugar de destaque no contexto rural, pois se faz presente em 84,4% do total de estabelecimentos rurais e é responsável por 38% do valor bruto da produção agropecuária nacional. Mesmo diante deste cenário, as legislações vigentes potencializam a produção e beneficiam somente as grandes indústrias, impedindo, assim, que os/as pequenos/as agricultores/as familiares consigam se inserir no cenário de comercialização, principalmente de produtos de origem animal (leite e derivados). O objetivo central deste estudo foi avaliar os limites e possibilidades da comercialização desses produtos por agricultores/as familiares em transição agroecológica da Zona da Mata Mineira, considerando o marco legal nacional e estadual (Minas Gerais). Para isso, utilizamos as entrevistas semi estruturadas, análise de conteúdo e a observação participante como opção teórica e metodológica. Foram realizadas 12 entrevistas com agricultoras e agricultores familiares dos municípios de Viçosa, Muriaé e Divino que tinham em comum a produção leiteira, o processamento e a comercialização dessa matéria prima, além de estarem em processo de transição agroecológica. A partir das narrativas das/os participantes e da análise documental foi possível evidenciar que apesar de mudanças e reformulações as legislações federais e estaduais ainda não contemplam os/as pequenos/as agricultores familiares. Mesmo que o discurso a respeito e suas próprias designações remetam a esses/as protagonistas em questão, as leis ainda mantêm o caráter industrial que não se adequa a realidade dos/as mesmos/as, portanto, as mesmas ainda são pensadas, redigidas e sancionadas com intuito de favorecer as grandes indústrias laticinistas.

## ABSTRACT

SANTOS, Priscila Alves dos, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, September, 2017. **Family Agriculture in Agroecological Transition: A look at the commercialization of milk and dairy products in municipalities of Zona da Mata Mineira.** Advisor: Paula Dias Bevilacqua.

Family agriculture occupies a prominent place in the rural context, once it is present in 84.4% of the total rural establishments and is responsible for 38% of national agricultural production gross value. Even in this scenario, the existing laws potentiate production and only benefit large industries, preventing small family farmers from being inserted in market scenario, mainly of animal origin products (milk and milk products). The main objective of this study was evaluating the limits and possibilities of that products commercialization by Zona da Mata Mineira family farmers during agroecological transition, considering the national and state legal framework (Minas Gerais). For this, we used semi-structured interviews, content analysis and participatory observation as theoretical and methodological option. Twelve interviews were realized with family farmers from Viçosa, Muriaé and Divino counties, which had in common milk production, processing and commercialization of this raw material, besides being in agroecological transition process. Even if the discourse about it and its own designations refer to these protagonists in question, laws still maintains the industrial character that does not fit the reality of small family farmers, therefore, the mentioned laws are still thought, drafted and sanctioned intending to favor large laticians industries.

## 1. INTRODUÇÃO

A agricultura familiar ocupa lugar de destaque no campo, pois se faz presente em 84,4% do total de estabelecimentos rurais e é responsável por 38% do valor bruto da produção agropecuária nacional. Apesar de apresentar índices significativos, e dos agricultores e agricultoras familiares serem assistidos por meio de diversas legislações, esse tipo de agricultura encontra-se marginalizada, devido ao fato de que esses meios legais ainda não abrangem a diversidade e a realidade de muitos/as agricultores/as.

As legislações sanitárias vigentes foram e permanecem sendo desenvolvidas com foco em grandes indústrias, o que dificulta a inserção dos pequenos/as agricultores/as familiares no mercado formal de comercialização de produtos de origem animal. Pelo fato de os/as agricultores/as familiares apresentarem características específicas de produção, e uma forma diferenciada de produzir, as exigências normativas geram entraves para a produção e, conseqüentemente, a venda desses produtos.

Através do trabalho já executado pelo grupo interdisciplinar “Animais para Agroecologia”, da Universidade Federal de Viçosa, que dentre suas diversas abordagens, desenvolve atividades voltadas para produção de bovinos de leite, como a avaliação da qualidade sanitária do leite produzido em municípios da região, foi possível diagnosticar a crescente demanda dos agricultores/as familiares, em transição agroecológica, em comercializar produtos de origem animal (leite e derivados). Essa prática é comum na região e ocorre de maneira informal, porém, devido à crescente valorização e demanda do mercado por esses produtos, os/as agricultores/as despertaram para a necessidade de formalizar e regulamentar sua produção, a fim de atender às demandas locais e/ou até expandir a comercialização para municípios próximos.

A partir desse cenário surgiu a importância de se fortalecer a cadeia de produção e a comercialização dos produtos da agricultura familiar que, atualmente, apresenta-se marginalizada no mercado, apesar de possuir grande potencial, uma vez que esses produtores/as estão inseridos em um processo de transição da forma de produção convencional para a agroecológica. Cabe aqui pontuar que a transição agroecológica é um processo gradual de transformação de um modelo produtivo “convencional”, baseado no

uso de agrotóxicos e na dependência de insumos externos, para um sistema de produção que dispõe de recursos próprios, objetivando a autonomia da família agricultora (CAPORAL & COSTABEBER, 2002).

Portanto, como o foco do trabalho dos atores envolvidos nesse processo é a Agroecologia, estes preconizam o uso de preparados homeopáticos e fitoterapia no manejo dos animais, o que gera um produto final (no caso o leite e derivados) sem resíduos químicos. Essa forma de produção tem sido cada vez mais valorizada pelos consumidores, porém, o acesso a esse tipo de produto ainda é limitado, devido à dependência das grandes cadeias agroindustriais alimentares que controlam todo o processo de produção e venda dos produtos aos consumidores, diminuindo a autonomia do produtor, agregando menos valor ao produto e distanciando os/as agricultores/as dos consumidores.

Com a valorização dos produtos agroecológicos, os/as agricultores/as passam a perceber a necessidade de formalizar e regulamentar sua produção, a fim de atender às demandas locais e/ou até expandir a comercialização para municípios próximos. Entretanto, várias questões podem se impor como dificuldades para viabilizar esse processo. Nesse sentido, objetivamos analisar a os limites e possibilidades de comercialização de produtos de origem animal (leite e derivados) por agricultores/as familiares em transição agroecológica, refletindo sobre as determinações legais existentes, no âmbito nacional e estadual (Minas Gerais).

A pesquisa foi estruturada em tópicos. No tópico inicial escrevo a introdução, no tópico seguinte, intitulado revisão de literatura, abordo os temas centrais e orientadores da pesquisa, e no tópico 3 apresento os objetivos da mesma.

No percurso metodológico, o tópico 4, descrevo os caminhos trilhados até o desenvolvimento da pesquisa e abordo o cenário do estudo, os critérios de seleção e contato com os/as agricultores/as entrevistados, a situação das entrevistas, a estruturação dos dados construídos com as entrevistas e a análise documental.

E por fim, no tópico 5, resultados e discussão, apresento os resultados da análise documental e os resultados da análise das narrativas dos/as participantes .

## 2. REVISÃO DE LITERATURA

### 2.1. Agricultura Familiar

A cartilha “Perfil da Agricultura Familiar de Minas Gerais” (EMATER, 2014) define a Agricultura Familiar como:

“[...] os modos de vida e as formas de produzir em unidades de produção agropecuária ou extrativista em áreas de até 4 (quatro) módulos fiscais, sendo o trabalho exercido predominantemente pela família. Geralmente as famílias mantêm o domínio e o controle do que e do modo como produzir e consumir. A maior parte da renda é originada das atividades econômicas vinculadas ao estabelecimento e/ou empreendimento, mantendo relações diferenciadas com o mercado. Os agricultores familiares são portadores de tradição e se caracterizam ainda, pela pluriatividade, multifuncionalidade, diversidade e territorialidade, expressando uma nova ruralidade (EMATER, 2014).”

Entretanto, as políticas públicas que emergiram com o pressuposto de melhorar a realidade do campo e maximizar a produção, valorizaram as grandes empresas - fornecedoras de sementes transgênicas, insumos químicos e maquinários agrícolas - e produtores de alto poder aquisitivo. Assim, em algumas regiões do país, foi evidente a queda da atividade da agricultura familiar, devido à alarmante desigualdade de produção e escassez de recursos naturais, fazendo com que os pequenos produtores familiares incorporassem um manejo de característica industrial. Nesse cenário, a agricultura familiar se tornou dependente de insumos externos, renegando os conhecimentos advindos de anos de prática, acarretando à incapacidade do ‘campo’ ser o modo de subsistência de inúmeras famílias (SCHNEIDER, 2003).

Vale ressaltar que a agricultura familiar é detentora de uma magnitude de informações, que toma forma em manejo propiciador da associação dos recursos naturais e preservação da biodiversidade que visa à estabilidade e segurança de suas próximas gerações, assegurando a sustentabilidade e perduração da atividade.

De acordo com o Censo Agropecuário de 2006, a agricultura familiar equivale a 84,4% do total de estabelecimentos rurais e é responsável por 38% do valor bruto da produção agropecuária nacional, ocupando, assim, um lugar de destaque no contexto rural, devido a sua eficaz forma de produção (IBGE, 2009).

No estado de Minas Gerais, 437.320 estabelecimentos agropecuários são pertencentes a agricultores familiares, estando 14,3% desses localizados na Zona da Mata (IBGE, 2009).

A cartilha “A agricultura familiar no Brasil e o Censo Agropecuário 2006” traz a importância das propriedades familiares na economia e produção de alimentos no Brasil e faz os seguintes apontamentos:

“[...] Um conjunto plural formado pela pequena e média propriedade, assentados da reforma agrária e comunidades rurais tradicionais-extrativistas, ribeirinhos, quilombolas, entre outras. A Agricultura familiar cresceu, passou a produzir mais, dar trabalho a mais gente, gerar mais renda, e segue responsável por garantir a segurança alimentar da população brasileira” (IBGE, 2009, p.2).

No entanto, estes fatos foram ignorados por décadas e a agricultura familiar foi, por algum tempo, menosprezada pelas políticas públicas de incentivo à agropecuária, sendo vista como um ambiente em atraso e incapaz de somar à economia do país. Sobre essa modernização do campo, Buainain (2003) relata que:

“[...] historicamente a agricultura familiar enfrentou um quadro macroeconômico adverso, caracterizado pela instabilidade monetária e inflação elevada, discriminação negativa da política agrícola que favorecia os produtores patronais, política comercial e cambial desfavorável e deficiência dos serviços públicos de apoio ao desenvolvimento rural. Na realidade, ao invés de promover o desenvolvimento rural e local, o conjunto de políticas públicas promoveu o esvaziamento do campo e inibiu o desenvolvimento local, em favor das grandes metrópoles e cidades médias” (BUAINAIN, 2003, p.329).

Além dos aspectos supracitados, essa modernização do campo acarretou agravantes problemas sociais. Devido à precariedade de sobrevivência, a desleal concorrência com os grandes produtores e a saturação do mercado, uma expressiva parte de trabalhadores/as rurais, juntamente com suas famílias, abandonou suas terras e se deslocou para grandes cidades em busca de uma vida mais digna, o que é conhecido como êxodo rural. Porém, o êxodo rural desencadeou outro processo nas grandes cidades, Lamarche (1993) afirma que “o êxodo rural em direção as grandes cidades traduz-se muitas vezes em crescimento do desemprego ou subemprego, resultando na desordem social e na violência que o país vivencia atualmente”.

Entretanto, muitos permaneceram e permanecem no campo, onde recriam sua existência e o certificam como espaço de vida, trabalho, produção e relações sociais. A partir das disputas neste espaço, emergiu no país um movimento importante, a Agroecologia.

## **2.2. Agroecologia**

A intensa modernização da agropecuária desenvolvida com base nos pacotes tecnológicos da “Revolução Verde” tomou forma hegemônica de produção no país<sup>1</sup>. Em consequência dos inúmeros danos causados ao meio ambiente e da drástica descaracterização da agricultura, principalmente familiar, devido a forma industrial “imposta” aos sistemas agrícolas, iniciou-se um processo de desenvolvimento de um estilo de agricultura mais sustentável, em que o meio ambiente tivesse uma equilibrada relação com as culturas, ser humano e os animais inseridos nesse contexto<sup>2</sup>.

Assim, emergiram correntes de produção, como: orgânica, biodinâmica, permacultura, natural, entre outras, tendo cada uma delas particularidades advindas do contexto onde foram sendo propostas e experimentadas (ORTEGA, 2002).

Como exemplo, cito a produção orgânica que tem como princípio a não utilização de adubos químicos sintéticos, herbicidas, inseticidas, fungicidas, no solo e plantas. Porém, é permitida a utilização de insumos e adubos orgânicos comercializados. Nos animais, também não se permite o uso de fármacos sintéticos, sendo tais substituídos por fitoterápicos e homeopatia na prevenção e tratamento de enfermidades (AQUINO, 2005; BARROS, 2010).

Porém, essas escolas agrícolas alternativas não apresentaram resultados satisfatórios para questões socioambientais, advindos do modelo convencional de produção, tendo um foco mais objetivo na produção, como a simples substituição dos insumos químicos para insumos orgânicos. Assim, na década de 1970 surgiu a chamada Agroecologia que

---

<sup>1</sup> Pacote tecnológico refere-se a um pacote básico que se montou a partir das sementes de Variedades de Alto Rendimento (VAR) e de um conjunto de práticas e insumos agrícolas necessários para assegurar as condições para que as novas

<sup>2</sup> Sustentabilidade diz respeito ao desenvolvimento que satisfaz às necessidades da geração presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras para satisfazer as suas próprias necessidades (CAPORAL, 2002).

inicialmente era vista como o campo científico de uma agricultura de base ecológica, mas, posteriormente, começa a ser compreendida e definida a partir de três pilares: prática, movimento social e ciência. Enquanto prática e ciência, a agroecologia busca formas e estratégias para “fugir” dos modelos implantados pela revolução verde (insumos, químicos, monoculturas, dentre outros) e (re)inventar um novo estilo de vida no campo a partir dos tradicionais e antigos valores oriundos de séculos passados quando apenas o conhecimento empírico, a criatividade e os recursos locais disponíveis eram suficientes para instauração de sistemas agrícolas sustentáveis (ALTIERI, 1992; PLOEG, 2008; WEZEL et al, 2009).

A Agroecologia como movimento social, demonstra sua relação/interação com agricultores/as familiares e seus movimentos/organizações, como por exemplo, o Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST), os movimentos sindicais, dentre outros. Estes movimentos e organizações se estruturam e lutam pelo fortalecimento da Agroecologia e da agricultura familiar (WEZEL et. al., 2009; ZANELLI, 2015).

Com intuito de recuperar, analisar e sistematizar as propriedades rurais, principalmente de caráter familiar, como base da construção de estilos e estratégias de novos modelos de agriculturas e desenvolvimento rural sustentável, a Agroecologia trouxe à tona discussões acerca de uma agricultura com menor impacto ambiental que busca uma relação harmoniosa entre áreas de preservação, criações animais, culturas e ser humano que interagem entre si de forma a beneficiar todo o ambiente, além de promover a inclusão social, viabilizar a autonomia e criar estabilidade econômica do/a agricultor/a, devido à diversidade de atividades desenvolvidas dentro da propriedade (CAPORAL, 2002; ALTIERI, 2004).

Devido ao vasto campo de atuação e à complexidade dos sistemas envolvidos, a conceituação dessa vertente de produção possui diversas interpretações, variando com as experiências e vivências de cada autor. Sendo assim, Figueiredo (2002), conceitua a Agroecologia como “uma ciência que estuda as relações entre o meio ambiente e as atividades produtivas no meio rural enfatizando princípios que proporcionem a sustentabilidade dos agroecossistemas, o bem estar animal e das pessoas”.

Já Altieri (2004) afirma que a Agroecologia:

“[...] é uma abordagem que integra os princípios agrônômicos, ecológicos e socioeconômicos à compreensão e avaliação do efeito das tecnologias sobre os sistemas agrícolas e a sociedade como um todo, utilizando os agroecossistemas como unidade de estudo, ultrapassando a visão unidimensional – genética, agronomia, edafologia – incluindo dimensões ecológicas, sociais e culturais” (ALTIERI, 2004, p.23).

Assis e Romeiro (2002) definem que a Agroecologia como:

“[...] não deve ser entendida como uma prática agrícola. É uma ciência que busca o entendimento do funcionamento de agroecossistemas complexos, bem como das diferentes interações presentes nestes, tendo como princípio a conservação e a ampliação da biodiversidade dos sistemas agrícolas como base para produzir auto-regulação e conseqüentemente sustentabilidade” (ASSIS e ROMEIRO, 2002, p.72).

A produção agroecológica, ao contrário dos métodos de produção convencionais, que, ao imporem a mecanização do campo e as monoculturas, acarretaram perda da fertilidade do solo, degradação dos recursos naturais, eliminação da biodiversidade, diminuição da qualidade dos alimentos, aumento no índice de doenças zoonóticas, exclusão social e êxodo rural de inúmeras famílias, promove o desenvolvimento rural sustentável. Parte da busca da identidade do local para assim criar e recriar a heterogeneidade do campo, agregando a ele conhecimentos de diversas áreas, incluindo os saberes dos/as próprios/as agricultores/as para construção de uma agricultura de base ecológica e sustentável, onde a produção de alimentos provém da renovação e reciclagem do solo, do uso coerente dos recursos naturais para manutenção da biodiversidade, sem a utilização de agrotóxicos e adubos químicos, além da incorporação animal a fim de maximizar as potencialidades da propriedade sendo o mesmo tratado de forma ética, prezando em primeira instância o bem estar de todos atores envolvidos no meio (CAPORAL E COSTABEBER, 2004; GÚZMAN, 2005; POLLAN, 2007).

Dessa forma, a Agroecologia apresenta como característica marcante uma análise sistêmica do agroecossistema, a fim de que a intervenção humana adote formas de exploração dos recursos que contemplem a regeneração e conservação da biodiversidade, que promova equilíbrio e harmonia dos processos, bem estar dos/as envolvidos/as, estabilidade econômica e das produções, segurança alimentar, autonomia e inclusão social.

Nesse contexto, a inserção da criação animal torna-se imprescindível, pois os mesmos potencializam a funcionalidade dos agroecossistemas sendo, além de fonte de adubo orgânico, gerador de mais uma fonte de alimentação (carne, ovos, leite e derivados) e renda para as famílias, tornando-as cada vez menos dependentes do mercado externo (BOTTECCHIA et. al.,1998; PASSOS, 2008;).

### **2.3. Produção Agroecológica e Produção Orgânica**

Dentre as diversas correntes de produção, denominadas alternativas, a mais difundida, reconhecida no mercado e contemplada por políticas públicas é a produção orgânica. Mas, vale ressaltar, que a mesma não deve ser vista como semelhante e ou igual a produção agroecológica.

Assis (2006) ressalta que a produção agroecológica “[...] busca a auto-regulação dos agroecossistemas como forma de atingir a sustentabilidade, a produção agroecológica não só enfatiza a importância dos parâmetros agronômicos e ecológicos, como também das questões socioeconômicas, resgatando o fato de que a agricultura, além de ser um processo ecológico, é um processo social, ou seja, o desenvolvimento tecnológico deve estar inserido num processo amplo em que a tecnologia seja instrumento para um desenvolvimento rural que atenda às demandas sociais e econômicas”. Portanto, a produção agroecológica adequa-se à realidade dos pequenos agricultores familiares, pois a mesma propicia autonomia, supre as necessidades dos mesmos e não compromete as gerações futuras (CANUTO, 1998; ASSIS E ROMEIRO, 2002).

Já a produção orgânica, de acordo com Assis (2006) “[...] ocorre como a agricultura convencional, a maior interação com o mercado estabelece, sobre estes agricultores, forte pressão de demanda por certos produtos orgânicos, em razão da maior facilidade de acesso a informações e a mercados diferenciados, que muitas vezes leva à busca de resultados imediatos de produtividade que põem em risco a sustentabilidade da atividade agrícola”.

Portanto, a produção orgânica ao contrário da agroecológica, tem suas ações com foco nos mercados e lucros. Assim, esse sistema muitas das vezes tem sido representado por monoculturas, com uso de insumos alternativos comerciais, cujo principal objetivo é o aumento da produtividade. Ou seja, esse tipo de produção tem se assemelhado cada vez

mais à produção convencional que privilegia somente os fatores econômicos (MAZZOLENI e NOGUEIRA, 2006).

#### **2.4. Marco legal sobre a agroindustrialização familiar**

Em 2009, foi publicado, a partir dos dados do Censo Agropecuário de 2006, o caderno temático com informações sobre a agricultura familiar, intitulado “Agricultura Familiar: Primeiros Resultados”, produto da parceria entre o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) e o Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) (MDA, 2009).

Esse material destaca a importância da agricultura familiar no país. Segundo Del Grossi e Marques (2010) esse caderno temático “(...) veio possibilitar o preenchimento de uma importante lacuna de informações oficiais para as políticas públicas de desenvolvimento rural: quantos são, onde estão, como e o que produzem os agricultores familiares no país”. Sendo esses dados de extrema importância para elaboração e avaliação de futuras políticas públicas.

A aprovação da Lei Federal nº 11.326/2006 forneceu o marco legal da agricultura familiar e também permitiu sua inserção nas estatísticas oficiais acima citadas. Pois é essa lei que estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais.

A lei acima referida “considera agricultor familiar e empreendedor familiar rural aquele que pratica atividades no meio rural, atendendo, simultaneamente, aos seguintes requisitos: I- não detenha, a qualquer título, área maior do que 4 (quatro) módulos fiscais; II- utilize predominantemente mão-de-obra da própria família nas atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento; III - tenha renda familiar predominantemente originada de atividades econômicas vinculadas ao próprio estabelecimento ou empreendimento; IV - dirija seu estabelecimento ou empreendimento com sua família” (BRASIL, 2006).

Um dos tópicos abordados na Lei 11.326/2006 diz respeito à comercialização de produtos e à agroindustrialização da agricultura familiar, com vistas a formulação e implementação de políticas públicas que regularizem esses dois aspectos (BRASIL, 2006).

Tais aspectos emergem da crescente discussão a respeito de soberania e segurança alimentar, que aumentou o número de consumidores preocupados com a origem dos alimentos que chegam à sua mesa, o que desencadeou a maior procura por alimentos oriundos da agricultura familiar, principalmente de cunho agroecológico e/ou orgânico.

Esse fato tem despertado nos/nas agricultores/as familiares o interesse em regularizar a comercialização de seus produtos, de origem animal e/ou vegetal, que em grande parte sempre ocorreu de maneira informal.

Esse cenário de comercialização ilegal é, em parte, consequência das legislações, que no seu desenvolvimento focaram as grandes indústrias, marginalizando, assim, a agricultura familiar, que, na prática, visualizou que tais exigências normativas tornavam inviável sua produção. Além de focar as grandes indústrias, ainda é possível afirmar que as legislações elaboradas para contemplar a agricultura familiar, na verdade, favorecem as unidades familiares mais capitalizadas, já inseridas nas redes de comercialização e que produzem especificamente com a finalidade de comercializar. Tais legislações, assim, menosprezam as unidades familiares menos capitalizadas, que utilizam pouca ou nenhuma tecnologia, também denominada como “atrasadas”, que combinam a produção para o consumo familiar com a venda para mercados (ALMEIDA, 1997; PREZOTTO, 2002; FERRARI, 2010;).

Objetivando a reversão desse quadro, o governo federal, no ano de 1998, criou o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF – Agroindústria: Integração, Agroindustrialização e Comercialização da Produção da Agricultura Familiar), com a finalidade de conceder crédito e apoio institucional aos pequenos agricultores rurais que até então haviam sido excluídos das políticas públicas existentes (SCHNEIDER et al., 2004; JUNIOR, 2010).

A formulação do PRONAF - Agroindústria foi vista como forma de inserir os agricultores familiares no processo produtivo, além de propiciar a expansão da

comercialização dos seus produtos e, conseqüentemente, aumentar a renda dos mesmos. Porém, esse programa não contemplava, efetivamente, esses atores sociais, como por exemplo, a restrição do financiamento, que contemplava somente projetos coletivos, ou seja, o financiamento só era concedido a projetos estruturados em redes, excluindo, assim, os projetos individuais. Sendo esse um dos motivos pelo qual esse programa não chegou a ser implementado (PREZOTTO, 2002; JUNIOR, 2010).

Portanto, no ano de 2003, o PRONAF- Agroindústria passou a fazer parte do Programa de Agroindustrialização da Agricultura Familiar, que emergiu com o intuito de viabilizar as agroindústrias no meio rural, que além dos financiamentos passou a adotar novas medidas que se referiam a legislações, capacitações, entre outras (JUNIOR, 2010). Porém, esse programa pecou em manter políticas já elaboradas, como algumas legislações que não reconheciam as especificidades de cada região, o que passou a ser um obstáculo para a regularização da agroindústria familiar.

Com intuito de unificar os serviços de inspeção sanitária e reverter os problemas identificados para os pequenos produtores, foi publicado o Decreto nº 5.741/2006 que regulamentou o Sistema Unificado de Atenção à Sanidade Agropecuária - SUASA um novo sistema de inspeção que, apesar de apresentar avanços na legislação, foi implantado em poucos estados do país (BRASIL, 2006).

Mediante essa situação, é publicado, em 2010, o Decreto nº 7.216 que se caracterizou por respeitar as especificidades de cada região e as diferentes escalas de produção onde está inserida a agroindústria familiar. Além disso, esse decreto possibilita que os municípios tenham normas específicas em relação às condições gerais dos estabelecimentos rurais (BRASIL, 2010).

No Estado de Minas Gerais, o órgão responsável pela fiscalização dos produtos de origem animal e vegetal é o Instituto Mineiro de Agropecuária (IMA). Em 2012, o IMA publicou a Portaria nº 1.252 para regulamentar e adequar às exigências estabelecidas pela Lei estadual nº 19.476/2011, a realidade da agricultura familiar (MINAS GERAIS, 2011; IMA, 2012). Essa portaria visa apoiar maior inclusão dos agricultores familiares aos processos de agroindustrialização da produção, estabelecendo as normas relacionadas às

instalações e aos equipamentos necessários para produção e elaboração dos produtos de origem animal (IMA, 2012).

Ainda que recente a publicação, possíveis avanços podem ser indicados com essa legislação, uma vez que a regularização dos produtos da agricultura familiar, permite que os agricultores estejam aptos a comercializarem os mesmos no estado. Também, essa legislação, possibilita a inserção dos agricultores e o fortalecimento da distribuição por meio de outros programas, como o Programa Nacional de alimentação Escolar - PNAE que determina que 30% dos alimentos ofertados na alimentação escolar devem ser oriundos de agricultores/as familiares. Essa é uma das possibilidades e motivações para que os/as agricultores/as busquem cada vez mais regularizar seus produtos e estabelecimentos.

### **3. OBJETIVOS**

#### **3.1. Objetivo geral**

Avaliar os limites e possibilidades de comercialização de produtos de origem animal (leite e derivados) por agricultores/as familiares em transição agroecológica.

#### **3.2. Objetivos Específicos**

- Analisar criticamente as legislações vigentes;
- Avaliar o conhecimento dos/as agricultores/as familiares dos municípios de Viçosa, Divino e Muriaé sobre as legislações vigentes (nacionais e estaduais) que definem e organizam a atenção à comercialização de leite e derivados;
- Avaliar as estratégias adotadas pelos/as agricultores/as familiares, dos municípios supracitados, para comercialização de leite e derivados.

## **4. PERCURSO METODOLÓGICO**

### **4.1. Trajetória de trabalho: Os caminhos percorridos até o desenvolvimento da pesquisa**

Em 2011, soube que na UFV existia um Grupo de extensão, ensino e pesquisa, conhecido como “Animais para Agroecologia” (APA). Até então, eu não sabia o que era Agroecologia, mas tinha ouvido dizer que esse Grupo desenvolvia suas atividades com agricultoras/es familiares da região e abordava temáticas como o uso da homeopatia nos animais, alimentação não convencional, análise do leite, entre outras.

Pensando que a Agroecologia se resumia somente em uma forma de trabalho diferente do convencional e interessada em aprender algo novo, não hesitei e logo procurei me informar sobre como poderia me inserir nos trabalhos/atividades desse Grupo.

A motivação para a inserção no Grupo emergiu pelo fato de que os até então quatro anos cursados em Medicina Veterinária, não haviam me proporcionado a oportunidade de vivenciar/conhecer outro modelo de ensino e trabalho, a não ser o “tradicional” pautado no discurso do agronegócio.

Enfim, soube que o grupo se reunia todas as quartas-feiras no Centro de Ensino e Extensão (CEE) da UFV. Na mesma semana, encaminhei-me até o local para participação desse espaço. No começo, percebi o quanto estava perdida e deslocada, primeiro por não ser graduanda dessa instituição e, conseqüentemente, não conhecer os/as participantes (estudantes de graduação, pós-graduação e professoras) do Grupo, e também por, como já explicitado anteriormente, não estar familiarizada com as temáticas trabalhadas pelo mesmo. Mas, mesmo diante algumas dificuldades segui em frente... Com o passar do tempo pude conhecer o histórico do Grupo e assimilar a importância da sua atuação.

O “Animais para Agroecologia” é um grupo multidisciplinar formado por estudantes de graduação e pós-graduação e professores/as dos departamentos de Veterinária, Solos e Zootecnia da UFV. Desde 2006, o mesmo desenvolve e facilita atividades em municípios da Zona da Mata Mineira. Estas atividades ocorrem em parceria com as organizações da agricultura familiar da Zona da Mata de Minas Gerais e com o

Centro de Tecnologias Alternativas (CTA-ZM), sendo o foco das mesmas a potencialização da criação animal em pequenas propriedades da agricultura familiar em processo de transição agroecológica (FREITAS, 2009; CORREIA et al., 2011; FURTADO, 2016).

Ao longo de sua trajetória, o grupo vem abordando diversas temáticas em relação à criação animal, como: alimentação não convencional para galinhas caipiras e bovinos, levantamento e identificação de árvores nas pastagens, manejo de solo e pastagens, manejo do esterco, manejo reprodutivo, sanidade, uso de preparados homeopáticos e fitoterápicos, boas práticas de ordenha, criação de peixes, além de realizar exames de brucelose e tuberculose, coletas e análises de amostras de leite e análises bromatológicas de alimentos.

Após a imersão no Grupo, tive o privilégio de participar e facilitar inúmeras atividades a campo, junto aos/às agricultores/as; espaços de formação; reuniões de planejamento e avaliação de atividades; reuniões com lideranças sindicais parceiras e com o Centro de Tecnologias Alternativas (CTA-ZM). Ao participar desses espaços, pude compreender que Agroecologia, conforme proposto por Wezel et al. (2009), além de ciência, é prática e organização de movimentos sociais para elaboração e (re)invenção do modo de praticar a agricultura e produzir a vida no campo.

Dentre tantas atividades, o Grupo realizava coletas de leite produzido no município de Araponga. Esta atividade, que teve início em 2011, tinha como objetivo avaliar a qualidade sanitária do mesmo. A atividade foi conduzida em 14 propriedades e, a partir dos resultados obtidos, foram planejadas ações para fomentar a reflexão e conscientização sobre a importância das boas práticas de ordenha. Para isso, foram realizadas as devoluções individuais, na residência de cada um dos/as participantes, e coletiva em forma de oficina. E foi nessa fase, de devolução de resultados, que inicia minha jornada até o estudo atual.

No ano seguinte, 2012, acompanhei as visitas para devolução de resultados individuais e pude contribuir na facilitação da oficina de boas práticas de ordenha, espaço realizado como forma de devolução coletiva e discussão dos resultados das análises feitas nesse município.

Já em 2013, o Grupo prosseguiu o trabalho de coleta e análise do leite produzido em Araponga, a fim de contemplar agricultores/as que estiveram impossibilitados de participar

anteriormente, além de ampliar a atividade para o Assentamento da Reforma Agrária Olga Benário, localizado no município de Visconde de Rio Branco, devido à demanda dos/as assentados/as.

No mesmo ano, por razão do envolvimento e interesse sobre a temática, participei da articulação e realização dessa atividade. O processo de articulação envolveu visitas prévias nas propriedades para dialogar sobre o objetivo, a forma como a mesma seria realizada, o mapeamento dos/as interessados/as; o agendamento das datas, assim como telefonemas para avisar e lembrar os/as participantes sobre a data das coletas. Estive presente em todas as coletas realizadas nos dois municípios e no momento das análises, realizadas no Laboratório de Inspeção de Produtos de Origem Animal, do Departamento de Veterinária da UFV. Além disso, facilitei a devolução dos resultados que, como no ano de 2011, foi realizada de forma individual e coletiva.

Por meio de tais vivências e considerando os resultados obtidos, surgiram várias reflexões, inquietações e indagações. Por que uma matéria prima (no caso o leite), que na maioria das propriedades onde foi coletada, apresentara boa qualidade (qualidade certificada através das análises realizadas) não era comercializada em mercados locais e/ou em municípios próximos? Por que os/as agricultores/as ainda estavam reféns de grandes indústrias/laticínios, fornecendo um ótimo produto por um preço tão injusto/irrisório? Quais eram os empecilhos e dificuldades para que essa comercialização de fato ocorresse? Por que produtos, como o leite e seus derivados, de boa qualidade, advindos da agricultura familiar e de animais que são manejados com isenção ou uso mínimo de produtos químicos (que colocam em perigo a saúde dos/as consumidores/as e dos animais e causam impactos ambientais) não chegam até a mesa de consumidores/as que prezam pela compra dos mesmos? Tais e tantos outros questionamentos afloraram o desejo de idealizar e executar esse estudo.

#### **4.2. Cenário do estudo**

O estudo foi desenvolvido em três municípios (Divino, Viçosa e Muriaé) da mesorregião da Zona da Mata de Minas Gerais, no período de novembro de 2015 à setembro de 2016. A região da Zona da Mata localiza-se à sudeste do estado e possui sete

microrregiões (Cataguases, Juiz de Fora, Manhuaçu, Muriaé, Ponte Nova, Ubá e Viçosa) e cento e quarenta e dois municípios, conforme Figura 1 (IBGE, 2010).



Figura 1: Localização da mesorregião Zona da Mata, Minas Gerais, Brasil.

Fonte: <http://geoprocessador.blogspot.com.br/p/mapas.html>.

A região é caracterizada pela expressiva quantidade de propriedades rurais da agricultura familiar, representando 82% dos estabelecimentos. Nos municípios estudados (Divino, Muriaé e Viçosa), os estabelecimentos rurais da agricultura familiar correspondiam a 43,6%, 7,5% e 6,8%, respectivamente (IBGE, 2010).

Os municípios em questão também possuíam outras características semelhantes, como a pecuária leiteira e a cafeicultura - suas principais atividades - além do predomínio da produção de subsistência, como a mandioca e o feijão, por exemplo.

A proposta inicial da pesquisa era trabalhar com os/as agricultores/as do município de Araponga, Divino e Viçosa. Esses municípios foram eleitos devido aos seguintes critérios: (i) parceria já estabelecida entre as organizações sindicais e/ou os/as agricultores/as e o Grupo “Animais para Agroecologia”; (ii) agricultores/as em processo de transição agroecológica; (iii) tipo de produção realizada por tais agricultores/as (produção de leite e derivados de forma não convencional, ou seja, forma de produção e cuidado dos animais sem ou com uso mínimo de rações e medicamentos químicos); (iv) o desejo dos/as

agricultores/as em aumentar e regulamentar a produção da matéria-prima (leite) e/ou seus derivados e (v) o interesse em participar da pesquisa.

Para o melhor entendimento dessa escolha, segue abaixo um breve histórico de cada município, como ocorreu a parceria com o Grupo APA e a realização ou não da pesquisas nessas locais.

#### **4.2.1. Araponga**

O município de Araponga está localizado no entorno do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro, à leste da mesorregião da Zona da Mata de Minas Gerais, sua área territorial ocupa 303,793Km<sup>2</sup>. O relevo é montanhoso, portanto, sua sede encontra-se a 950 metros de altitude e o pico mais alto (Pico do Soares) a 1.985m (FERRARI, 2010).

O município possui, aproximadamente, 8.152 habitantes, sendo que 62,7% residem em áreas rurais. Vale destacar que na maioria desses estabelecimentos rurais residem agricultores/as familiares (IBGE, 2010).

As principais atividades desenvolvidas na região são a cultura de café, pecuária (com ênfase na produção de bovinos, aves e suínos), além das culturas de subsistência das famílias, como milho, mandioca e feijão (FERRARI, 2010; IBGE, 2010; FURTADO, 2016).

O sistema de produção e os manejos parcialmente adotados na região, pautados na modernização da agricultura (tem que como base o melhoramento genético, implantação de monoculturas, dependência de insumos externos como agrotóxicos e fertilizantes químicos, e mecanização), acarretaram diversos problemas econômicos e sociais, como: contaminação de solos; contaminação das águas e suas nascentes; aumento no custo da produção e conseqüentemente endividamento dos/as agricultores/as familiares; queda na produção e o êxodo rural (SOUZA, 2006; FERRARI, 2010; ZANELLI, 2015).

Mediante o cenário exposto acima, no de 1994, através de uma parceria entre o Departamento de Solos (DPS) da UFV, o CTA e o Sindicato dos Trabalhadores Rurais (SINTRAF) de Araponga, teve início a implementação e experimentação participativa de

sistemas agroflorestais (SAFs) em algumas propriedades familiares em transição agroecológica (PASSOS, 2008; FREITAS et al., 2009).

Os SAFs são a tentativa de imitar o que ocorre na natureza, ou seja, plantas lenhosas (árvores e arbustos, por exemplo) são manejadas em consórcios/associação com plantas herbáceas, e/ou culturas agrícolas, forrageiras e/ou animais, com ampla diversidade de espécies e interações entre tais (GOTSCH, 1996; BRASIL, 2010; STEENBOCK et al., 2013).

Os objetivos da implementação desse sistema (os SAFs em consórcio com a cultura do café, como especificamente ocorreu em Araponga) era reverter o quadro de degradação das pastagens, do solo, além de adequar as práticas de manejo para a melhoria da produção.

Aproximadamente dez anos depois, entre os anos de 2003 e 2004, essa experiência foi sistematizada. Esse processo de sistematização contou com a participação de agricultores/as, alunos/as, professores/as e técnicos/as do CTA-ZM (FREITAS et al., 2009).

A partir dessa sistematização, foi possível identificar que nas propriedades havia uma baixa integração entre os SAFs e as criações animais. As criações animais tinham um papel importante nesse processo, a produção de esterco, mas que não era valorizada nos SAFs.

Os/As agricultores/as em questão estavam em processo de transição para produção de café orgânico e almejavam sua certificação, porém, a quantidade de esterco produzido nas propriedades não era suficiente, o que gerava a dependência de compra do mesmo. Como no processo de certificação orgânica é fundamental saber a procedência do esterco, pois não é permitido que o mesmo tenha resíduos químicos oriundo de produtos utilizados no manejo dos animais, constatou-se que aquisição de novos animais era necessária (FREITAS et al., 2009; PASSOS, 2009;).

Assim, foi elaborado o projeto: “Vacas para o café: fechando o ciclo da produção orgânica do café”, o qual obteve auxílio de organizações holandesas. Este recurso foi concedido a 15 famílias, para aquisição de novos animais (bovinos e caprinos) e melhorias/adequações das instalações. Como o número de famílias interessadas na proposta era maior do que a quantidade que poderia ser contemplada, adotou-se um sistema de

repassa em cadeia, onde a primeira cria bovina ou caprina da família beneficiada seria doada a outra família vinculada à Associação dos Agricultores Familiares de Araponga (AFA) (FURTADO, 2016).

A partir deste trabalho, iniciou-se a conformação e atuação do Grupo “Animais para Agroecologia”, que expandiu sua atuação para outros municípios da ZM e as temáticas trabalhadas em relação a produção animal agroecológica. Além disso, foi firmada a parceria entre o Grupo, o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Araponga (SINTRAF) e a AFA.

No decorrer dos sete anos (2007 - 2014) dessa parceria, foram desenvolvidas diversas atividades que abordaram diferentes temáticas. Porém, em 2013, essa relação revelou algumas dificuldades, não só com o Grupo “Animais para Agroecologia”, mas com outros grupos de extensão da UFV e até mesmo com o CTA-ZM. Foi possível observar que as lideranças sindicais do município, que também eram os/as articuladores/as das atividades, demonstravam certa resistência ou até mesmo negavam a realização de encontros e novas atividades.

Nesse período foi iniciada a conversa para o desenvolvimento dessa pesquisa no município. Inicialmente, esse diálogo foi feito com uma pessoa, que na época era articuladora e integrante da AFA, que em primeira instância declarou a iniciativa como positiva e importante para a região, pois era de interesse dos/as agricultores/as avançar na discussão sobre a comercialização de produtos, além disso, a mesma se colocou à disposição para fazer uma conversa inicial com os/as possíveis participantes. Ainda, pensamos no agendamento de um espaço/reunião, no qual eu estaria presente, para dialogar com o grupo sobre o objetivo do estudo, quais seriam as intervenções e também realizar o mapeamento dos/as interessados/as.

Infelizmente esse espaço não se concretizou! Diversas estratégias foram realizadas para que o mesmo acontecesse, porém a cada ligação ou encontro percebia que essa realidade estava cada vez mais distante. Várias indagações foram feitas sobre a situação. Será que foi algo que não ficou bem explicitado? Será que houve desinteresse coletivo? Será que realmente é interessante desenvolver esse estudo na região? Será que devo mesmo

continuar “forçando a barra” para cumprir os objetivos desse estudo? Será... Será... Será...? Foram muitos “serás” que geraram a desistência.

Desistência também pautada na percepção de que não era o momento deles/as para o desenvolvimento e participação em mais uma pesquisa. Há anos esse grupo de agricultores/as vem se colocando à disposição, participando e colaborando na realização de inúmeros trabalhos/pesquisas que lá foram realizados. Houve uma sobrecarga de atividades e a opção por, no momento, caminharem sozinhos/as? Acredito que sim.

#### **4.2.2. Divino**

Divino possui área territorial de 338,716 km<sup>2</sup> e, aproximadamente, 19.131 habitantes, sendo 8.336 (43,6%) moradores de áreas rurais e caracterizados como pequenos produtores. O município se destaca pela produção de café e culturas de subsistência, como milho, mandioca e feijão, além da pecuária leiteira (IBGE, 2010).

As atividades do Grupo APA nesse município tiveram início em meados de 2011, através da parceria com o Sindicato dos Trabalhadores Rurais (SINTRAF) de Divino. O sindicato local se organiza em várias frentes de trabalho que abordam diversas temáticas. Cada uma dessas frentes de trabalho possui um articulador ou uma articuladora, responsável por captar as demandas dos/as agricultores/as, mobilizar os/as mesmos/as e propor atividades e espaços de formação.

Uma das frentes de trabalho do sindicato é conhecida como Grupo “Mutirão Animal”, onde os/as participantes buscam e dialogam sobre práticas relevantes para o manejo das criações animais. Portanto, o Grupo APA, ao longo desses seis anos, facilitou várias atividades com o Grupo “Mutirão Animal”, sendo todas/as atividades mobilizadas pelo articulador.

Para realização do estudo nesse município, entrei em contato com o articulador do Grupo “Mutirão Animal”, expliquei o objetivo e o meu desejo de realizar a pesquisa neste local. O mesmo sinalizou o interesse e afirmou a importância de fomentar o estudo no local. Mas, esclareceu que era necessário um momento de diálogo com os demais articuladores/integrantes do sindicato e sugeriu que eu participasse de uma reunião de

planejamento que aconteceria em breve, para esclarecer para todos/as os objetivos e como seriam conduzidos os trabalhos.

Na sequência, participei da reunião e todos/as os/as presentes aceitaram e avaliaram como positiva a execução do estudo no município. Logo, aproveitei a oportunidade e dialoguei com o articulador do Grupo “Mutirão Animal” a respeito dos/as possíveis participantes. Após afinarmos esse diálogo e elegermos, em conjunto, cinco participantes, entramos em acordo de que ambos conversaríamos com esses participantes para explicar sobre a pesquisa e aferir o interesse ou não em participarem do estudo. A mim coube a responsabilidade de telefonar para as famílias e explicar sobre o estudo, além de convidá-las para participar, o articulador se comprometeu em visitar as mesmas para reforçar o convite e avaliar se havia mesmo o interesse em participar da pesquisa.

Por fim, todas as cinco famílias que havíamos eleito em primeira instância aceitaram participar do estudo e logo agendamos a data para realização da coleta de dados. Cabe ressaltar que no dia das entrevistas o articulador local não participou do momento.

#### **4.2.3 Viçosa**

O município de Viçosa ocupa área de 299.418 km<sup>2</sup> e possui aproximadamente 72.220 habitantes, sendo 6,8% residentes em áreas rurais e caracterizados como pequenos/as produtores/as (IBGE, 2010).

Apesar do Grupo APA ser originário desse município, sua atuação no mesmo teve início somente em 2013 por meio da parceria com a Rede de Raízes da Mata. A Rede Raízes da Mata iniciou suas atividades em 2011, com intuito promover uma organização coletiva de compras e estabelecer vínculos locais de produção e consumo de alimentos (CRUZ et al., 2013).

Baseada nos princípios da Agroecologia, Gestão compartilhada e Economia Solidária, a Rede promove todas as sextas feiras, na Vila Gianetti do campus da UFV, uma feira livre. Esta feira é estruturada por produtores/as individuais e organizações coletivas (Associações e Cooperativas) que conseguem entregar seus produtos diretamente aos consumidores, rompendo a dependência dos atravessadores. Os consumidores, ao terem

acesso aos produtos agroecológicos, livres de agrotóxicos, contribuem para a geração de renda para os/as agricultores/as, ao invés de fortalecer grandes cadeias alimentares (CRUZ, 2013).

Devido a parceria já estabelecida entre ambos os grupos, priorizamos agricultores/as vinculados a Rede para participar dessa pesquisa. Para isso, dialoguei com uma das integrantes da equipe técnica da Rede Raízes da Mata sobre a pesquisa, seus objetivos e o meu desejo de realizar a mesma com os/as agricultores/as vinculados a Rede.

Esta integrante relatou sobre a importância da pesquisa, além de enfatizar a necessidade de avançar a discussão sobre o assunto. Porém, ela esclareceu que não eram todos/as os/as agricultores/as vinculados a Rede que produziam e comercializavam o leite e seus derivados durante a feira. Além disso, dialogamos sobre os/as possíveis participantes, mas, foi enfatizada a importância de um diálogo com os demais agricultores/as, técnicos e estagiários e que este momento poderia ser concretizado durante a reunião da Rede, que aconteciam a cada quinze dias no mesmo local da feira.

O próximo passo foi o diálogo individual com os/as possíveis participantes que aconteceu durante a feira da Rede. Todos/as avaliaram como positiva a temática da pesquisa e aceitaram o convite. Na sequência, participei da reunião, na qual pude esclarecer para todos/as os/as envolvidos os objetivos e procedimentos da pesquisa. Nesse momento, todos/as os presentes aceitaram a proposta.

Assim, foram eleitas três famílias, as mesmas que o diálogo individual já havia sido realizado, devido ao fato de que somente estas estavam produzindo produtos de origem animal.

#### **4.2.4. Muriaé**

O município de Muriaé localiza-se na microrregião de Muriaé na Zona da Mata de Minas Gerais e ocupa área territorial de 841.693 km<sup>2</sup>. O mesmo possuía, aproximadamente, 100.765 habitantes, sendo que 7,5% residiam na zona rural. Além disso, os indicadores revelaram que o município possuía 1.086 estabelecimentos da agricultura familiar (IBGE, 2010).

O grupo APA iniciou suas atividades nesse município no ano de 2015, através da parceria com a Cooperativa dos Produtores da Agricultura Familiar e Solidária (COOPAF). A COOPAF foi fundada em meados de 2010 com a perspectiva de fortalecer a comercialização de produtos de advindos de agricultores/as familiares da região. Além de apoio à comercialização, a COOPAF promove reuniões, assembleias, atividades e espaços de formação, como oficinas, por exemplo, com os/as cooperados/as (SANTOS, 2016).

Para realização do estudo nesse município, entrei em contato com o diretor presidente e também articulador local. O mesmo declarou a importância de fomentar o estudo no local, devido ao fato de grande número de cooperados/as produzirem leite e derivados.

Ao contrário dos demais municípios, estávamos no início da aproximação para o desenvolvimento de atividades em conjunto, e, devido a isso, ainda tínhamos pouca proximidade com os/as agricultores da região. Por este motivo, o articulador local sugeriu algumas famílias para participar do estudo e propôs visitar tais famílias para dialogar sobre a realização da pesquisa no local, os objetivos da mesma, além de averiguar o interesse ou não dos/as mesmos/as em participarem do estudo.

Após esse dialogo inicial com o articulador, nós do Grupo APA estivemos no município para facilitar uma atividade, em parceria com a COOPAF, sobre a utilização de preparados homeopáticos no manejo dos animais. Assim, aproveitei o momento para novamente conversar com este articulador a respeito do desenvolvimento da pesquisa no local. Este relatou que já havia visitado os/as possíveis participantes, que todos haviam aceitado o convite, e que já havia, inclusive, agendado uma data pra realização das entrevistas, excluindo assim, a necessidade de realizar uma visita prévia às/aos mesmos/as para, novamente, dialogar sobre o assunto.

Mesmo diante essa decisão, comprometi-me em telefonar para cada uma das famílias com intuito de reforçar o convite e a data das entrevistas. Infelizmente, não foi possível estabelecer esse contato com todas as famílias.

Por fim, foram realizadas entrevistas com cinco famílias, que aconteceram de forma individual. Cabe ressaltar que o articulador local esteve presente no momento de todas as entrevistas realizadas na região.

#### **4.3. Critérios de seleção e contato com os/as entrevistados/as: questões gerais**

Após a definição dos municípios, foi preciso pensar sobre os/as possíveis participantes. Para tal procedimento foram eleitos os seguintes critérios: (i) ser agricultor/a familiar em transição agroecológica; (ii) produzir leite; (iii) produzir ou não derivados do leite (queijo, manteiga, requeijão, iogurte ou doces) e (iv) comercializar esses produtos (leite e/ou derivados) de alguma forma.

A partir da elaboração de tais critérios, alguns agricultores e algumas agricultoras me vieram à mente, devido ao prévio conhecimento dos/as mesmos/as, das suas propriedades, do manejo dos seus animais e dos produtos produzidos e processados por eles/as. Entretanto, os/as possíveis participantes cogitados/as neste primeiro momento não contemplavam todos os municípios, principalmente, Muriaé, local em que, como já exposto anteriormente, estávamos no início da aproximação para a realização de trabalhos em conjunto, portanto, tínhamos realizado poucas atividades no local e ainda conhecíamos poucos/as agricultores/as da região.

Assim, tanto em Muriaé como em Divino, contamos com a ajuda de articuladores locais, sendo os mesmos membros integrantes da COOPAF e do SINTRAF, os quais tanto indicaram possíveis participantes, como conversaram com os/as indicados/as com o intuito de mobilizar e viabilizar o estudo.

Já no município de Viçosa, esta etapa foi fácil, pois todos/as os/as participantes cogitados em primeiro momento e que se enquadravam nos critérios de seleção, comercializavam seus produtos na feira livre da Rede Raízes da Mata, que acontece todas as sextas-feiras na Vila Gianetti da UFV. Devido à afinidade e proximidade com os/as mesmo/as, encaminhei-me até o local da feira e conversei pessoalmente com cada um/a deles/as. Neste momento, expliquei o propósito do estudo, como seria desenvolvido e por fim, os/as convidei para participar do mesmo. Todos/as aceitaram o convite, mas solicitaram que a data para realização da entrevista fosse agendada em outro momento.

Para agendar as entrevistas, entrei em contato, via telefone, com cada um dos/as participantes para juntos pensarmos em uma data que fosse ideal para ambos. E, assim, foi possível agendar todas as entrevistas que ocorreram em dias distintos.

#### **4.4. As entrevistas**

A entrevista pode ser definida como um processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado. [...] Através de um roteiro de entrevista contendo tópicos em torno de uma problemática central (HAGUETTE, 2010, p. 86)

As entrevistas semiestruturadas foram realizadas de forma individual, na residência de cada um/a dos/as participantes, para que esse momento acontecesse de maneira leve, com tom de informalidade, como uma prosa, um bate papo. A entrevista semiestruturada, como opção metodológica, proporciona um diálogo aberto, permitindo que os/as participantes expressem seus pensamentos e opiniões sem as limitações geradas por um questionário fechado (TRIVIÑOS, 1987; VERDEJO 2006).

Segundo Duarte (2002), a entrevista semiestruturada é uma ferramenta utilizada em pesquisas qualitativas com o objetivo de coletar dados. Esse método consiste em um diálogo contínuo entre o/a pesquisador/a e o/a participante da pesquisa, cabendo ao/a pesquisador/a conduzir o diálogo de maneira a contemplar os objetivos do seu estudo.

Cabe aqui pontuar que, no município de Divino, o articulador local propôs que esse momento acontecesse de forma coletiva, na sede do Sindicato local. Mas, após muito diálogo, conseguimos entrar em um acordo de realizá-las individualmente.

A realização de uma entrevista coletiva, com a presença de aproximadamente 13 participantes, poderia comprometer a coleta dos dados, com situações de sobreposição de falas, inibição e/ou constrangimento de expressar algo na frente dos/as demais presentes e, conseqüentemente, dificuldades no momento de sistematização (transcrição das entrevistas). Além disso, conduzir um espaço de relevante importância em um local de trabalho, onde estariam circulando pessoas que não estariam envolvidas na pesquisa,

poderia desencadear outros empecilhos como dispersão e distração dos/as participantes. Sobre tal situação Duarte (2002) sinaliza que:

Entrevistas realizadas em locais de trabalho, por exemplo, geralmente trazem problemas difíceis de solucionar: situações externas frequentemente as interrompem (um telefonema “importante”, uma decisão “urgente”, a secretária, recados etc.), fazendo com que o entrevistado perca o “fio da meada” e se veja obrigado a retomar a narrativa de um outro ponto ou, até mesmo, a desistir de vez daquele assunto. Pessoas conversando e transitando por salas contíguas, telefones tocando, a agenda aberta sobre a mesa a lembrar outros compromissos, enfim, a presença marcante dos sinais que caracterizam ambientes designados como “de trabalho” costumam aguçar a ansiedade com relação ao tempo de duração do depoimento, interrompendo o livre fluxo de ideias e precipitando a interrupção do depoimento. (DUARTE, 2002, p.145).

Além das questões supracitadas, a opção de conduzir as entrevistas na residência dos/as participantes também teve como objetivo observar o ambiente de trabalho dos/as mesmo/as, as instalações, onde era realizada a ordenha dos animais, o armazenamento do leite e seu processamento (fabricação do queijo, manteiga, requeijão e/ou iogurte).

Em todas as entrevistas tive o auxílio de colaboradoras e colaboradores, sendo estas/es os articuladores locais e/ou integrantes do Grupo “Animais para Agroecologia”. A participação dos/as colaboradores/as foi importante, pois, nos municípios de Divino e Muriaé, por exemplo, houve dificuldades/dúvidas de como chegar nas propriedades de alguns participantes, sendo que os/as colaboradores/as auxiliaram na condução até os locais.

No momento das entrevistas, solicitei que os/as participantes elegessem o melhor local para nossa “prosa”, com intuito de propiciar um momento em que todos/as se sentissem à vontade e confortáveis. Em seguida, expliquei que para a coleta dos dados ali relatados seria necessário o uso de um aparelho digital próprio (gravador) e questionei se havia, por parte dos/as mesmos/as, algum constrangimento e se estavam de acordo com uso do aparelho. Todos/as os/as participantes se manifestaram a favor do uso do aparelho. Entretanto, apesar da concordância, em todas as entrevistas, a presença do gravador causou desconforto e inibição. Sendo este fato confirmado através do relato a seguir:

*“[...]quando eu falar... ah não, não vou falar não.... Tá gravando aqui ó.  
(Entrevista I)*

Além de falas como a citada acima, em muitos casos, os/as participantes fizeram relatos importantes sobre o tema somente após o encerramento da entrevista, ou seja, somente após o desligamento do aparelho.

Devido a situações como a anterior, foi utilizado outro recurso durante as entrevistas, o caderno de campo, material que me acompanhou durante todo o processo de construção dos dados. No mesmo, foram escritas impressões e observações realizadas no decorrer das entrevistas, assim como, reflexões e apontamentos julgados como relevantes. Com o auxílio do caderno de campo, foi possível registrar narrativas dos/as participantes antes de ligar o gravador ou após seu desligamento.

O caderno de campo é uma das ferramentas da observação participante utilizada em pesquisas qualitativas, sendo este um recurso que permite o registro minucioso de informações, observações e reflexões que emergem no desenvolver da pesquisa e que serão, posteriormente, utilizadas pelo/a pesquisador/a para realizar a análise dos dados coletados (AZEVEDO E CARVALHO, 2009; HAGUETTE, 2010).

Triviños (1987) considera o caderno de campo como uma ferramenta que “pode ser entendida como todo o processo de coleta e análise de informações, isto é, ele compreenderia descrições de fenômenos sociais e físicos, explicações levantadas sobre as mesmas e a compreensão da totalidade da situação do estudo” (TRIVIÑOS, 1987, p.154). Portanto, esta ferramenta foi utilizada com intuito de complementar e enriquecer os dados e posterior análise dos mesmos

#### **4.5. A estruturação dos dados construídos com as entrevistas**

Pesquisadores que desenvolvem seus trabalhos através de pesquisas qualitativas orientam sobre a forma de analisar e sistematizar os dados coletados durante o desenvolvimento desse tipo de pesquisa. Neste estudo, os dados coletados foram estruturados a partir das contribuições dadas por Bardin (1977), Triviños, (1987), Duarte, (2010) e Haguette, (2010).

Os áudios com os relatos dos/as participantes foram gravados com aparelho próprio, no caso, gravador digital. Em seguida, os mesmos foram armazenados em arquivos digitais e devidamente titulados com o nome dos/as participantes e a data. Após, a realização de cada entrevista a mesma era transcrita.

Na ocasião da transcrição, aqueles/as que estavam presentes foram identificados pelos seus próprios nomes, porém, no corpo deste estudo, os/as participantes foram nomeados como agricultora ou agricultor, quando a fala advém dos/as participantes; colaboradora ou colaborador, identificando a participação dos articuladores locais e integrantes do Grupo APA e entrevistadora para se referir as falas feitas por mim durante a condução das entrevistas. O intuito dessa caracterização foi preservar a identidade dos/as mesmos/as.

A transcrição manteve a fidelidade das narrativas dos/as participantes, ou seja, foi tudo descrito exatamente da forma como os/as mesmos/as relataram. Cabe salientar que a transcrição não é somente a redação das narrativas, mas sim um momento de pré-análise e de interpretação dos dados coletados (HAGUETTE, 2010). Para manter a fidelidade das narrativas foi necessário ouvir cada entrevista diversas vezes, além de retornar em certas partes e escutar e reescutar centenas de vezes alguns trechos que não ficaram claros em um primeiro momento. Assim, foi possível analisar as falas e o diálogo como todo e selecionar relatos julgados mais importantes, que dialogavam com o objetivo do estudo. Além disso, foi possível perceber momentos de mudança do foco, em que os diálogos passaram a fugir do objetivo do estudo e/ou dados que, devido a intervenções de terceiros (falas sobrepostas), deixaram de ser enfatizados, sendo que, por falta de percepção no momento da condução da entrevista, não foram retomados.

Depois de finalizadas, as transcrições passaram por um processo de conferência com o objetivo de avaliar a fidelidade das falas. Para realizar esse processo foi necessário escutar cada entrevista novamente, por pelo menos duas vezes, e, durante a nova audição, foi possível corrigir/alterar os erros e/ou omissões de falas.

Por fim, todas as entrevistas foram editadas para serem incorporadas no corpo do texto, portanto, foram retirados trechos que não atendiam o objetivo do estudo e diálogos com falas sobrepostas e confusas. As transcrições foram organizadas no item “Anexos”.

O tratamento dos dados coletados durante as entrevistas e sua sistematização seguiram os pressupostos da análise de conteúdo, técnica que busca compreender e analisar de forma crítica o sentido dos objetos de estudo, sejam narrativas ou documentos (TRIVIÑOS, 1987; BARDIN, 2011).

#### **4.6. Análise documental**

A análise documental foi realizada mediante um levantamento bibliográfico para caracterização das políticas públicas federais e estaduais, que definem e organizam a atenção à comercialização de produtos de origem animal, que neste estudo limitou-se ao leite e seus derivados.

Durante o processo de levantamento bibliográfico, optei por seguir uma ordem cronológica dos documentos, com a finalidade de promover melhor compreensão sobre o histórico das mesmas e evidenciar os avanços e/ou retrocessos ao longo dos anos.

As legislações analisadas foram: Lei Federal nº 1.283/1950, que dispõe sobre a inspeção industrial e sanitária de produtos de origem animal (BRASIL, 1950); Decreto nº 30.691/1952, que aprova o novo Regulamento da Inspeção Industrial e Sanitária de Produtos de Origem Animal (BRASIL, 1952); Lei Federal nº 7.889/1989, que dispõe sobre inspeção sanitária e industrial dos produtos de origem animal (BRASIL, 1989); Decreto nº 5.741/2006, que organiza o Sistema Unificado de Atenção à Sanidade Agropecuária (BRASIL, 2006); Instrução Normativa nº 19/2006, que estabelece os requisitos para adesão dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios ao Sistema Brasileiro de Inspeção de Produtos de Origem Animal, Sistema Brasileiro de Inspeção de Produtos de Origem Vegetal, Sistema Brasileiro de Inspeção de Insumos Agrícolas e Sistema Brasileiro de Inspeção de Insumos Pecuários (MAPA, 2006); Decreto nº 7.216/2010, que aprova a nova redação e acresce dispositivos ao Regulamento dos arts. 27-A, 28-A e 29-A da Lei nº 8.171, de 17 de janeiro de 1991, aprovado pelo Decreto nº 5.741, de 30 de março de 2006

(BRASIL, 2010); Lei Estadual nº 19.476/2011, que dispõe sobre a habilitação sanitária de estabelecimento agroindustrial rural de pequeno porte no estado (MINAS GERAIS, 2011); Decreto nº 45.821/2011, que dispõe sobre a habilitação sanitária do agricultor familiar e do estabelecimento agroindustrial rural de pequeno porte (MINAS GERAIS, 2011) e Portaria nº 1.252/2012, que aprova as normas técnicas para estabelecimentos rurais de pequeno porte elaboradores de produtos de origem animal (IMA, 2012).

Cabe salientar que outras diversas leis, decretos e normativas foram publicados nesse período, porém, a opção foi resgatar o histórico inicial e dar ênfase às legislações mais atuais, que contemplam e dialogam com os objetivos do estudo.

#### **4.7. Questões éticas**

Os procedimentos metodológicos dessa pesquisa foram submetidos e aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Viçosa (Processo nº 1.587.011). Para realização das entrevistas e utilização das demais técnicas de construção de dados, os/as participantes foram orientados sobre os procedimentos e após concordância em participar, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

## 5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 5.1. Resultados da análise documental

A partir dos anos 50, diversas leis e decretos foram criados com o intuito de regulamentar a inspeção de produtos de origem animal. No ano de 1950, foi sancionada a Lei Federal nº 1.283, que determinou como obrigatória a prévia fiscalização, sob o ponto de vista industrial e sanitário, de todos os produtos de origem animal. Na mesma, ainda foram especificadas a forma pela qual se dariam as fiscalizações, quais as autoridades responsáveis pela mesma e os produtos/locais a serem fiscalizados. Tais quesitos ficam claros nos trechos destacados a seguir:

Art.2º: São sujeitos à fiscalização prévia nesta lei:

- a) os animais destinados a matança, seus produtos e subprodutos e matérias-primas;
- b) os pescados e seus derivados;
- c) o leite e seus derivados;
- d) o ovo e seus derivados;
- e) o mel e cera de abelha e seus derivados.

Art. 3.º - A fiscalização, de que trata esta lei, far-se-á:

- a) nos estabelecimentos industriais especializados e nas propriedades rurais com instalações adequadas para a matança de animais e o seu preparo ou industrialização, sob qualquer forma para o consumo;
- b) nos entrepostos de recebimento e distribuição de pescado e nas fabricas que os industrializem;
- c) nas usinas de beneficiamento do leite, nas fábricas de laticínios, nos postos de recebimento, refrigeração e desvantagem do leite ou recebimento, refrigeração e manipulação dos seus derivados e nos respectivos entrepostos;
- d) nos entrepostos de ovos e nas fábricas de produtos derivados;
- e) nos entrepostos que, de modo geral, recebem, manipulam, armazenam, conservam ou acondicionam produtos de origem animal;
- f) nas propriedades rurais;
- g) nas casas atacadistas e nos estabelecimentos varejistas.

Vale destacar que no Art. 3º é possível visualizar que esta lei abrange tanto os estabelecimentos industriais de grande escala quanto o pequeno produtor. Tal aspecto dessa norma, indica a motivação, no momento, de não considerar as especificidades de formas de produção tão distintas, favorecendo, sem dúvida, os grandes estabelecimentos, mais aptos a se adequarem às regras definidas na legislação.

A seguir, nos artigos 4º e 6º esta lei destaca:

Art. 4.º - São competentes para realizar a fiscalização estabelecida pela presente lei:

a) o Ministério da Agricultura, por intermédio de seu órgão competente, privativamente nos estabelecimentos constantes das alíneas a, b, c, d e e do art. 3.º citado, que façam apenas comércio interestadual e internacional, no todo ou em parte, bem como nos casos da alínea f do artigo citado, tudo quanto interesse aos serviços federais de saúde pública de fomento da produção animal e de inspeção sanitária de animais e produtos de origem animal;

b) as Secretarias ou Departamentos de Agricultura dos Estados, dos Territórios e do Distrito Federal, nos estabelecimentos referidos nas alíneas a, b, c, d e e do art. 3.º citado, que façam apenas comércio municipal ou intermunicipal e nos casos da alínea f do artigo mencionado em tudo que não esteja subordinado ao Ministério da Agricultura,

c) os órgãos de saúde pública dos Estados, dos Territórios e do Distrito Federal, nos estabelecimentos de que trata a alínea g do mesmo Art. 3.º.

Art. 6.º - É expressamente proibido em todo território nacional, para os fins desta lei, a duplicidade de fiscalização industrial e sanitária em qualquer estabelecimento industrial ou entreposto de produtos de origem animal, que será exercida por um único órgão:

Parágrafo único - A concessão de fiscalização do Ministério da Agricultura isenta o estabelecimento industrial ou entreposto de fiscalização estadual ou municipal.

Nos artigos destacados acima, a lei estabelece poder de fiscalização ao Ministério da Agricultura, quando o comércio seja realizado a nível interestadual e/ou internacional, e para órgãos estaduais (secretarias ou departamentos) vinculados ao Ministério da Agricultura, quando o comércio é municipal e/ou intermunicipal. Esta lei ainda determina que é proibida a duplicidade de fiscalização.

Passados dois anos da publicação da lei supracitada, e com a finalidade de regulamentar a mesma, foi aprovado o Decreto nº 30.691/1952. Dotado de 952 artigos, o mesmo estabeleceu um novo regulamento da inspeção industrial e sanitária de produtos de origem animal e definiu que todas as ações de inspeção federal ficariam sob responsabilidade da Divisão de Inspeção de Produtos de origem animal (Dipoa). Esse decreto possibilitou avanços na regulamentação de indústrias que processavam esses alimentos, pois até o momento não havia padronização de normas para o exercício de tal função. Há que se destacar que as normas definidas por tal decreto estavam voltadas para produção do tipo industrial, em grande escala, como descrito no próprio enunciado do documento legal.

É possível observar em vários artigos deste decreto, as tamanhas e minuciosas exigências, principalmente nos quesitos de instalações e equipamentos. Assim, este decreto também desconsidera a produção familiar, pois, para se adequar ao mesmo, era necessário um alto investimento financeiro. E, mesmo que as adequações fossem feitas, a pequena escala de produção não seria suficiente para retornar o capital investido, comprometendo a viabilidade do processo produtivo.

Entre os anos de 1962 e 1989, diversas outras leis e decretos foram publicados a fim de regulamentar a inspeção e fiscalização sanitária dos produtos de origem animal. Durante esse período, esse serviço ficou centralizado no Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), pois o mesmo alegava que existia uma precariedade nos serviços a nível estadual e municipal. Mas, ao mesmo tempo, o MAPA não tinha uma equipe técnica e nem estrutura física suficiente para realizar esse serviço em todo o território brasileiro (PUGA, 2008).

Devido aos fatos relatados, foi necessária a descentralização dessa atividade, ou seja, houve a redistribuição das responsabilidades de inspeção para os níveis estaduais e municipais. Esta mudança foi implementada através da Lei nº 7.889/1989, que alterou o Art. 4º da Lei nº 1.283/1950, qual passou a ter a redação seguinte:

- Art. 4º São competentes para realizar a fiscalização de que trata esta Lei:
- a) o Ministério da Agricultura, nos estabelecimentos mencionados nas alíneas a, b, c, d, e, e f, do art. 3º, que façam comércio interestadual ou internacional;
  - b) as Secretarias de Agricultura dos Estados, do Distrito Federal e dos Territórios, nos estabelecimentos de que trata a alínea anterior que trata a alínea anterior que façam comércio intermunicipal;
  - c) as Secretarias ou Departamentos de Agricultura dos Municípios, nos estabelecimentos de que trata a alínea a desde artigo que façam apenas comércio municipal;
  - d) os órgãos de saúde pública dos Estados, do Distrito Federal e dos Territórios, nos estabelecimentos de que trata a alínea g do mesmo art. 3º.

Como explicitado na legislação acima, o processo de inspeção passou a ser realizado por três esferas do poder executivo, sendo cada uma delas responsável por tal atividade de acordo com os locais/tipos de comercialização. Estas esferas são federal, estadual/distrital ou municipal. Cada uma dessas esferas é responsável pela emissão de selo de certificação

como relatado a seguir: o serviço de inspeção federal (SIF); o serviço de inspeção estadual (SIE) e o serviço de inspeção municipal (SIM).

O SIF é vinculado ao Departamento de Inspeção de Produtos de Origem Animal (DIPOA) e responsável pela emissão do selo de certificação de inspeção, assegurando a qualidade dos produtos de origem animal. Através deste selo os produtos podem ser comercializados no comércio interestadual e internacional (SANTANA et.al., 2014). O SIE regulamenta a comercialização no estado onde o produto é produzido. E, por fim, o SIM regulamenta a comercialização dos produtos no município no qual o mesmo é fabricado.

A divisão da inspeção nestas três esferas foi, por um lado, positiva, pois aproximou os órgãos responsáveis dos estabelecimentos onde os produtos eram fabricados, fato que propiciou compreender a realidade dos locais e suas formas de produção, facilitando, assim, o processo de registro. Entretanto, por outro lado, impôs limitações geográficas para a comercialização.

Apesar da instauração de diferentes leis e decretos, os produtos advindos da agricultura familiar ainda se encontravam marginalizados, pois nenhum instrumento legal abarcava suas especificidades, sendo privilegiadas as produções em larga escala e/ou industrial.

Passados mais de vinte anos foi publicado o Decreto nº 5.741/2006, que regulamentou o funcionamento do Sistema Unificado de Atenção à Sanidade Agropecuária (SUASA). Este sistema foi originalmente criado pela Lei nº 8.171/1991, a qual foi alterada pela Lei nº 9.172/1998 e, por fim, pelo decreto sancionado em 2006.

O SUASA é o “sistema de inspeção, organizado de forma unificada, descentralizada e integrada entre a União (através do Mapa), que coordena o sistema, como Instância Central e Superior, os estados e Distrito Federal, como Instância Intermediária, e os municípios, como Instância Local, através de adesão voluntária” (MDA, 2008). Portanto, o mesmo emergiu com o intuito de estabelecer novos limites para a comercialização de produtos de origem animal estabelecidos pela Lei nº 7.889/1989, comentada acima.

Uma mudança significativa a partir da implantação do SUASA foi a possibilidade de comercializar, em todo o território nacional, os produtos de origem animal, que fossem inspecionados por qualquer uma das instâncias do mesmo. Mas, caso os estados ou municípios não aderissem ao sistema, os mesmos permaneceriam regidos pela Lei nº 7.889/1989, portanto, os produtos inspecionados pelos serviços de inspeção estadual ou municipal só poderiam ser comercializados em seus respectivos estados ou municípios. Apesar de tal “avanço” esse sistema foi implantado em poucos estados do país (MDA, 2008).

Uma das causas da pouca adesão foi o fato desse sistema não dar devida atenção às especificidades de cada região, o que ficou explícito na Instrução Normativa (IN) nº 19, publicada em julho de 2006, que estabeleceu os requisitos para adesão dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios ao SUASA. Um dos requisitos descritos nesta IN estabelece que, para os estados ou municípios aderirem ao SUASA, os mesmos deveriam adequar seus métodos de inspeção e fiscalização, tendo que, obrigatoriamente, seguir a legislação federal. Ou seja, uma nova legislação com as mesmas características centralizadoras de legislações anteriores.

Para reverter limitações impostas em legislações publicadas anteriormente, foi publicado, em 2010, o Decreto nº 7.216 que modificou a redação de artigos do Decreto nº 5.741/2006. Vale destacar o § 9º: “O Sistema Unificado de Atenção à Sanidade Agropecuária respeitará as especificidades regionais de produtos e das diferentes escalas de produção, incluindo a agroindústria rural de pequeno porte”.

O decreto supracitado ainda trouxe a definição de agroindústria familiar como: “estabelecimento de propriedade de agricultores familiares, de forma individual ou coletiva, localizado no meio rural, com área útil construída não superior a 250 m<sup>2</sup>, e que possibilita aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios editar normas específicas relativas às condições gerais das instalações, dos equipamentos e das práticas operacionais de estabelecimento agroindustrial de pequeno porte, observados os princípios de higiene dos alimentos, tendo como objetivo a garantia da inocuidade dos produtos de origem animal e vegetal”.

A partir desse cenário, órgãos responsáveis pela inspeção e fiscalização de produtos de origem animal no Estado de Minas Gerais, incluindo o Instituto Mineiro de Agropecuária (IMA) e a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER-MG) se reuniram com o objetivo de discutir uma legislação sanitária específica para o estado. A partir desse encontro, foi formulada e posteriormente aprovada a Lei nº 19.476 de 2011, que dispõe sobre habilitação sanitária de estabelecimento agroindustrial rural de pequeno porte em Minas Gerais (EMATER, 2013). Esta lei foi regulamentada pelo Decreto nº 45.821 de 2011, que estabelece normas de habilitação (cadastro, registro e/ou alvará sanitário), instalações, equipamentos, controle de qualidade dos produtos, além das ações educativas e comercialização.

A partir da regulamentação da Lei 19.476/2011, o IMA, que é responsável pela inspeção e fiscalização no estado, publicou, em 2012, a Portaria nº 1.252 que aprova as normas técnicas para estabelecimentos rurais de pequeno porte elaboradores de produtos de origem animal.

Apesar da Portaria nº 1.252/2012 ter adequado algumas exigências estabelecidas pela Lei Estadual nº 19.476/2011 à realidade da agricultura familiar e visar o apoio e inclusão dos/as agricultores/as familiares aos processos de agroindustrialização, a mesma ainda não abarca a grande diversidade e realidade de muitos/as agricultores/as.

## **5.2. Resultados da análise das entrevistas**

### **5.2.1. O custo da adequação às exigências legais**

Através das coletas de dados realizadas nesse estudo (entrevistas semiestruturadas e observação participante), os/as agricultores/as relataram que muitas das exigências, principalmente relacionadas às estruturas físicas, não se adequam à realidade financeira dos/as mesmos/as e que o ideal seria a existência de legislações específicas para pequenos/as agricultores/as.

*“Eu acho que não precisa ter tanta burocracia né, eu acho que é burocracia demais né, se a gente vai produzi em pequena quantidade não precisava tanta coisa, não é? Igual, por exemplo, a gente faz o queijo aqui e vende por aqui, ninguém nunca passou mal, então quer dizer que não faz mal assim, não é? É lógico que tem que melhorá alguma coisa sem dúvida né, mais assim é são exigências que assim, tem exigências que*

*é meio absurda, não tem lógica né, porque até mesmo se a gente tivesse fazendo queijo e tivesse dando problema nas pessoas, mais ninguém nunca passou mal nem uma pequena dor de barriga simples, ninguém nunca deu por causa do queijo, então não teria tanta necessidade de tanta burocracia também né? Eu acho que tinha que facilitá mais pra nós pequenos produtores né, agricultores familiares assim que não tem essa condição de fazê essas estrutura toda que se pede” (Entrevista VIII)*

*“As exigências do leite é uma barreira bem grande pra gente que é produtor, se eu hoje resolver fazer um queijo pra vender no mercado, as exigências são muita, porque eu tenho eu fazer um cômodo, tem que tê banheiro, é bastante complicado e isso também é um empecilho porque melhorô um pouco né, de uns tempo pra cá eles, a lei parece que deu um pouco de abertura mais foi muito pouco, o leite é complicado pra você comercializar ele assim no mercado, num é fácil não.” (Entrevista X).*

*“[...] eu acho assim que tem que ter as exigência né, tem que ter um lugar adequado mesmo, mais eu acho que tinha que ter uma lei que favorece mais porque gente que é pequeno não consegue, tipo assim, as despesa que tem nas exigências que eles fazem o pequeno não consegue faze né, tudo que eles exigem a fazer.” (Entrevista XII)*

As normas e exigências referentes à estrutura física e equipamentos representam um grande entrave e, em muitas das vezes, inviabilizam o processo de produção, pois, as legislações vigentes classificam os estabelecimentos pela infra-estrutura, desconsiderando o volume/escala de produção. Dessa maneira, agricultores/as familiares que processam um volume pequeno de matéria prima por dia, como os/as participantes dessa pesquisa, não conseguem ou se ariscam a fazer um investimento tão alto, devido à possibilidade de não conseguir um retorno financeiro condizente com investimento feito e, conseqüentemente, não dar continuidade à produção.

A maioria dos/as participantes alegou que realizar um investimento tão alto os colocaria em risco de não conseguir o devido retorno por causa da pequena quantidade de animais e matéria prima produzida por dia, que varia em torno de 5 a 60 litros/dia. Além disso, houve relatos sobre conseguir um financiamento para investir nas devidas estruturas (instalações e equipamentos) e não conseguir pagar o mesmo.

*“O meu medo porque hoje a gente não tem... hoje a gente vive do que a gente ganha no dia a dia, a gente não tem um salário assim pra contar, tal dia do mês eu tenho um salário assim pra eu receber, ai vai que gente faz uma conta e acontece qualquer coisa e a gente não consegue pagar.” (Entrevista I)*

Devido a não adequação desses quesitos comentados acima, a produção desses/as agricultores/as passa a ser considerada como ilegal e imprópria para o consumo humano, pois sem uma estrutura e equipamentos adequados esses produtos não podem ser certificados, ou seja, o/a agricultor não consegue obter um selo de inspeção enquanto não cumprir todas exigências legais (CENCI, 2007).

Sobre essa questão, Prezotto (2002) salienta que é necessário analisar esse ambiente de pequena escala de produção além de buscar métodos e formas de “miniaturização” das estruturas e equipamentos para que as mesmas consigam ser implantadas de forma individual em propriedades familiares.

Para Lima (2014), apesar da dimensão comentada acima ser uma estratégia válida e até importante para que esses atores sociais consigam se adequar às legislações, aplicar essa visão ao campo é uma maneira de obrigar/forçar os/as agricultores/as a produzirem de forma semelhante ao modelo industrial, renegando suas práticas tradicionais e regionais.

Em duas propriedades, do município de Muriaé, foram iniciadas a construção de uma agroindústria, mas devido à quantidade de exigências as obras foram interrompida. Em uma das propriedades o agricultor e a agricultora cessaram a produção e passaram a entregar o leite para um laticínio próximo; na outra propriedade, o agricultor e a agricultora mantiveram a atividade e hoje envazam o leite e fazem manteiga, mesmo não estando adequados às leis vigentes, mas o fazem para manter uma fonte de renda para a família.

*“[...] até por isso que a gente parô com o queijo porque o próprio mercado não podia comprar sem a nota fiscal né e tinha que ter o lugar de fazer, tudo com azulejo, essas coisa toda e o cara vinha e autorizá né, só que a gente até fez um cômodo ali, só que não conseguiu ir pra frente, continuar por causa disso mesmo, da burocracia toda que tem, aí parô. Veio um técnico aqui, e aí ele falou que pra fazer tinha que ter umas mudanças lá no que foi feito né, pra funcionar, mais mesmo assim, funcionava só aqui pra Muriaé não podia sair pra outras região né (Entrevista XII).*

*“É uma areazinha só, ali atrás. Aí ele vai ensacando, amarrando e é 1 litro em cada saquinho e chega lá vende minha filha que cê precisa vê, é tudo coadim, limpim né, o povo quase num coa, só corta com a tesourinha põe no canecão e o leite é purim, num tem água né, aí tem vez que eles leva 70, 80 litro, hoje mesmo deve leva uns 70.”(Entrevista X).*

Das doze entrevistas realizadas somente uma agricultora, do município de Viçosa, que produz doces com o leite oriundo da sua propriedade, conseguiu se adequar às legislações vigentes. A mesma com auxílio técnico da EMATER, construiu uma instalação para fabricação dos seus produtos, atualmente, a obra está em fase de acabamento.

*“A cozinha ali é pra isso, já tá fazendo os rótulo dos doce, já fez o valor nutricional tudo, aí tô esperando só fazer o trabalho né, da arte do selo pra pode fazer e espera a cozinha fica pronta...” (Entrevista II).*

### **5.2.2. Qualidade dos produtos e segurança alimentar**

Os/As agricultores/as relatam sobre a importância das legislações, principalmente pelo fato de estarem processando alimentos, e que isso afeta diretamente a saúde do/a consumidor/a, portanto, é preciso ter cuidado e que os mesmos devem ser elaborados com assepsia. Muitos questionaram a forma de fabricação de produtos nas grandes empresas laticinistas e alegaram que seus locais de trabalho e processamento são higienizados com muito cuidado e que, provavelmente, são mais inócuos quando comparados com as grandes indústrias, pois o volume da matéria prima é menor e, geralmente, os processos de esterilização e manipulação são executados por uma só pessoa, o que garante a qualidade do produto. Sobre tal aspecto foi alegado:

*“[...]Jeu limpo os balde né, esterelizo tudo, a peneirinha, passo pro balde igual tá ali no freezer o de manhã que ele vai levar agora, de tarde também, e ele separa todinho, separa leite gelado do leite quente a gente não mistura não, as sacolinha tudo limpinha, o lugarzinho dele empacota é lá atrás, tudo azulejado.[...] a exigência ela tem que ter porque é comida né, coisa pra come eu acho que... mais poderia ser assim mais maleável né, porque as pessoa gosta das coisa natural e às vezes as exigências são tantas que não, igual por exemplo, o banheiro, o banheiro eu acho errado porque se num lugar que você tá fazendo um queijo, ainda tem que ter banheiro, dois... sendo que já tem o banheiro aqui da casa, num seria muito melhô.” (Entrevista X)*

Segundo Costa (2015), as legislações sanitárias são demasiadamente restritivas e isso, conseqüentemente, impossibilita o processo produtivo e a comercialização. A autora ainda complementa que “a legislação sanitária tem se mostrado incompatível com a realidade dos empreendimentos, sua aplicação tem propiciado a concentração de mercado, favorecendo as grandes empresas agroalimentares, sobretudo as de produtos com maior valor agregado” (COSTA, 2015, p. 120).

Além disso, e como comentado no tópico anterior, Lima (2014) complementa que as legislações menosprezam as práticas artesanais e tradicionais dos/as agricultores/as familiares e, além disso, nas entrelinhas de tantas exigências sanitárias, é possível visualizar um discurso que alega que somente a forma industrial de processar os alimentos promove a segurança alimentar dos consumidores. Sobre esse aspecto os/as agricultores/as participantes alegaram que:

*“Ah eu acho que eles exige muito porque o agricultor pra vê o retorno do que investe é muito difícil, mais eu não deixo de achar que tem razão, porque quando você mexe com alimento, você não pode brincar né, com a saúde das outras pessoas né. Mais eles exige muita coisa, e exige muito pro pequeno produtor porque o grande produtor...Você pode olhar esses laticínio grande ai minha filha, tá mais infestado de bactéria do que a minha cozinha, e eles passa por cima né, quando vigilância vai lá eles sabe que vai, então esconde, limpa tudo e o pequeno produtor não.”* (Entrevista II).

*“Mais é isso que tô falando porque os grande pega faz, o pequeno nós faz o queijo, capricha o máximo e o outro pode fazê de qualquer jeito já tem o selo que... que pode dá dor de barriga nos soto, igual passa na televisão igual aqueles leite que vende que aquilo é soda tudo quanto é trem no leite, já tem nome mermo, vai embora.”*(Entrevista VIII).

### **5.2.3. Estratégias de comercialização: informalidade ou rendição?**

A respeito das estratégias de comercialização dos produtos de origem animal (queijo, iogurte, manteiga, leite in natura), todos/as os/as participantes relataram que vendem diretamente para o/a consumidor/a, seja de em porta em porta, por meio de encomendas ou em feiras livres. Relatam, ainda, que somente através de tais estratégias é possível inserir seus produtos no mercado e manter esse tipo de atividade.

*“Olha, agora nós tão uma ideia assim (risadas), a gente tá fazendo queijo por encomenda, vamo supô se eu tive encomenda de dez queijos, eu vou fazer eles. Vamo supô, igual ontem veio um cara aqui, aí é tipo assim eu tinha, era um queijo que tava encomendado, aí hoje eu vô repô esse seu queijo né. Então seria a média de assim de uns quinze, que eu só tô atendendo nas encomenda mesmo, só aquele pessoal mais, aquela freguesia que vem de longe, tal, né. [...] eu já entreguei muito no L\*, entreguei muito no bar \*, quando eu tinha feira, vendia tudo na feira também, levava pra feira vendia, se caso sobrasse alguma coisa o bar \* ficava, tinha uma padaria... já entreguei também numa padaria muitos anos. Nunca rodei muito não, uns quatro pontos assim foi durante muito tempo.”*(Entrevista IV).

*“[...] tem um rapaz bem próximo de quando eu comecei ele sempre pega o leite aqui pra despesa dele, aí eu vendo o leite pra ele também, tem umas outra pessoa que pega, eu já vendi pra eles também, assim sempre que a pessoa precisa eu pego e arrumo [...].” (Entrevista VI).*

*“[...] sempre faz durante de semana aí quando dá sábado o D\* vai nas casa e vende já tem o pessoal que gosta de comprá sempre compra mesmo, já é freguês. Tem dia que tem que brigá com freguês que quê 2, não posso vô vende só um porque já tem encomenda, graças a deus queijo aqui de casa o que faz vende tudo, tem semana que falta ainda.” (Entrevista VIII).*

*“O leite vende de porta em porta... não já tem tudo fixo, tudo fixo os cliente. Da manteiga é mais ou menos, porque eu não saio pra vendê manteiga não, aí eu deixo elas ali, sempre tem procura, quem chegá primeiro leva,” (Entrevista X).*

Mas esse tipo de comercialização, que perante a lei é ilegal, também está comprometida, principalmente em feiras livres. No município de Viçosa, agentes de fiscalização da vigilância sanitária, visitam a feira semanalmente para averiguar se os produtos de origem animal comercializados no local possuem o selo de inspeção municipal (SIM). Conforme o relato dos/as entrevistados/as, os agentes de fiscalização alegam que para o comércio desses produtos é obrigatório a obtenção do selo, além disso, os/as agricultores/as, que não possuem o selo e ainda fazem o comércio desses produtos sem o mesmo, são advertidos.

*“É quando sobra é só o queijo, mesmo assim hoje tá quase sendo proibido de levar ele na feira, porque o pessoal tá numa exigência na feira, que eles não tão querendo nem saber.” (Entrevista I).*

*“É só o queijo, o queijo nem tá vendendo nada, [...], porque na feira não pode leva mais né, porque o queijo na feira hoje tem que ter rótulo, caixa térmica, um punhado de coisa. Eu acho que não tá errado não, né, mais agora assim, sei lá, eu acho que num certo ponto também a feira é feira livre né, eu acho que não podia ter tanta exigência assim não né, mais algumas coisa é bom porque tem muito produto avacalhado né, aí tem que. [...] eu não vou poder vender né, eu não vou ter condições de registrar né, e é pouca quantidade também, não compensa né” (Entrevista III).*

*“É... igual pego uma mulher vizinha minha lá na feira vendendo leite e peixe, frango... frango não... só sei do leite e peixe que eles contaram uma prosa danada pra mulher lá.” (Entrevista III).*

Devido a tantas exigências e os entraves para conseguir inserir seus produtos no mercado, os/as agricultores/as familiares muitas vezes optam por entregar o leite a

laticínios, ficando à mercê dos preços impostos pelas indústrias, sendo esse irrisório e não condizente com os custos da produção. Por não haver outra opção, os/as agricultores/as consideram que, inclusive, recebem uma boa remuneração.

*“[...]eu tô entregando pra laticínio. No momento agora lá vai melhorando, que antes uns dias desse pra trás o leite tava R\$0,90, R\$0,95, hoje não, recebi no mês passado R\$1,15, acho que no mês que vem agora é R\$1,30, lá vai melhorando devagar né.” (Entrevista V).*

*“[...]se tivesse como a gente fazê alguma coisa que, que a gente conseguisse captar mais nele, mais do que o laticínio porque na verdade o trabalho é bastante, principalmente eu que tenho pouco pasto, assim a gente sente mais o peso do trabalho pra gente consegui esse leite e tipo assim o laticínio agora deu uma melhorazinha mais é tem uns tempo pra trás aí que tava bem fraquinho o preço, assim pelo menos na minha opinião, entendeu.” (Entrevista VI).*

*“Nóis aqui ainda num teve uma outra alternativa sabe. Nóis acha que compensa porque é o melhô que tá tendo, mais nós vende pro laticínio \*, num é o que paga mais caro, mais que paga muito bem, laticínio bom de mexê, ainda a alternativa mais fácil que nós tamu achando ainda é essa, aqui nós tem um grupo que tem tipo uma associação, nós tem um resfriador e junta todo mundo lá, uns dez produtor lá, aí tem condição do caminhão vim pegá. [...]A gente recramava muito a questão do preço, apesar que o preço hoje em relação a outros tempo não tá tão ruim, aqui eles tá pagando o litro de leite a R\$1,12, algum laticínio tá pagando R\$1,20, é aqui em casa a dificuldade da gente mais é que ainda tá faltando a renda, se a renda fosse maior a gente tirava mais leite. (Entrevista VII)”*

Além de estarem “rendidos” aos laticínios alguns/mas protagonistas desse estudo alimentam uma falsa ilusão de que recebem uma boa remuneração e que ela tende a melhorar, mesmo que seja em um processo lento. E para alimentar essas ilusões e manter o vínculo, agricultor/a – laticínio, este último adota estratégias importantes, como, por exemplo, o empréstimo de um tanque de expansão, sem custo adicional, o qual é implantado em uma das propriedades da região e onde os/as demais produtores/as podem armazenar diariamente o leite produzido.

Devido ao alto custo de tal equipamento, os/as agricultores/as compravam o mesmo de forma coletiva, decidiam onde o mesmo seria instalado, para não haver prejuízo para ninguém, ou seja, um local que ficasse próximo para todos/as. A decisão do local de comercialização do leite também era feita em conjunto e tinha como fator decisivo o preço ofertado pelo laticínio.

A estratégia do laticínio, de emprestar o tanque de expansão para manter a fidelidade do/a agricultor/a, pautada no discurso da confiança em sua produção, mas que, na realidade, é uma forma de “aprisionar” a comercialização, deixa os/as agricultores/as reféns dos preços estabelecidos pela indústria”.

*[...]a gente que mora um pouco longe, nós leva o leite lá em baixo, deve tê uns 3,5 km mais que nós leva todo dia, precisaria no caso que o caminhão pegasse mais perto,[...] se fizesse isso, economizaria muita mão de obra da gente.[...]o laticínio hoje ele tá emprestando o tanque, num tá gastando nem comprá mais, o que nós tem lá hoje é um tanque mais novo, nós tinha um mais velho que era comprado de pô lata dentro e pô água, hoje nós tem um inoxidável o laticínio emprestô. [...]Não, num paga nada, então hoje, dependendo do laticínio, igual nós que já entrega pra ele há muito tempo, já é freguês do laticínio, ele tendo referencia empresta, sem custo nenhum na verdade.[...] é pra segurá o leite, porque aqui é, aonde entra do asfalto pra cá aqui, tem muito produtô de leite, boa parte vende tudo pra esse laticínio, então tem muito resfriadô um perto do outro” (Entrevista VI).*

Cabe salientar as contribuições dadas por Wezel (2009) quanto à importância da Agroecologia e suas organizações/movimentos sociais pela busca de estratégias para dispensarem os modelos de produção e comercialização implantados pela revolução verde e (re)inventar um novo estilo de vida de campo, deixando, assim, de ficarem “rendidos” às grandes indústrias e a esse tipo de cadeia alimentar.

#### **5.2.4. Apropriação da temática e sua importância**

Uma questão importante, relatado durante as entrevistas e que mantém os/as agricultores/as em situações como a relatada acima, é o pouco conhecimento das legislações. O conhecimento sobre as mesmas é significativo, pois a apropriação desse assunto é importante para que os/as agricultores/as sejam capazes de reivindicar legislações que sejam coerentes com suas realidades.

Na maioria das entrevistas, os/as participantes alegaram saber pouco ou nada a respeito das legislações vigentes e sinalizaram o interesse em se apropriar do assunto e, em algumas entrevistas, os/as participantes alegaram o mesmo, mas declaram não ter interesse sobre o assunto. Neste último caso, os/as participantes já estavam aposentados/as e mantinham a produção para não ficarem ociosos, além disso, relataram que é interessante

manter a produção para que tenham o produto (leite) para despesa da família e um dinheiro extra, mas que tal atividade não perdurará por muito tempo, devido à idade já estar avançada.

*“Então, eu não sei assim em detalhes mais eu sei que bem é complicado, porque tem que tê toda uma estrutura né, tanto no curral porque já começa estrutura toda no curral aí pra fazer o queijo também, então assim é muita estrutura pra pouca coisa, então a gente não tem como né, os detalhes eu não sei todos mais eu sei que são bastante.”* (Entrevista VIII).

*“Conheço, são muitas. Eu vou sempre em reunião, encontro, aí a gente fica sabendo, a EMATER tá sempre aqui.”* (Entrevista X).

*“Ah eu sim, queria ter conhecimento, que eu penso assim como eu pude já transformá às vezes é uma boa né, vamos supô com o tanto de leite que eu tô, se eu tivesse capacidade de fazer então eu poderia muito aumentá a minha renda sem eu precisá trabalhar fora da minha propriedade, conhecendo isso aí né.”* (Entrevista IV)

*“Claro. [...] Com certeza. [...] Mesmo que a gente não tenha o queijo pra vender nós tamo bem antenado nas coisas. [...] Coisa boa quanto mais a gente aprender melhor é.”* (Entrevista I).

*“Interessa não. [...] porque eu tô assim tirando pouquim mais na hora que eu num guentá mais tirá leite porque eu vô te que para mesmo porque a idade não vai deixar né.”* (Entrevista IX).

*“Não. Ah eu nunca tive essa curiosidade não.”* (Entrevista XI).

A partir dessas narrativas, surge um quesito importante, para além do conhecimento das legislações, que é a continuidade da atividade por gerações sucessoras. Neste quesito, a Agroecologia enquanto prática, ciência e movimento social vêm cumprindo um papel importante de visibilizar o jovem no campo e motivá-los a permanecer neste local.

Segundo Castro (2016) e Moura (2016) e os jovens possuem um papel importante no campo e sua permanência ou saída/desinteresse pela vida rural influencia os processos de sucessão geracional, ou seja, somente a partir da permanência dos mesmos no campo as práticas tradicionais e familiares perduraram, e assim não haverá uma descontinuidade da vida no campo e da produção familiar.

A respeito da sucessão da unidade familiar e suas práticas Stropasolas (2011) evidencia que: “[...] a transferência de poder e do patrimônio entre gerações no âmbito da

produção agrícola familiar, a retirada paulatina das gerações mais idosas da gestão do estabelecimento e a formação profissional de um novo agricultor (a)”.

## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

No decorrer deste estudo procuramos analisar as legislações vigentes a respeito da comercialização de leite e derivados advindos da agricultura familiar em transição agroecológica na Zona da Mata de Minas Gerais.

A partir da análise documental e dos dados coletados (entrevistas) foi possível perceber que apesar de avanços, como a referência à produção de pequeno porte e o respeito as suas especificidades, as leis ainda mantêm o caráter industrial que não se adequa à realidade da agricultura familiar, portanto, as mesmas ainda são pensadas, redigidas e sancionadas com intuito de favorecer às indústrias laticinistas

Ainda que textos legais incluam esses protagonistas e garantam a legitimidade dos produtos produzidos, a execução das legislações não ocorre de forma racional ou imediata, requerendo, também, ou de forma primeira, a definição de políticas públicas que contemplem aspectos mais amplos que a simples conformidade técnica da produção e/ou dos produtos.

Durante a redação do texto me questioneei sobre a possibilidade do afastamento dos métodos industriais e o resgate e a reinvenção de técnicas no processamento desses alimentos, tendo em mente que tais alimentos já eram fabricados muito antes do surgimento das indústrias alimentícias em geral. Porém, tal indagação continua em aberto.

Penso que a continuidade de estudos como este, para avaliação de questionamentos como o supracitado podem contribuir com um novo pensamento e talvez com a implementação de novas legislações que se adeque a realidade dos/as pequenos/as agricultores/as familiares.

## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, J. Da ideologia do Progresso à ideia do desenvolvimento rural sustentável. In: ALMEIDA, J. e NAVARRO, Z. (Org.). **Reconstruindo a agricultura: ideias e ideais na perspectiva de um desenvolvimento rural sustentável**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 1997.

ALTIERI, M. **Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. 4 ed. Porto Alegre : Editora da UFRGS, 120p., 2004.

ALTIERI, M; NICHOLLS, C.I. **Biodiversidad, agroecologia y manejo de plagas**. CETAL, 248p., 1992.

AQUINO, A.M., FEIDEN, A., FRANCO, A.A. et al. **Agroecologia: princípios e técnicas para uma agricultura orgânica sustentável**. Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica, p. 21-48, 2005.

ASSIS, R.L. Desenvolvimento rural sustentável no Brasil: perspectivas a partir da integração de ações públicas e privadas com base na agroecologia. **Economia Aplicada**, v.10, n.1. 2006. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S141380502006000100005](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141380502006000100005)>.

ASSIS, R.L.; ROMEIRO, A.R. Agroecologia e Agricultura Orgânica: controvérsias e tendências. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Curitiba: Editora UFPR, v. 6, p. 67-80, 2002.

AZEVEDO, B.M.S.; CARVALHO, S.R. O diário de campo como ferramenta e dispositivo para o ensino, a gestão e a pesquisa. In: CARVALHO, S.R.; BARROS, M.E.; FERIGATO, S. (Orgs.). **Conexões: saúde coletiva e políticas da subjetividade**. 1ªed. São Paulo: Hucitec, 2009, p. 204-219.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: 70, 1977.

BARROS, J.D.S.; SILVA, M.F.P. Práticas agrícolas sustentáveis como alternativas ao modelo hegemônico de produção agrícola. **Sociedade e desenvolvimento rural on line**. v. 4, n. 2, set. 2010.

BEVILACQUA, P.D. **Produção animal integrada a sistemas de produção agroecológicos e orgânicos na agricultura familiar**. FAPEMIG, 2011. 9p. (Relatório final do projeto).

BOTTECCHIA, R.J.; LIGNON, G.B. Criação de Animais sob Influência de um Sistema Integrado de Produção Agroecológica. In: **Agroecologia: princípios e técnicas para uma agricultura orgânica sustentável**. Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica, p.341-386, 2005.

BRASIL. Lei Federal nº 1.283, de 18 de dezembro de 1950. **Dispõe sobre a inspeção industrial e sanitária de produtos de origem animal**. Diário Oficial da União, Brasília,

DF. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L1283.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L1283.htm). Acesso em: 08 de dezembro de 2016.

\_\_\_\_\_. Decreto nº 30.691, de 29 de março de 1952. **Aprova o novo regulamento de inspeção industrial e sanitária de produtos de origem animal.** Diário Oficial da União, Brasília, DF. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/1950-1969/d30691.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1950-1969/d30691.htm). Acesso em: 12 de dezembro de 2016.

\_\_\_\_\_. Lei Federal nº 7.889, de 23 de novembro de 1989. **Dispõe sobre a inspeção sanitária e industrial de produtos de origem animal.** Diário Oficial da União, Brasília, DF. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/17889.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/17889.htm). Acesso em: 16 de dezembro de 2016.

\_\_\_\_\_. Decreto nº 5.741, de 30 de março de 2006. **Regulamenta os arts. 27-A, 28-A e 29-A da Lei nº 8.171, de 17 de janeiro de 1991, organiza o Sistema Unificado de Atenção à Sanidade Agropecuária, e dá outras providências.** Diário Oficial da União, Brasília, DF. Disponível em: <http://portal.imprensanacional.gov.br>. Acesso em: 07 de janeiro 2017.

\_\_\_\_\_. Lei Federal nº 11.326, de 24 de julho de 2006. **Estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais.** Diário Oficial da União, Brasília, DF. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br>. Acesso em: 22 de janeiro 2017.

\_\_\_\_\_. Decreto nº 7.216, de 17 de junho de 2010. **Aprova e dá nova redação e acresce dispositivos ao Regulamento dos arts. 27-A, 28-A e 29-A da Lei nº 8.171, de 17 de janeiro de 1991, aprovado pelo Decreto nº 5.741, de 30 de março de 2006, e dá outras providências.** Diário Oficial da União, Brasília, DF. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br>. Acesso em: 22 de janeiro 2017.

BUAINAIN, A.M.; ROMEIRO, A.R.; GUANZIROLI, C. Agricultura familiar e o novo mundo rural. **Revista Sociologias**, v.5, n.10, p. 312-347, 2003.

CAPORAL, F.R.; COSTABEBER, J.A. Agroecologia. Enfoque científico e estratégico. **Revista Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, v.3, n.2, p. 13-16, 2002.

CAPORAL, F.R.; COSTABEBER, J.A. Segurança alimentar e agricultura sustentável: uma perspectiva agroecológica. **Revista Ciência & Ambiente**, p.153-165, 2003.

CAPORAL, F.R.; COSTABEBER, J.A. **Agroecologia: alguns conceitos e princípios.** 1 ed. Brasília, 25p. 2004.

CANUTO, J.C. Agricultura ecológica e sustentabilidade socioambiental. **Extensão Rural**, v.5.1998. Disponível em: <http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/extensaorural/article/view/6149>.

CASTRO, E.G. Fronteiras invisíveis: aproximações e distâncias entre ser jovem no campo e nas cidades no Brasil. In: PINHEIRO, D.; RIBEIRO, E.; VENTURI, G.; NOVAES, R. (Org.). **Agenda Juventude Brasil: leituras sobre uma década de mudanças.** Rio de Janeiro, RJ. UNIRIO, 2016.

CENCI, A. **A análise do Perfil das Agroindústrias Familiares Situadas na Região do CONDESUS**. 2007. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, SC. 139 p.

COSTA, B.A.L.; JUNIOR, P.C.G.A.; SILVA, M.G. **As cooperativas de agricultura familiar e o mercado de compras governamentais em Minas Gerais**. In: RESR, Piracicaba-SP, Vol. 53, Nº 01, p. 109-126, Jan/Mar 2015.

CORREIA, C.S.; FERRER, J.B.S.; BENTO, O.L.; CARDOSO, I.R.; BEVILACQUA, P.D. Animais para Agroecologia: a construção do conhecimento agroecológico na busca de melhorias para a agricultura familiar. **Revista Cadernos de Agroecologia**. v. 6, n. 2, Fortaleza, 2011.

CRUZ, N.A.C; ZANELLI, F.V.; BORGES, K.S.; LADEIRA, I.F.S.; BARRETO, E.M.A.; CARDOSO, I.M. **Rede Raízes da Mata: relocalizando a agricultura familiar camponesa na Zona da mata Mineira**. Revista Cadernos de Agroecologia. v. 8, n. 2, Porto Alegre, 2013.

DUARTE, R. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. **Revista Cadernos de Pesquisa**, n. 115, Rio de Janeiro, 2002.

EMPRESA DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA E EXTENSÃO RURAL DE MINAS GERAIS (EMATER - MG). **Perfil da agricultura familiar de Minas Gerais**, Minas Gerais, 2014. Disponível em:

[http://www.epamig.br/index.php?option=com\\_content&task=view&id=520&Itemid=205](http://www.epamig.br/index.php?option=com_content&task=view&id=520&Itemid=205).

EMPRESA DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA E EXTENSÃO RURAL DE MINAS GERAIS (EMATER - MG). **Habilitação Sanitária da agroindústria familiar**. Belo Horizonte, 2013.

FERRARI, E. A. **Agricultura familiar camponesa, agroecologia e estratégias de reprodução socioeconômica**. 2010. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG. 136 p.

FIGUEREIDO, E.A.P. Pecuária e agroecologia no Brasil. **Revista Cadernos de Ciência & Tecnologia**, v.19, n.2, p.235-265, 2002.

FREITAS, A.F.; PASSOS, G.R; FURTADO, S.D.C. SOUZA, L.M.; ASSIS, S.O.; MEIER, M.; SILVA, B.M.; RIBEIRO, S.; BEVILACQUA, P.D.; MANCIO, A.B.; SANTOS, P.R.; CARDOSO, I.M. Produção animal integrada aos sistemas agroflorestais: necessidades e desafios. **Revista Agriculturas: experiências em agroecologia**, v.6, n.2, p. 30-35, 2009.

FURTADO, S.D.C. **Manejo de bovinos em unidades familiares em transição agroecológica**. Viçosa, MG: Universidade Federal de Viçosa – UFV, 2016. 139p., Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Viçosa – UFV, 2016.

GOTSCH, E. **O Renascer da agricultura**. Rio de Janeiro: AS-PTA. 2º ed., 1996. 24p.

GÚZMAN, E. S. **Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável**. In: AQUINO, A.M. de; ASSIS, R.L. Agroecologia: princípios e técnicas para uma agricultura orgânica sustentável. Brasília, DF: Embrapa, 2005.

HAGUETTE, T.M.F. **Metodologias qualitativas na sociologia**. 12º ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Censo Demográfico – 2006 – Agricultura familiar no Brasil e o censo Agropecuário**. BRASIL, 2010.

INSTITUTO MINEIRO DE AGROPECUÁRIA. **Portaria nº 1.252, de 10 de outubro de 2012**. Aprova as normas técnicas para estabelecimentos rurais de pequeno porte elaboradores de produtos de origem animal. IMA, Belo Horizonte, MG, 10 out. 2012. 58 p. Disponível em: [www.ima.mg.gov.br](http://www.ima.mg.gov.br). Acesso em: 23 mar. 2017.

JUNIOR, V.J.W. Política pública de agroindustrialização na agricultura familiar: uma análise do Pronaf-Agroindústria. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v.48, n.4. 2010. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010320032010000400004](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010320032010000400004)>.

LAMARCHE, H. **Agricultura familiar: comparação internacional – uma realidade multiforme**. Editora: Unicamp, v.1, 336p. 1993.

LIMA, R.S. **Queijo minas artesanal: impasses e trajetórias vivenciadas pelos produtores rurais para manter uma cultura tradicional**. In: Reunião Brasileira de Antropologia, 29º, Natal. Anais da 29ª Reunião Brasileira de Antropologia. Natal: UNIOESTE, 2014. p. 10-24.

MAZZOLENI, E.D.; NOGUEIRA, J.M. Agricultura orgânica: características básicas do seu produtor. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v.44, n.2. 2006. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010320032006000200006&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010320032006000200006&script=sci_arttext)>.

MINAS GERAIS. Lei Estadual nº 19.476 de 11 de janeiro de 2011. **Dispõe sobre a habilitação sanitária de estabelecimento agroindustrial rural de pequeno porte no Estado e dá outras providências**. Belo Horizonte, MG. Disponível em: <https://www.almg.gov.br/consulte/legislacao/completa/completa.html?tipo=LEI&num=19476&ano=2011>. Acesso em: 05 de abril de 2016.

MINAS GERAIS. Decreto Estadual nº 45.821 de 19 de dezembro de 2011. **Dispõe sobre a habilitação sanitária do agricultor familiar e estabelecimento agroindustrial rural de pequeno porte**. Belo Horizonte, MG. Disponível em: <https://www.almg.gov.br/consulte/legislacao/completa/completa.html?tipo=Dec&num=45821&ano=2011>. Acesso em: 01 de março de 2016.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E DE DESENVOLVIMENTO (MAPA). Instrução Normativa nº19, de 24 de julho de 2006. **Estabelece ao requisitos para adesão dos Estados, do Distrito Federal, e dos municípios ao sistema brasileiro**

**de inspeção de produtos de origem animal, sistema brasileiro de produtos de origem vegetal, sistema brasileiro de inspeção de insumos agrícolas e sistema brasileiro de inspeção de insumos pecuários.** Diário Oficial da União, Brasília, DF. Disponível em: <http://www.agricultura.gov.br/assuntos/inspecao/produtosanimal/sisbi1/legislacao/instrucao-normativa-19.pdf>. Acesso em: 10 de janeiro 2017.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO (MDA). **Programa de Agroindustrialização da Produção da Agricultura Familiar :Documento Orientador sobre o Sistema Unificado de Atenção à Sanidade Agropecuária – SUASA.** (Org.) PREZOTTO, L.L.; SILVA, J.B. Brasília, 2008.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO (MDA). **O censo agropecuário 2006 e a agricultura familiar no Brasil.** (Org.) FRANÇA, C.G.; GROSSI, M.E.D.; MARQUES, V.P.M.A. Brasília: MDA, 2009. 96p.

MOURA, N.F.; FERRARI, E.A. **Juventudes e Agroecologia: A construção da permanência do campo na Zona da Mata Mineira.** Rio de Janeiro: ANA; Viçosa: CTA-ZM, 2016.

ORTEGA, E.; POLIDORO, H. Fatores a considerar na análise emergética de projetos agroecológicos. In: Engenharia ecológica e Agricultura sustentável. Editora: Manole, São Paulo, 2002.

PASSOS, G.R. **Integração animal em propriedades agroecológicas em Araponga –MG.** Viçosa, MG: Universidade Federal de Viçosa- UFV, 2008. 136p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Viçosa, 2008.

PASSOS, G.R.; CARDOSO, I.M.; FREITAS, A.F. et al. Potencialização dos Sistemas de Produção Animal em Propriedades Familiares Agroecológicas. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v.4, n. 2, 2009.

PLOEG, J.D.V.D. **Camponeses e Impérios Alimentares: lutas por autonomia e sustentabilidade na era da globalização.** Rio Grande do Sul: UFRGS. 2008.

POLLAN. M. **O dilema do Onívoro: Uma história natural de quatro refeições.** Rio de Janeiro: Intrínseca, 2007. 479p.

PREZOTTO, L.L. Uma concepção de agroindústria rural de pequeno porte. **Revista de Ciências Humanas**, n. 31, p.133-154, 2002.

PUGA, L.C.H.P. **Serviço de Inspeção Estadual de produtos de origem animal: uma visão pela coordenadoria regional de Juiz de Fora - MG.** Viçosa, MG: Universidade Federal de Viçosa- UFV, 2008. 111p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Viçosa, 2008.

SANTANA, E.H.W.; FAGNANI, R. (Org.). **Legislação Brasileira de Leite e derivados.** Londrina: Unopar, 2014.

SANTOS, L.F. **Cooperativismo, políticas públicas e redes sociais: perspectivas para a promoção do desenvolvimento rural**. Viçosa, MG: Universidade Federal de Viçosa – UFV, 2016. 105p., Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Viçosa – UFV, 2016.

SCHNEIDER, S. Teoria social, agricultura familiar e pluriatividade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v.18, n.51, p. 99-121, 2003.

SCHNEIDER, S.; SILVA, M.K.; MARQUES, P.E.M. Histórico, caracterização e dinâmica recente do PRONAF - Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar. In: SCHNEIDER, S.; SILVA, M.K.; MARQUES, P.E.M. **Políticas públicas e participação social no Brasil rural**. Porto Alegre, 2004, p. 21-50.

SOUZA, H.N. **Sistematização da experiência participativa com sistemas agroflorestais: rumo a sustentabilidade da agricultura familiar na Zona da Mata Mineira**. Viçosa, MG: Universidade Federal de Viçosa- UFV, 2006. 127p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Viçosa, 2006.

STEENBOCK, W.; SILVA, L.C.; SILVA, R.O.; RODRIGUES, A.S.; CASSARINO, J.P.; FONINI, R. **Agrofloresta, Ecologia e Sociedade**. Curitiba: Kairós, 2013. 422p.

STROPASOLAS, V.L. Os desafios da sucessão geracional na agricultura familiar. **Revista agriculturas**, v. 8, n. 1, p. 26-29, mar. 2011.

TRIVIÑOS, A.N.S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VERDEJO, M.E. **Diagnóstico Rural Participativo: um guia prático**. Brasília: MDA/Secretaria da Agricultura Familiar, 2006. 65p.

WEZEL, S.; BELLON, T.; DORÉ, C. **Agroecology as a science, a movement and a practice. A review**. Agron.Sustain.Dev, 2009.

ZANELLI, F.V., **Educação do campo e territorialização de saberes: contribuições dos intercâmbios agrocológicos**. Viçosa, MG: Universidade Federal de Viçosa- UFV, 2015. 146p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Viçosa, 2015.

## **8. ANEXOS**

### **8.1. Roteiro das entrevistas semiestruturadas realizadas com agricultores e agricultoras dos municípios de Viçosa, Muriaé e Divino**

#### **1. Dados sobre a família:**

Nomes; Sexo; Idade; Número de pessoas.

#### **2. Dados da propriedade:**

Tamanho (em hectares); Tempo dedicado; Quais tarefas/atividades; Trabalha somente na propriedade; Divisão das tarefas/atividades (separação por gênero ou todos contribuem com as diversas atividades).

#### **3. Composição e Manejo do rebanho**

Quantidade de animais; Aquisição dos animais (procedência); Idade; Problemas sanitários; Práticas terapêuticas mais utilizadas (Homeopatia, Fitoterapia, Alopacia, Vacinas).

#### **4. Dados sobre a produção leiteira**

Tempo na atividade; Quem ordenha; Qual/ís horário/s; Quantos animais em lactação; Quantidade de leite produzido por dia; Periodicidade da avaliação sanitária (teste de mastite).

#### **5. Produção dos derivados**

O que produz (queijo, manteiga; requeijão), Quanto produz; Quem produz; Como/ Por que produz.

#### **6. Comercialização**

Quais produtos comercializa (só o leite, leite e derivados, só derivados); Onde comercializa (só no município/ outros municípios/ vizinhos/ amigos/ parentes/ pequenos mercados locais/ laticínios); Quando/Como começou a comercialização desses produtos; Por que comercializa e Por que não comercializa; O que falta para que a comercialização de fato aconteça.

#### **7. Legislações**

Conhece as legislações vigentes a respeito da comercialização de produtos de origem animal; Se sim, onde teve acesso a essas legislações (Sindicato, Associação, outros); Se não, gostaria de conhecer e o que gostaria de conhecer; O que pensa a respeito das legislações; No que as legislações favorecem ou não favorecem os produtos da Agricultura Familiar; Fornece esses produtos de origem animal (leite e derivados) para algum programa do Governo Federal (PAA ou PNAE).

## **8.2. Entrevistas semiestruturadas realizadas com agricultores e agricultoras dos municípios de Viçosa, Muriaé e Divino**

### **Entrevista I**

**Agricultora: M.S.**

**Agricultor: J.C.**

**Comunidade: Varginha**

**Município: Viçosa/MG**

**Entrevistadora:** E aqui são só vocês dois aqui?

**Agricultor:** É... no correr da semana é só nós dois

**Entrevistadora:** Mais tem mais...

**Agricultor:** É fim de semana os menino tudo vem

**Entrevistadora:** São quantos filhos?

**Agricultor:** Cinco. É três mulher e dois homem

**Colaboradora:** Eles vem pra cá o fim de semana todo?

**Agricultor:** Vem... Costuma ter uns que vem, as vezes outro não vem, as vezes vai pra outros lado, mais sempre todo sábado todo domingo eles vem.

**Colaboradora:** E todo mundo é agricultor?

**Agricultora:** Não eles trabalham lá

**Colaboradora:** Na cidade?

**Agricultor:** Tem uma menina que vem no sábado pra cá com o filhotinho e ela trabalha lá, mora lá...

**Entrevistadora:** Ahhh ela mora lá em Viçosa

**Agricultor:** Lá na grota dos camilos

**Agricultora:** Tem um dos nossos meninos que tá plantando alguma coisa ai já mais o ramo deles mesmo é lá na cidade.

**Entrevistadora:** É ai aqui em relação a propriedade vocês tem noção do tamanho em hectares?

**Agricultor:** 3 hectares

**Entrevistadora:** 3 hectares...

**Agricultora:** Incluindo os dois irmãos que também moram ali pra baixo

**Agricultor:** A maior parte é minha né

**Entrevistadora:** Mais eles estão.....

**Colaboradora:** Três hectares para os três irmãos?

**Agricultor:** Ai eles tirou os pedacim deles lá né... Agora já tá tudo assim né, no seu.... quando eu falar... ah não, não vou falar não.... Tá gravando aqui ó (Todos: Risos)

**Entrevistadora:** e quanto tempo vocês acham que vocês dedicam aqui na propriedade, por dia, mais ou menos

**Agricultor:** Você fala de...

**Entrevistadora:** de trabalho, quantas horas vocês acham que vocês trabalham por dia?

**Agricultor:** Ai... Nossa! Tem dia que a gente trabalha 10 horas, é ué...quase direto né...

**Agricultora:** Ainda mais nesse horário de verão agora

**Agricultor:** Nossa senhora!!!

**Agricultora:** Enquanto num anoitece a gente não para

**Agricultor:** Num para né sempre tem alguma coisinha

**Entrevistadora:** Uma coisinha pra fazer... E o que vocês fazem aqui na propriedade?? Tem a produção de hortaliças... quê mais??

**Agricultor:** Mais aqui na horta... Eu trabalho fora né

**Agricultora:** Galinha... Tem as criaçãozinha lá pouca né... mais tem

**Colaboradora:** Qual criação? De galinha só?

**Agricultora:** Galinha e as vaquinha

**Agricultor:** Uma vaca e três bezerros

**Colaboradora:** A produção de frutas

**Agricultor:** Tem uns pezim de laranja

**Colaboradora:** Feijão, mandioca

**Agricultor:** Tem, tem

**Agricultora:** Tem um pouco de cada coisa

**Agricultor:** Agora o feijão e o milho tem a época certa... quase todas as plantas tem época certa né, laranja... tudo tem, tem a época certa... agora chuchu dá direto olha aí

**Agricultora:** Nem sempre né Z\*

**Agricultor:** É... mais a horta não, a horta a gente segura pra Deus ajudar e não faltar né

**Colaboradora:** O carro-chefe é a horta né

**Agricultora:** É

**Agricultor:** É... é a horta, o mais forte é a horta

**Entrevistadora:** E você M\* trabalha só aqui? Na propriedade?

**Agricultora:** Uma vez ou outra eu faço um biquinho, mais muito difícil...

**Agricultor:** Muito difícil

**Agricultora:** Às vezes, uma vez por mês, eu vou lá no sindicato... duas vezes

**Agricultor:** Ah é isto... sempre tem reunião

**Agricultora:** Tem uma menina que mexo com horta pra ela também lá uma vez por mês... duas... eu vou lá e mexo com a horta pra ela mais 95% do meu tempo é aqui

**Colaboradora:** e no sindicato é o quê que você faz?

**Agricultora:** eu sou tesoureira do sindicato, ai eu tenho que ir lá uma vez por mês ou duas pra fechar caixa... esses negócios

**Entrevistadora:** E você trabalha em outro lugar Z\*?

**Agricultor:** trabalho

**Entrevistadora:** Onde você trabalha?

**Agricultor:** Eu trabalho fora né... assim... mais não é direto não... sei lá uns dois dias por semana eu trabalho fora... A horta não dá prazo não... A gente até trabalha fora mais né... Aqui pode ficar direto aqui ó... que ainda não dá conta

**Colaborador:** Muito corrido né

**Agricultor:** Um quando tem que sair um cadim lá fora né

**Agricultora:** Às vezes a necessidade força né... sei lá um dia ou dois trabalhar

**Agricultor:** Isso... os compromisso né... e compromisso todo mundo tem né... as continhas né

**Colaboradora:** Mais você aqui que.. que na renda o que sustenta... assim a renda de vocês é a produção aqui?

**Agricultora:** É

**Agricultor:** É a produção

**Colaboradora:** O trabalho fora é mais pra contribuir mesmo...

**Agricultor:** É pra contribuir... isto... dá uma ajudazinha né

**Entrevistadora:** A mais né... aí em relação aos animais, tem... de bovino né... tem uma vaca e três bezerras...galinha vocês tem mais ou menos quantos animais... vocês sabem quantas galinhas?

**Agricultora:** Vinte... vinte e duas cabeças

**Agricultor:** Mais a gente tá pretendendo aumentá ela... e melhora a produção de ovo né... A gente vai descartando aquelas mais velhas né e vai chegando com outras

**Entrevistadora:** Vai chegando com umas mais novas... Mais aí, em relação a essa vaca, como que vocês conseguiram ela? Onde vocês compraram? Ou vocês ganharam?...

**Agricultor:** Essa vaca a gente comprou foi aqui

**Agricultora:** Nós compramos uma muitos anos atrás... que é mãe daquela vaca né. A que nós compro do papai nós vendeu ela e a bezerra que é filha dela né

**Agricultor:** É... filha dela... Criação é igual família né

**Entrevistadora:** E quantos anos ela tá mesmo ou menos, vocês sabem? Dessa vaca que tá aqui?

**Agricultora:** Num faço a mínima ideia... deve ter uns cinco né Z\*

**Agricultor:** É deve 6 anos

**Agricultora:** É deve ter uns cinco, seis anos. Assim certo eu não sei não

**Entrevistadora:** E ela já teve algum problema? Alguma doença?

**Agricultora:** Não...

**Agricultor:** Não... Graças a Deus não, a gente não descuida da vacina, semana que vem já tem que comprar a vacina, não pode descuidar né

**Entrevistadora:** E aí nunca teve nenhum problema que vocês precisaram usar algum tipo de remédio...

**Agricultora:** Não...

**Entrevistadora:** E nesses animais vocês já usaram algum tipo de terapia alternativa que a gente fala... homeopatia ou as plantas medicinais ou vocês usam os remédios convencionais? Até mesmo nas galinhas....

**Agricultora:** A vaca eu até colhi os carrapatos deles pra poder fazer a homeopatia só que eu não fiz a dinamização da homeopatia ainda não, só que pra carrapato a gente quase não joga remédio não, porque assim elas tá no curral tá com carrapato sai no pasto os passarim cata os carrapato tudo

**Agricultor:** Tem um passarim ai que é o remédio... aquele passarim branco sabe?

**Agricultora:** Aquele passarim branco cês já viram? Passarim branco magrelo eles catam....

**Colaboradora:** Tem um gavião que fica pousado no dorso...

**Agricultor:** Tem gavião também....

**Agricultora:** Agora o berne é mais danado, né...

**Colaboradora:** Dá muito aqui??

**Agricultora:** Infelizmente o berne a gente ainda cura ele com óleo queimado

**Agricultor:** Porque criação fica assim na bera da capoeira né...

**Colaborador:** Só óleo queimado mesmo né ???

**Colaboradora:** Cura com quê? Óleo queimado?

**Agricultora:** E neguvon, tem que pô neguvon

**Entrevistadora:** Dá pra fazer homeopatia dele também M\*

**Agricultora:** Tem que tentar fazer mais ai pra tirar o berne é mais difícil né

**Agricultor:** É mais difícil

**Entrevistadora:** O D\* que é bom de tirar berne M\* (risos)

**Colaboradora:** Eu sou boa também tirei vários esses dias

**Agricultora:** É mesmo???

**Agricultor:** Você fala assim... tirar como?

**Entrevistadora:** Tem que espremer....

**Agricultor:** Isso

**Entrevistadora:** Só assim que ele sai

**Agricultora:** Eh mais ai tem que tirar pra faze ooo, mais eu quero fazer isso sim

**Entrevistadora:** O que eu fiz, eu tirei um do cachorro lá de casa....

**Agricultor:** de cachorro tem que tirar!!

**Entrevistadora:** ...e deixei no álcool, de molho...

**Agricultor:** Ah tá!

**Entrevistadora:** Só um já é suficiente

**Agricultora:** É mesmo? Eu vo vê se Z\* tira

**Agricultor:** E viveu? Num morreu não??

**Entrevistadora:** Ele morre lá dentro do vidrinho por causa do álcool

**Agricultor:** Ele ficou bêbado menina rsrs

**Agricultora:** Mais será que assim por exemplo, tem a vaca e os três bezerros será que se tirar em uma vale pros três?

**Entrevistadora:** Vale

**Colaboradora:** Acho que vale

**Entrevistadora:** Vale sim

**Agricultor:** É né

**Agricultora:** Porque a vaca é mais mansa é mais fácil da gente tira do que dos bezerros

**Colaboradora:** Mais da vaca, falando, como que é a alimentação assim o manejo

**Agricultor:** Ah alimentação é capim, as vez eu pico uma caninha, igual a gente colhe mandioca né, ai a casca... eu aproveito tudo pra criação

**Agricultora:** Põe os resto de horta

**Agricultor:** Só num pode deixa comé muito né, diz que é bom até pra aumentar o leite, já ouviu fala isso? A casca da mandioca... a mandioca nem pode dá pra elas comé né

**Entrevistadora:** O problema da mandioca é o cianeto, nessa mandioca normal também, sem ser a brava, não é? (Me referindo a Eduarda - colaboradora)

**Colaboradora:** Tem, mais é pouco. Tem só que deixar secar de um dia para o outro

**Agricultor:** Secar? A casca?

**Colaboradora:** Toda ela né. Você dá só a casca?

**Agricultor:** Mais a casca né, sempre sobra assim estragada também, fica tudo misturado né, aqueles pedacim lá

**Colaboradora:** Porque você picando ela pouco assim e deixando de uma dia para o outro já evapora já

**Agricultor:** Ahh já fica, só não pode ficar muitos dias porque senão ela começa...

**Entrevistadora:** Ela fermenta né

**Colaboradora:** Se for só pra eliminar esse ácido de um dia pro outro já dá

**Agricultora:** Ele é prejudicial?

**Entrevistadora:** Quando ingerido em muita quantidade sim

**Colaboradora:** Porque aqui também tem umas variedades que não são muito venenosa não, tem umas variedades que a gente fala que é mandioca brava que são até mais amarela...

**Agricultor:** Hoje quase num vê daquela mandioca mais...

**Colaboradora:** Pra cá?

**Agricultor:** É mais tinha muita... Só fazia polvilho com ela né

**Colaboradora:** Lá pra onde eu moro é muito comum

**Agricultora:** Ela só serve pra polvilho né...

**Agricultor:** É só serve pra polvilho... hoje acabou não tá vendo dela mais, hoje mais é essa cacau, amarelinha né que a gente tem aí, mais a que eu dava num era... num tá tendo mais não

**Colaboradora:** Vou trazer umas muda pra cá quando eu volta lá

**Agricultor:** E é perigoso no meio da outra as vezes você descuida arranca achando que é a mesma pode da pobrema

**Colaboradora:** eu acho que povo lá tem um trem de identificar pela folha, parece que uma tem um roxinho na folha que a outra não tem... um negócio assim

**Agricultor:** É mais é muito parecida com as outra

**Colaboradora:** Acho perigoso também

**Agricultor:** Tem a mandioca do mato né que eles falam

**Agricultora:** Teve um dia que tava passando na televisão uma lá que eles falo que era brava que parece com a amarela que a gente cultiva aqui

**Entrevistadora:** Ai sobre a produção de leite de vocês, tem muito tempo que produzem leite?

**Agricultor:** Tem que o bezerro tá com quantos meses hein? Seis meses?

**Agricultora:** Acho que já tem mais de um ano

**Agricultor:** Mais um de um ano... então tem muito tempo

**Agricultora:** Já era pra vaca te criado de novo

**Agricultor:** Mais eu tava até mais a P\* aquele dia nós tava conversando sobre isso né, negócio da vaca, do cio, porque aqui a gente não tem boi pra fica junto, mais agora toquei ela lá pro pasto do vizinho lá e não sei se ela ocupo né

**Agricultora:** Se panhô né

**Entrevistadora:** Tem que observar porque pode ser várias coisas, pode ser que por não ter o boi aqui então as vezes vocês não conseguiram identificar...

**Colaboradora:** Não percebe né...

**Entrevistadora:** As vezes o cio passou e vocês não conseguiram identificar ou pode ser pela alimentação, porque quando alimentação do animal tem pouca proteína, ele não manifesta o cio ou atrasa, então a gente teria que vê direitinho

**Agricultor:** As pastagem ajuda muito né, os pastos... Porque vaca é danada, quando colhe o milho e abre a paiada ai que ela costuma aaa...

**Colaborador:** Elas entra no cio?

**Agricultor:** é porque parece que a paiada tá boa né... ali é um alimento mais né... Mais ai ela quetô mais as vezes vamo aguardar

**Colaboradora:** Mais esse negócio da proteína ele é importante mesmo, a gente tinha... vc conheceu o D\* já? Lá de Pedra Dourada?

**Agricultor:** Não

**Colaboradora:** Ele tava com uns porco lá que não tava entrando no cio de jeito nenhum, ai a gente foi rever o que ele tava dando de comida né, ai a gente viu que num tinha... ó tinha carboidrato, só tinha energia, não tinha quase nada de proteína, ai o bicho quando tá com deficiência nutricional a primeira coisa que corta é a reprodução porque num, reprodução num é função importante pra sobrevivência né, então tudo que ele consome ele vai mobilizar primeiro pra se manter, ai depois que é pra reproduzir, então qualquer bicho primeira coisa que corta... se for galinha para de produzir ovo, se for vaca para de cio

**Agricultor:** Tem época que para, galinha para né... a produção de ovo fica ruim

**Colaboradora:** e tem outras coisas né, tipo assim no caso da galinha luz influencia, várias coisas né mais a alimentação é muito importante

**Agricultor:** muito importante, até pra nós né

**Colaboradora:** A S\* que fala que o ser humano é o único bicho que consegue reproduzir mesmo com deficiência nutricional

**Agricultora:** Pior que isso é verdade (risos)

**Agricultor:** Ai ai ai (risos)

**Colaboradora:** Porque tem coisas psicológicas envolvidas né não só... a gente não tem o instinto só de sobreviver né, a gente apaixonada... num sei o que rrsrs... é brincando mais é verdade mesmo

**Agricultor:** Uma brincadeira que acaba sendo verdade

**Agricultora:** Mais falando daquela ração que vocês me ensinaram a fazer pra galinha, ai eu tava pensando um dia, ralando mandioca e pensando, e se eu tira o polvilho dela o que que acontece?

**Colaboradora:** O polvilho da...

**Agricultora:** Da mandioca pra fazer a ração

**Entrevistadora:** Nossa M\* agora você apertou a gente sem abraçar

**Agricultor:** Às vezes não pode, às veiz tem que ser tudo ali

**Agricultora:** Por isso que tô perguntando

**Entrevistadora:** Ahh eu não sei ao certo

**Colaboradora:** Tipo assim tirar o polvilho e usar o que sobrar pra fazer a ração

**Agricultora:** Tirar o polvilho pra usar noutra coisa e usar só a farinha?? Não sabe também?

**Agricultor:** É às vezes o alimento tá junto ali

**Agricultora:** Por isso que tô perguntando

**Agricultor:** As veiz ela caiu um pouquinho assim

**Colaboradora:** Eu acho que logicamente você tá tirando uma parte da planta, vai tirar um pouquinho né...

**Agricultora:** Com certeza

**Colaboradora:** ...dos nutrientes dela, acho que vai tirar na parte de energia né

**Agricultora:** De repente até a maior parte

**Entrevistadora:** Ah num sei M\*, testa porque na verdade essa ração é bem energética também, foi uma coisa que a gente até já discutiu dentro do grupo, por isso que a gente fala quando a gente ensina fazer essa ração, fala pra não usar só a ração, a pessoa diversificar usar ração e dá o resto da horta, outros legumes, frutas....

**Agricultor:** Lavagem né

**Entrevistadora:** Isso... Porque nessa ração, num sei você pode testar, mais eu acho que não teria problema, porque a mandioca é uma fonte de energia, a cana é uma fonte de energia e o milho também é uma fonte de energia, então eu acho que não ficaria no prejuízo, se fosse só a farinha, talvez né...

**Agricultora:** No caso que eu costumo dá milho além da ração, você acha que isso prejudica não né? O milho inteiro...

**Colaboradora:** A gente tava, isso que a P\* tava falando, a gente tava conversando que essa ração ela é muito energética né ai a gente tava pensando em incluir alguma coisa que...

**Agricultora:** A mais...

**Colaboradora:** Some com proteína, entendeu? Porque ai você já dá uma ração muito energética, já dá o milho que é pura energia, ai acaba que vai perdendo né essa parte da proteína. Inclusive é uma coisa.... A gente podia conversar sobre isso assim o quê que vocês pensam que a gente podia tá incluindo... Acho que dá mais não é problema não mais tinha que pensar em outra coisa de proteína pra dá junto entendeu? Se não a gente vai cair nessa de só energia.

**Entrevistadora:** Ou às vezes fazer a ração também M\*, você teria que testar.... testar ela tirando o polvilho da mandioca, usando a sobra ou talvez tirando o farelo o de milho, porque tem o farelo de milho também na ração, às vezes tira o farelo e você dá o milho inteiro, como você já tem o costume de dar... Daria para testar

**Colaboradora:** Ai faria a ração só com girassol, cana e mandioca??

**Entrevistadora:** Isso

**Colaboradora:** É... ai fica faltando alguma coisa de proteína né

**Agricultora:** Mais ai vai dá bem pouquinha também

**Agricultor:** Mais e o fubá? Tem que ter fubá...

**Colaboradora:** Mais é isso que ela tá falando...

**Agricultora:** Mais no caso se tirar o fubá não...

**Entrevistadora:** Mais a ideia é não colocar o fubá e dar o milho inteiro como ela já dá

**Colaboradora:** Tirar o fubá da ração e dá separado entendeu...

**Entrevistadora:** É dá separado o milho inteiro

**Agricultor:** O milho inteiro é mais facim de dá

**Agricultor:** Ou então tira o milho inteiro e dá só a ração, porque se for fazer a ração sem o fubá ela vai dá muito pouquim porque a maior quantidade é o fubá

**Entrevistadora:** É o fubá

**Agricultor:** Que acho que o milho é... sei lá... tem muito pouca coisa... que o milho até que aquilo dissolve no bucho da galinha... eu acho que a vaca já foi pro brejo (risos)

**Colaboradora:** Eu acho que o milho é um dos trem mais rico que tem

**Agricultor:** Mais ele muito né.... acho que o fubá vai fazer efeito mais rápido

**Colaboradora:** Ah pode ser até pelo tamanho da partícula que tá pequeninha, é digerido mais rápido.

**Entrevistadora:** M\* você vai ser nossa experimentadora, você vai experimentar e contar pra gente depois

**Agricultora:** Eu vou fazer... eu vou fazer uma... uma receita daquela que fô ralando... nós já até secamu um pouco mais de mandioca sem sê aquela que vocês arrumaram, a próxima que fô ralar eu vô faze um teste eu vô tira o polvilho dela pra vê...

**Colaborador:** Se der certo é bom demais que você aproveita o polvilho

**Agricultora:** É... dá pra faze um biscoito... uma coisa qualquer

**Colaborador:** e a sobra você vai fazer a ração e dá até pra vender o polvilho

**Agricultora:** Eu pensei assim... vou pergunta as menina pra vê o que que elas vão achá

**Entrevistadora:** Mais ai a gente tava falando das vacas né... E vocês produzem leite a quanto tempo? Para o consumo de vocês...

**Agricultora:** Geralmente quando a gente tem leite aqui é praticamente só pro consumo, a gente usa aqui, os menino leva pra criança lá em Viçosa....

**Agricultor:** A gente faz um queijinho assim...

**Agricultora:** Às vezes quando sobra a gente faz um queijinho, mais isso é só quando sobra mesmo.

**Entrevistadora:** E vocês sempre criaram vaca?

**Agricultora:** Sempre

**Agricultor:** Sempre... E é bom que é o esterco, a horta depende muito do esterco...

**Agricultora:** Essa agora nossa é mais para o esterco mesmo, pegá urina pra joga nas plantas que gente tá usando direto.

**Colaborador:** Mais como você tira a urina? Na hora de tirar o leite na hora que ela vai fazer xixi você vai com balde?

**Agricultora:** A gente panha a urina mais hora que vai tirar o leite

**Colaborador:** E a aplicação que vocês estão fazendo é foliar?

**Agricultora:** É, pode jogar no solo e pode jogar foliar também. Só que se for jogar na folha ai pode por a urina o EM na mesa bomba ai tem que colocar um pouco de vinagre pra não queimar a folha.

**Agricultor:** O bom é jogar no dia mais fresquim

**Entrevistadora:** Você dilui na água?

**Agricultora:** É 200 mL de urina para 20 litros de água. Agora diz que urina pode jogar toda semana, agora o EM não é bom não...

**Colaboradora:** Não pode por que você sabe?

**Colaborador:** Ele degrada muito rápido a matéria orgânica

**Agricultor:** Esse EM eles falam que a gente pode tomar um golim

**Entrevistadora:** Pode mais tem que ser bem diluído. É bom para tudo... o povo usa até... ao invés de usar água sanitária usa ele para limpar banheiro, passar pano na casa. Tem várias pessoas que usam só o EM não usa mais água sanitária e dizem que é ótimo. Tem pessoas que dizem que tira o cheiro por isso eles usam no curral

**Agricultora:** A gente tem que aprender e ir adequando essas práticas naturais assim e evitar de levar nosso dinheiro todo lá para cidade...

**Entrevistadora:** tem gente que lava até roupa com EM

**Agricultora:** Diz que é muito bom... Dona T\* falou que é muito bom... eu nunca pus em roupa não. Eu ponho pras galinha, eu tava até falando com o Daniel... As galinha aqui tava comendo muito ovo e as casca do ovo tava muito fraquinha e quebrando muito e partir de que eu comecei a colocar EM elas pararam de comer ovo

**Colaboradora:** Mais você pois EM aonde?

**Agricultora:** Na água...

**Entrevistadora:** Pode ser deficiência de cálcio

**Agricultora:** Vai uma e fura e as outras tudo ajuda a furar, ai aprende, uma ensina pra outra.

**Entrevistadora:** Mais em relação as vacas... Quem faz a ordenha?

**Agricultor:** Tirar o leite? Aqui eu tiro, ela tira...

**Entrevistadora:** Vocês dividem a tarefa? Cada dia é um que tira?

**Agricultor:** Divide... as vezes eu tenho que sair cedo ai ela tira

**Colaboradora:** Mais pensando assim antes dessa etapa de ordenha né... da alimentação, desse manejo que vocês fazem de sanidade, quem que faz o quê? Quem que alimenta, quem que trata as doenças??

**Agricultor:** É tudo... se eu não tiver ela faz

**Agricultora:** Quem tiver em casa que faz isso. Se eu tô em casa eu faço, se ele tá em casa ele faz

**Agricultor:** Quando tá nós dois eu que faço né. E ela tiro leite desde... quantos anos você tira leite?

**Agricultora:** Ah tem uns 8, 10 anos que eu tiro leite

**Agricultor:** Fico treinando né, e hoje ela é uma máquina

**Agricultora:** Tô muito longe de máquina rsrrs

**Agricultor:** Só que ela tirava com uma mão só, ai eu falei que o bom é tira com as duas mão, até o movimento da mão o leite rende mais. Tem homem que tira leite com uma mão só, é ruim, o bom é tirar com duas mão.

**Colaboradora:** Mais tem alguma atividade especifica das vacas que só a M\* faz ou só você faz? Depois da ordenha o processamento do leite?

**Agricultor:** Não, não... agora ela só não busca, se criou lá ela não vai lá busca, porque as vezes o bicho tá com bezerro pode pega né, ai se tive ela deixa pra eu ir lá buscar, só isso. Criação nossa aqui é muito mansa, não é aqueles bicho doido que vê a gente de longe e já tá dando partida, e é perigoso viu.

**Agricultora:** Meu menino mais velho diz que ganhou uma vaca, ganhou a vaca com bezerro, eu falei: não! pra qui vocês não vão trazer, trazer vaca brava pra qui, meus neto não sai do meio do pasto, vai trazer vaca brava pra qui, pra machucar a gente. Eu falei tenta vender ela pra lá pra qui não vai trazer não.

**Entrevistadora:** Vocês tem algum horário de tirar o leite? De manhã e a tarde?

**Agricultor:** O horário é 6:30, 7:00 horas

**Agricultora:** Só de manhã

**Agricultor:** tem dia que tira mais cedo, porque às vezes eu vou sair, eu tiro o leite mais cedo, pra não atrasar a obrigação dela. Esse horário agora se bobiar 19:00 a gente tá na cama. Porque a tarde é grande, 19:30 tá de dia ainda...

**Entrevistadora:** Vocês estão só com uma? E ela tá dando leite?

**Agricultor:** Tá ainda tá... pouquinho mais tá.

**Entrevistadora:** Quantos litros de leite ela dá por dia?

**Agricultor:** Tem dia que ela dá dois litros

**Agricultora:** Agora que o bezerro tá velho

**Agricultor:** Tá velho, às vezes o pasto dá uma melhora, ai aumenta um poquim, porque tudo é de acordo com o alimento, se o alimento for bom...

**Entrevistadora:** E vocês já fizeram algum teste para detectar mastite na hora de tirar o leite dessa vaca?

**Agricultora:** Não

**Colaboradora:** Nem aquele lá antes da ordenha que é fazer o primeiro jato em uma canequinha preta? Já viram fazer isso?

**Agricultora:** Já ouvir falar mais nós nunca fizemos

**Colaboradora:** Porque tem uma canequinha preta que ela tem tipo umas marquinhas e o povo recomenda, antes de você ordenhar, você despejar os primeiros jatos nele, porque se tiver um grumos já é um indicativo

**Entrevistadora:** ela é igual uma peneira na verdade, é o copo e em cima ela tipo uma peneira preta, que quando você esguicha os primeiros jatos, se tiver com mastite e você não conseguiu ver... porque tem duas, tem a clínica e a subclínica. A clínica é fácil de ver porque o úbere... o teto fica inchado, vermelho, as vezes fica duro e através dessa caneca é uma forma da gente confirmar, porque o leite começa a dar grumos, ai quando você esguicha os primeiros jatos ali, os grumos ficam nessa peneira.

**Colaboradora:** Ai é simples, dá para fazer toda vez que você ordenhar que na hora você já identifica

**Agricultor:** Usa pra fazer teste do leite?

**Entrevistadora:** de mastite

**Agricultor:** Se tiver dez vacas faz em todas dez?

**Entrevistadora:** Sim, faz em todas

**Colaboradora:** Sempre antes da ordenha, é um copinho plástico, acho que é até baratinho

**Agricultora:** Vamo vê se a gente compra esses negócio, é um cado é falta de cuidado da gente

**Entrevistadora:** Ai com esse leite que vocês tiram M\*, você falou que vocês tiram pouco... o que vocês fazem com ele? Eu sei que vocês fazem o queijo e o que mais? Manteiga, requeijão?

**Agricultora:** Só o queijo

**Agricultor:** Faz broa, requeijão não

**Agricultora:** Porque a manteiga, requeijão você tem que ter mais quantidade de leite. O requeijão, a gente junta o leite né, mais eu não sei fazer requeijão.... gasta mais leite. E eu também não gosto de requeijão, eu gosto de requeijão em barra, e em barra eu não sei fazer

**Entrevistadora:** então faz só o queijo mesmo, e quem faz o queijo?

**Agricultora:** Eu

**Agricultor:** É a dona M\*, a vaca manda o leite pra ela e ela faz o queijo

**Colaboradora:** E o uso do leite em quitanda, bolo essas coisas assim, você tem costume de fazer?

**Agricultora:** Só pra despesa

**Colaboradora:** Mais ai é você também?

**Agricultora:** Eu também, ou às vezes uma da meninas dia de domingo

**Entrevistadora:** E ai quando você faz o queijo, dá pra fazer quantos?

**Agricultora:** É um queijinho pequenininho

**Agricultor:** É um queijim de meio quilo

**Agricultora:** Porque pra fazer um queijo de 1 quilo gasta 10 litros de leite, agora você imagina 3 litros de leite, dá pra fazer um queijim assim ó (risos)

**Agricultor:** É de 400 gramas, meio quilo

**Colaborador:** Mais você já levou queijo pra feira?

**Agricultor:** Levo todo sábado eu levo

**Colaboradora:** O queijo de vocês é de massa cozida ou não?

**Agricultora:** Não, sempre eu joga um copo de água morna nele pra favorecer a escoação do soro, mais não é massa cozida não

**Agricultor:** E o pessoal gosta só que o queijo tem que ser muito bem caprichado, porque as pessoa não vai comprar um queijo de qualquer lugar, qué saber de onde é o queijo...

**Colaboradora:** só uma curiosidade, quando tempo vocês deixam maturando antes de vender?

**Agricultora:** A gente não deixa madurar não, não sei fazer queijo maduro não

**Entrevistadora:** Vende ele fresco mesmo

**Agricultora:** Eu até vi aquele negócio lá, aquele dia lá, vocês tava lá não tava? Não consigo fazer queijo maduro, apesar deu gostar muito, mais eu quando eu faço assim, as vezes eu faço e largo ele na geladeira

**Entrevistadora:** E por que você gosta de fazer o queijo M\*?

**Agricultora:** É um modo da gente aproveita leite né, porque se tive só eu e ele a gente não consome o leite todo. Eu gosto de leite mais leite me faz um pouco de mal, faz dor de cabeça, o queijo me faz muito ressecamento no intestino. Eu adoro queijo mais o queijo me resseca muito

**Entrevistadora:** Então dos derivados, o leite vocês não comercializam, só o queijo

**Agricultora:** É quando sobra é só o queijo, mesmo assim hoje tá quase sendo proibido de levar ele na feira, porque o pessoal tá numa exigência na feira, que eles não tão querendo nem saber

**Agricultor:** O povo tá cobrando mesmo

**Colaboradora:** Os consumidores?

**Agricultora:** Não a vigilância sanitária

**Colaboradora:** Me falaram um negócio de que, me disseram até que você já comprou, que tinha que arrumar uma caixa

**Agricultor:** Já comprei

**Colaboradora:** O que foi que eles exigiram? A caixa, avental...

**Agricultor:** O cômodo, o cômodo tá ali ó arrumado esperando eles vim cá

**Colaborador:** O governo vai financiar o dinheiro pra vocês construírem o cômodo? Como é que é?

**Agricultor:** Nada... Por enquanto não falaram nada não

**Agricultora:** Como é que é D\*?

**Agricultor:** Tomara né

**Colaborador:** Porque eu encontrei um cara da vigilância sanitária na feira sábado, ele tava comendo pastel na mesma barraquinha que eu, e eu perguntei que história era essa que tava acontecendo, e ele falou que era um programa do governo, que o governo ia financiar. Tem nada disso...

**Agricultor:** Né não, pra nós não chega não

**Agricultora:** Eu já ouvi falar que a gente consegue fazer um financiamento, ai esse sim

**Colaborador:** Mais também deve ficar a vida inteira pagando

**Agricultora:** Pois então, o medo é esse, e eu tenho um medo de conta que só Deus

**Agricultor:** A gente dormi com a cabeça tranquila é melhor né. Porque tem muita gente que faz muita coisa mais....

**Agricultora:** O meu medo porque hoje a gente não tem... hoje a gente vive do que a gente ganha no dia a dia, a gente não tem um salário assim pra contar, tal dia do mês eu tenho um salário assim pra eu receber, ai vai que gente faz uma conta e acontece qualquer coisa e a gente não consegue pagar

**Entrevistadora:** E esse queijo que vocês fazem, vocês vendem só na feira?

**Agricultora:** Só na feira

**Colaboradora:** Vocês nunca levaram na rede não?

**Agricultora:** Lá tem muita coisa que já leva né

**Agricultor:** Até a Maysa já pergunto....

**Agricultora:** Tem outros agricultor que já leva

**Agricultor:** E tem hora que a vaca para de dá leite

**Entrevistadora:** E quando vocês começaram a vender queijo?

**Agricultor:** Deve fazer um ano... por aí

**Entrevistadora:** Mais antes dessa vaca vocês já vendiam queijo ou não?

**Agricultor e Agricultora:** Não

**Agricultor:** A gente passou a vender queijo depois que passei a mexer com feira. Porque na feira você pode levar

**Colaborador:** Tem quanto tempo que você faz feira em Viçosa?

**Agricultor:** Tem só dez anos (risos) tem bastante tempo, graças a deus. Nunca falhei nem um dia de feira

**Agricultora:** Só falhou um dia que ele tava internado, ai fui eu no lugar dele

**Entrevistadora:** E porque que vocês acham que é uma vantagem vender o queijo?

**Agricultor:** É mais um dinherim que ajuda né

**Entrevistadora:** E dificuldades vocês tem alguma? Em relação à venda do queijo?

**Agricultor:** Não é tranquilo

**Entrevistadora:** E em relação as legislações, as leis sobre a comercialização do queijo vocês conhecem alguma? Vocês já ouviram falar....

**Agricultora:** Não

**Agricultor:** Fala mais na EMATER, as exigências né

**Entrevistadora:** Fala das exigências, mais quais são as leis eles nunca falaram

**Agricultor:** Não, não...

**Entrevistadora:** Vocês gostariam de conhecer essas legislações?

**Agricultora:** Claro

**Agricultor:** Com certeza

**Agricultora:** Mesmo que a gente não tenha o queijo pra vender nós tamo bem antenado nas coisas

**Agricultor:** Coisa boa quanto mais a gente aprender melhor é

**Colaboradora:** Ainda mais agora que vocês estão construindo o cômodo...

**Colaborador:** Mais o cômodo é pra mandioca

**Agricultora:** Mais a gente que faz ele assim um pouco multiuso. Porque faz uma coisa cara, pra uma coisa só... eu tava até pensando assim alguma coisa relacionada a fruta

**Colaborador:** Fazer polpa de frutas esse trem

**Agricultora:** Isso... porque fruta a gente perde muita né

**Agricultor:** Perde... essa época tem muita acerola, ano passado eu vendi muita acerola... levava pra rede, levava pra feira

**Colaborador:** A vigilância sanitária veio aqui na casa de vocês?

**Agricultor:** Não, ainda não

**Agricultora:** Ah não, veio a menina aqui sim....

**Entrevistadora:** E vocês fornecem os produtos para algum programa do governo, para merenda escolar ou PAA?

**Agricultora:** Verduras e legumes sim

**Agricultor:** Não, PAA não

**Agricultora:** PAA sim Z\*

**Agricultor:** é o PNAE não?

**Agricultora:** O PAA... agora entrei no projeto, eu mesma entrei no projeto, só que o projeto não foi aprovado ainda

**Colaboradora:** qual projeto?

**Agricultora:** O PAA

**Colaboradora:** O específico pra mulher?

**Agricultora:** É, ai o pessoal da EMATER tá fazendo os procedimentos lá, a gente foi lá deu nome

**Colaboradora:** Mais o projeto é pra quê?

**Agricultora:** Mesma coisa de escola... é legumes

**Agricultor:** É verdura

**Colaboradora:** Mais no caso é só no seu nome

**Agricultora:** É no meu nome

**Agricultor:** Porque a EMATER parece que tá assim....

**Agricultora:** Ai esses projeto assim diz que demora até ano, dois anos pra ser aprovado

**Agricultor:** É demora, tem que esperar sentado... Mais a EMATER parece que tá assim.... com a prefeitura, ajudando né

**Agricultora:** É eles trabalham em conjunto

**Agricultor:** O problema desse da merenda escolar que o pagamento demora né

**Agricultora:** Tá garrado. O pagamento é bom, o programa é muito bom, mais só que...

**Agricultor:** Paga direitim, mais tem época que demora

**Agricultora:** Tá atrasando muito ultimamente

**Agricultor:** É 3, 4 meses

**Agricultora:** Nos entregamos agosto, setembro, outubro, já entregamos duas semanas de novembro e não recebemos nenhum centavo ainda.

**Agricultor:** Porque a gente tem gasto, toda segunda feira, pego carro pra lá, pego carro pra cá, eu tenho que passar nuns 10 colégio pra fazer entrega

**Entrevistadora:** E vocês estão cumprindo o compromisso de entregar e eles não....

**Agricultor:** Quando era o Dr. Celito parece que o pagamento dele saía mais rápido. Agora essa prefeitura tá meio assim, eles falo que não ia atrasar e não sei quê, mais tá atrasando

**Colaboradora:** Já chegou de devolver coisa de vocês?

**Agricultora:** Algumas vezes

**Colaboradora:** Porque eu já escutei relato, parece que tinha uma obrigação de que 30% tinha que ser da agricultura familiar, ai parece que os agricultores estavam entregando, e os diretores das escolas achando ruim, porque vinha umas bananas menores, uns trem assim e tava devolvendo...

**Agricultora:** Mais isso é normal da agricultura familiar porque... foi até bom você toca no assunto, eu quero fazer essa pergunta um dia que tive reunião lá, porque eles exigem verdura de qualidade e sem agrotóxico. E eu quero fazer a pergunta se eles tiram o preço, porque eles pagam para o produtor o preço mínimo do mercado, eles olham em três mercado, eles não paga nem o maior, nem o menor eles paga o preço mínimo. Ai eles exige uma verdura de qualidade sem fungos e sem agrotóxico. Ai eu quero perguntar se eles tiram esse preço também num mercado que trabalha sem agrotóxico

**Entrevistadora:** Com certeza não porque é bem mais caro, orgânico, certificado...

**Agricultora:** Pois é, eu não gosto muito de abrir minha boca não porque eu faço igual a D\* fez aqui.... olha vê se eu faço uma pergunta e o outro entra com outra pergunta lá depois eu se fô faze uma pergunta eu já perdi onde é que eu tava... não consigo achar... rrsrrs... Mais eu quero fazer essa pergunta lá pra eles.

**Colaboradora:** Mais eu também acredito que é diferente

**Agricultora:** Porque eles exige análise de água, verdura sem agrotóxico e é mais vantagem pra gente também, não é tanto pra eles não, mais eles deveria tirar um preço num mercado que vendesse esse tipo de produto que a gente comercializa lá e saber também se o resto dos produto que eles compram pra complementar se é assim... Porque não adianta nada você comprar 30% na mão do agricultor sem agrotóxico e comprar os outro 70% lá cheio de... né

\*\*\*

## **Entrevista II**

**Agricultora:** M.C.

**Agricultor:** J.D.

**Comunidade:** Buieié

**Município:** Viçosa/MG

**Entrevistadora:** Qual o tamanho da propriedade aqui? Vocês sabem em hectares?

**Agricultor:** 7,5 hectares

**Entrevistadora:** Há quanto tempo vocês estão aqui?

**Agricultor:** Morando? 10 anos

**Entrevistadora:** E quais as tarefas vocês fazem aqui? É a produção do leite, e o que mais?

**Agricultora:** O doce, a gente planta milho, agora no momento é só, a gente plantava moranga, mais ai tem bastante tempo que não planta né

**Agricultor:** Tem que ficou ruim agora de comércio né, antes você plantava e pagava pra levar, eles recebia por saco né, pra levar pro Ceasa, hoje não, hoje esse comerciante, os mercado grande tem caminhão que vai no Ceasa, ai eles que te comprar barato pra eles leva. Ai o preço não tá compensando muito pra plantar mais. Antes compensava, antes ele cobrava R\$1,00 por saco né, ai valia a pena, mais hoje não compensa não, porque se no Ceasa tive valendo R\$20,00 a saca de moranga de 25kg, ai aqui eles que pagar R\$8,00, R\$10,00, que paga menos da metade

**Agricultora:** Se contá a mão de obra que gasta. E como por enquanto ele tá trabalhando na rua ai não dá pra fazer mais nada

**Agricultor:** E é muito pouco, você planta e ai você corre o risco de não produzir, o gasto é muito e igual essa seca que tá, não chove e não tem água pra jogar, irrigar... fica difícil

**Entrevistadora:** Quanto tempo vocês acham que trabalham por dia aqui na propriedade? Em horas, vocês tem uma noção?

**Agricultor:** Ah eu tô trabalhando antes de eu ir pro serviço e depois que chego... ah dá umas 5, 6 horas, todo dia... ainda trabalho na cidade.

**Entrevistadora:** E você C\*?

**Agricultora:** Ah eu não sei porque eu trabalho o dia inteiro

**Agricultor:** Dia e noite quase

**Agricultora:** Eu nem sei que eu quase num vô pará pra almoça pra dá tempo de...

**Agricultor:** Aí bota sábado e domingo que trabalha quase o dia todo

**Agricultora:** Mais deve ser isso mesmo, roça você não tem... não pode parar não minha filha, porque se você for trabalhar no terreiro ai você trabalha até certa hora, aí você chega dentro de casa tá tudo bagunçado pra você fazer, ai é difícil falar quantas horas

**Entrevistadora:** E você trabalha só na propriedade?

**Agricultora:** É

**Entrevistadora:** E você trabalha fora né D\*?

**Agricultor:** Trabalho fora

**Entrevistadora:** Você trabalha no comércio?

**Agricultor:** Não, eu trabalho em construção civil, telhado colonial

**Agricultora:** Carpinteiro

**Entrevistadora:** E como vocês dividem as tarefas aqui na propriedade? Tem algumas divisão entre vocês? Por exemplo, só o D\* que tira o leite, só a C\* faz o doce, ou tem dias que vocês trocam?

**Agricultora:** Tirar leite eu não tiro não, eu só limpo curral, lavo a ordenhadeira...

**Agricultor:** Eu tiro o leite e a C\* faz o doce, agora o resto é tudo junto, é um ajudando o outro aqui

**Entrevistadora:** E com quantos animais vocês têm agora?

**Agricultora:** Tem 3 vacas e 2 bezerros

**Entrevistadora:** E vocês tem outros animais?

**Agricultora:** Tem uma égua e um potrinho só

**Entrevistadora:** E como vocês compraram esses animais?

**Agricultora:** PRONAF, nós fizemos o PRONAF, aí veio de Ervália, compramos em Ervália.

**Entrevistadora:** E qual a idade dessas vacas?

**Agricultora:** Dois e meio, três né D\*?

**Agricultor:** Não tem mais quê vê... deve tê uns quatro e meio pra cinco ano. É porque ela começa por prenha é com 18 meses, 1 ano e meio, ela deve tê mais umas 3 cria, mais de 3 ano.

**Entrevistadora:** E vocês já tiveram algum problema com doenças? Algum adoecimento específico?

**Agricultora:** Não

**Entrevistadora:** E ectoparasita, carrapato, berne, vocês tratam com quê?

**Agricultora:** Como é que chama o remédio?

**Agricultor:** Aspersin

**Entrevistadora:** E as vacinas?

**Agricultor:** Tá tudo em dia

**Agricultora:** Só falta vacinar a bezerrinha, mais eu tô esperando os dia, que ela fez o, tomo aquela da brucelose aí pediu pra esperar um pouco pra pode aplicar a outra, a de febre aftosa

**Entrevistadora:** E a quanto tempo vocês produzem leite?

**Agricultora:** Tem 9 meses. Nossa tem 9 meses D\*, por isso que tá diminuindo o leite

**Agricultor:** A gente não conta né que é 300 dias de leite né, 150 ela vai pro topo, e 150 ela vai caindo mesmo, agora é pouco leite mesmo que vai

**Agricultora:** Agora já pode secar ela, porque ela já tá prenha de novo

**Agricultor:** Mais o certo é com 60 dias antes, demoro a fica prenha antes

**Colaborador:** Vocês tem boi também?

**Agricultor:** Não

**Entrevistadora:** Vocês levam em algum vizinho pra cruzar ou trás o boi pra cá?

**Agricultor:** Levei duas vacas lá que não pegou inseminação não, foi na monta

**Agricultora:** Não, vaca foi na monta né, outra foi porque não deu tempo de chamar o cara pra inseminar, inseminô só uma

**Entrevistadora:** E a ordenha é sempre você que faz D\*?

**Agricultor:** É

**Entrevistadora:** E quais são os horários da ordenha?

**Agricultor:** De manhã lá pelas 6:00, 6:30 e depois de tarde também lá pelas 18h, 19h

**Entrevistadora:** E quantas estão produzindo agora?

**Agricultor:** As 3 tão produzindo. As 3 dão uma média de 40 litros por dia

**Entrevistadora:** Vocês fazem algum teste para mastite?

**Agricultor:** Faz

**Entrevistadora:** Quais vocês fazem?

**Agricultor:** A eu faço aquele que pega...

**Entrevistadora:** Da caneca?

**Agricultor:** É

**Entrevistadora:** Do fundo preto?

**Agricultor:** Não, não tem ela ainda não, eu pego na vasilha e ponho o remédio lá

**Agricultora:** Não você faz esse, aí de vez em quando você faz o outro né, num é direto não

**Agricultor:** Não panho todo dia, mais toda semana eu faço, uma vez por semana, que vê se dá grumo

**Entrevistadora:** O remédio é aquele roxo?

**Agricultora:** É

**Agricultor:** Que aí dá pra vê o grumo né, quando tá começando

**Agricultora:** Esqueci o nome dele

**Entrevistadora:** Chama CMT esse do remédio roxo

**Agricultora:** Ele fica amarronzado né não

**Agricultor:** Não, marrom, café com leite.... o café com leite é quando tem água, o roxo é quando tem mamite, ai quando ele tá ácido ai ele fica meio... ele taia um pouco, como é que fala... coagulado

**Entrevistadora:** Então esse você faz uma vez por semana?

**Agricultor:** Com o remédio todo dia eu vejo se tá ou não, e na hora que vai coar o leite, quando tira a ordenhadeira nós coa ele sabe, ai dá pra vê também se tá tendo alguma coisa que quando começando, aí no coador do leite aquele finim, aquele peneirinha, aquela telinha né, ai dá pra vê se tem alguma coisa, aí dá pra você volta e fazer o teste e vê se tem alguma coisa.

**Entrevistadora:** E com esse leite vocês produzem o quê além do doce?

**Agricultora:** Só doce e o iogurte né, e o restante do leite a gente tá entregando... pro tanque, pro tanque não, o rapaz leva pro laticínio no fundão

**Entrevistadora:** O laticínio sabor real?

**Agricultor:** É

**Entrevistadora:** Vocês já produziram queijo alguma vez?

**Agricultora:** Eu faço queijo

**Entrevistadora:** Mais você já fez pra vender ou não?

**Agricultora:** Com essas vaca aqui não, mais com outras vacas eu já vendi... mais eu gosto de fazer doce, queijo eu faço só pra nós agora, requeijão

**Entrevistadora:** Então faz só pra família agora o requeijão e o queijo, manteiga você faz também?

**Agricultora:** Manteiga quem faz é ele

**Entrevistadora:** Ah é, o D\* que faz a manteiga... e quanto que você produz de doce? Você tem uma ideia?

**Agricultora:** Ah por semana eu costumo fazer 4, 6kg só... de 4 a 8kg. Antes de nós ter essas vaca eu produzia isso quase todo dia.

**Entrevistadora:** E por que você produz o doce C\*?

**Agricultora:** Por que? Porque eu gosto de fazer doce e pra ajudar também, é um dinheirinho extra que entra.

**Entrevistadora:** Onde você comercializa esses produtos?

**Agricultora:** Ah eu já tenho os meus fregueses já, que eu entrego... no calçadão, tem pessoas que encomenda, na rede, no CTA.

**Entrevistadora:** Na feira você vende?

**Agricultora:** Vendo mais só que eu não tô indo esses dias não. O comércio na feira tá muito devagar e eu preciso de motorista pra me levar

**Entrevistadora:** E você comercializa só aqui em Viçosa? E em outros lugares você vende?

**Agricultora:** Não, só de vez em quando que vai pra fora, meu doce é chique já foi pra Portugal, pra Itália...

**Entrevistadora:** Isso por encomendas, de pessoas que já conheciam

**Agricultora:** É... pessoas que já foram visitar, estudantes, pra pessoas que vem pra formatura... aí leva

**Entrevistadora:** E quando você começou a vender os doces?

**Agricultora:** O doce de leite eu não sei, você sabe?

**Agricultor:** Lembro não

**Agricultora:** Porque eu comecei a fazer doce de festa pra vende, tem 7 anos, agora o doce de leite...

**Agricultor:** uns 3

**Agricultora:** Não tem mais... deve ter uns 4, 5 anos mais ou menos.

**Entrevistadora:** Por que vocês não comercializam o queijo por exemplo, ou o requeijão? Vocês tem alguma dificuldade?

**Agricultora:** Não, se eu fizer o pessoal... fica me pedindo fazer, mais porque eu não gosto, eu acho que rende pouco, dá muito trabalho pra pouco resultado. Tem pessoas de antes, né D\*, que pede até hoje, aquela menina perto da casa da Naquinha, Vicente....

**Agricultor:** Ah muita gente... é

**Agricultora:** Eles pede eu não faço não, eu falo assim compra doce. Assim, eu gosto de fazer sabe, mais eu prefiro fazer o doce, eu acho que ele rende mais, porque o queijo eu preciso de 10 litro pra fazer um quilo do frescal e o doce com 10 litros eu faço de 4 a 5 quilos de doce, ai eu vendo a R\$15,00, ai faz a conta, 15 vezes 4 dá 60 né, e o queijo... o queijo é R\$15,00 o quilo, ai de 15 pra 60 é muita coisa. Então não compensa, você tem trabalho, e queijo assim ele é trabalhoso, o doce também é mais na hora que você termina de fazer você vê o resultado, a quantidade o volume né, e o queijo não, o queijo você tem aquele trabalho, aquele processo todo de deixar coalhar, de mexer, de virar, a sequência o dia inteiro né, ai na hora que você vê, 10 litro de leite voc~e fazer 1kg de queijo, e o requeijão é 900 grama, 10 litro dá 900 grama. Ai o requeijão R\$28,00, o doce continua R\$60,00, ai eu prefiro faze o doce.

**Entrevistadora:** Compensa mais. E dá menos trabalho que os outros?

**Agricultora:** Assim é cansativo, porque você tem que mexer o tempo todo, no fogão à lenha, com esse calor né, mais eu prefiro porque você vê resultado no final, eu gosto de fazer.

**Entrevistadora:** E vocês conhecem alguma legislação que fala à respeito da comercialização desses produtos de origem animal, tanto o doce, o doce de leite, o queijo, ou o próprio leite?

**Agricultora:** Ah eu sei do sistema, que tem que ter ambiente só pra esses produtos, essas coisa, tem que te higiene, essa coisa

**Entrevistadora:** E como você ficou sabendo dessas informações?

**Agricultora:** Com o pessoal da EMATER, e sempre quando tem curso, sempre quando tem reunião eu gosto sempre de tá participando.

**Entrevistadora:** Vocês tem alguma opinião sobre essas legislações, até pelo que as pessoas da EMATER falam, se elas favorecem ou não favorecem os produtos da agricultura familiar?

**Agricultora:** Ah eu acho que eles exige muito porque o agricultor pra vê o retorno do que investe é muito difícil, mais eu não deixo de achar que tem razão, porque quando você mexe com alimento, você não pode brincá né, com a saúde das outras pessoas né. Mais eles exige muita coisa, e exige muito pro pequeno produtor porque o grande produtor...Você pode olhar esses laticínio grande ai minha filha, tá mais infestado de bactéria do que a minha cozinha, e eles passa por cima né, quando vigilância vai lá eles sabe que vai, então esconde, limpa tudo e o pequeno produtor não.

**Entrevistadora:** E eles já vieram de surpresa aqui?

**Agricultora:** Não, aqui eles nunca vieram não, porque eu sempre fiz doce mais nunca entreguei no mercado, que eles mexe mais com produto que tá no mercado, aí agora que ela veio aqui pra pode olha lá quê que tem que fazer na cozinha, mais assim quando acha produto no mercado sem coisa eles fazem isso né, porque eles esquecem, igual o meu cunhado falou comigo, aquela linguiça maria rosa, aí vem acho que de Teixeiras, aí o pessoal da vigilância sanitária chegou lá, pra poder apreender a linguiça porque era de outra cidade e não tinha licença pra vendê aqui. Aí ele falo assim “Peraí aqui tem 5kg de linguiça, você acha que eu comprei essa linguiça aonde? Vai lá e apreende lá porque eles que tem que sabe que pode manda pra cá ou não”, então o quê que acontece lá o pequeno

né, do comerciante pequeno queria apreender a linguiça dele, eles tinha que apreender é lá ué, é lá que fornece, entendeu? Mais com o grande eles não mexe, eles mexe só com os pequeno.

**Entrevistadora:** E você tem vontade de acessar esses outros mercados? Pra vender em supermercado, mandar para outros lugares, ter um selo?

**Agricultora:** A cozinha ali é pra isso, já tá fazendo os rótulo dos doce, já fez o valor nutricional tudo, aí tô esperando só fazer o trabalho né, da arte do selo pra pode fazer e espera a cozinha fica pronta...

**Entrevistadora:** E vocês já acessaram algum programa do governo? O PAA ou PNAE?

**Agricultora:** Não por enquanto não

\*\*\*

### **Entrevista III**

**Agricultora:** M.A.

**Agricultor:** R.L.

**Comunidade:** Palmital

**Município:** Viçosa/MG

**Entrevistadora:** E quantas pessoas moram aqui?

**Agricultor:** 4 pessoas, nós dois e dois filhos

**Entrevistadora:** Em relação a propriedade você sabe o tamanho? Em hectares?

**Agricultor:** Acho que são 12 hectares

**Entrevistadora:** E de tempo de dedicação de trabalho você tem noção por dia? Quantas horas você trabalha por dia?

**Agricultor:** 12 horas

**Entrevistadora:** E quais são atividades que você faz aqui na propriedade?

**Agricultor:** Eu mexo com a horta, planto milho, na época de plantio de feijão eu planto feijão, mexo com as vaquinha aí, mexo com roçadeira, faço serviço de roçadeira

**Entrevistadora:** Aí você falou que faz serviço de roçadeira. E você faz algum outro trabalho fora da propriedade?

**Agricultor:** Não, no momento não, não tô dando conta

**Entrevistadora:** E vocês fazem alguma divisão de trabalho aqui? Ou vocês fazem tudo? Ou tem coisas que é só você que faz ou tem coisas que é só ela?

**Agricultor:** Geralmente negócio de horta aqui... de roça sou eu que mexo, ela ajuda a colher as coisas no final de semana pra feira, mais o mais é eu que faço, mexer com criação tudo é eu que tenho que mexer

**Entrevistadora:** E quantos animais você tá agora? De vacas?

**Agricultor:** Umas 9 cabeças

**Entrevistadora:** Você tem boi aqui também?

**Agricultor:** Tem, tem boi, tem as novilha

**Entrevistadora:** E onde você conseguiu esses animais? Onde você comprou eles?

**Agricultor:** Vai criando né, vai... é daqui mesmo

**Entrevistadora:** A idades desses animais você tem ideia?

**Agricultor:** Tem umas novilhas, tem os bezerrinho, tem umas vaca mais velha

**Entrevistadora:** Você já teve algum problema com elas? Algum adoecimento?

**Agricultor:** Não, nunca deu problema, o problema é só berne...

**Entrevistadora:** E carrapato?

**Agricultor:** Carrapato é difícil, mais é berne mesmo que prejudica um poquim

**Entrevistadora:** E para o berne você usa alguma coisa?

**Agricultor:** é a gente usa, igual por exemplo, quando é.... eu costumo usar neguvon com óleo queimado, quando não é vaca de leite eu coloco aquele remédio no fio do lombo

**Entrevistadora:** Você sabe o nome desse remédio?

**Agricultor:** Não sei

**Entrevistadora:** E as vacas são vacinadas?

**Agricultor:** São

**Entrevistadora:** E sobre a produção do leite... tem quanto tempo que você produz leite?

**Agricultor:** Direto tem leite, não tem muito não mais sempre tem um pouquim, quando uma vai secando a outra cria...

**Entrevistadora:** E quem faz a ordenha é você?

**Agricultor:** É e tem hora que o R\* também

**Priscila:** Você ordenha uma ou duas vezes por dia?

**Agricultor:** Uma só

**Entrevistadora:** De manhã?

**Agricultor:** Só de manhã

**Entrevistadora:** E agora você tem quantos animais em lactação?

**Agricultor:** Duas, só tem duas vacas

**Entrevistadora:** Quanto mais ou menos elas estão produzindo por dia?

**Agricultor:** Uns 5, 4 litros, né R\*? É pouca coisa... eu mexo mais por causa da minha mãe que gosta muito das vaquinha né... se calcula acaba me dando prejuízo por fica atrasando meu serviço demais. Às vezes tem que sair pra trabalhar e tem fica tirando leite, é... também um leitim faz falta né... Fazer um queijim, ela adora fazer o queijim dela lá.

**Entrevistadora:** E você já fez algum teste para avaliação de mastite?

**Agricultor:** Não, nunca fiz

**Entrevistadora:** E com esse leite a Dona T\* faz o queijo e vocês fazem mais alguma outra coisa, manteiga, requeijão?

**Agricultor:** Não, só mesmo o queijim que ela faz. Às vezes quando tem muito leite costuma a fazer ricota né, mais agora tá dando pouquim ela quase não tá fazendo.

**Entrevistadora:** E quanto mais ou menos vocês produzem de queijo?

**Agricultor:** Ahhh um meio quilo por dia né, num dá mais que um meio quilo não

**Entrevistadora:** E quem produz sempre é a Dona T\*?

**Agricultor:** É ela que faz

**Entrevistadora:** E por que você acha que ela gosta de fazer o queijo?

**Agricultor:** Ahh num deixa a gente fazer de jeito nenhum, até tratar das vaca é ela que tem que tratar, não deixa a gente tratar. O R\* corta o capim, às vezes eu passo na picadeira e deixo lá porque é ela que tem que tratar.

**Filho do Agricultor:** é meio que o antidepressivo dela assim, tem hora que ela dá mais atenção pra vacas do que pra família, pros filhos... mesmo assim eu acho que ela não tá errada não

**Agricultor:** Às vezes eu chego da feira cansado, vou largando o carro aqui... “Ô o leite tá ai sem tirar”, ai eu tenho que tirar o leite primeiro pra depois toma um banho pra almoça pra pode descansar, ela não deixa... não dá sossego

**Filho do Agricultor:** Dependendo da circunstância ela vigia a gente lá na porteira...

**Agricultor:** Encosto o carro aqui e ela já tá junto... “ô o leite não tiro hoje não, vai lá tira o leite”, ela preocupa muito mais com as vaca do que com a gente

**Entrevistadora:** E você comercializa o leite ou só o queijo e ricota?

**Agricultor:** É só o queijo, o queijo nem tá vendendo nada, vendo só pra essa menina ai, porque na feira não pode leva mais né, porque o queijo na feira hoje tem que ter rótulo, caixa térmica, um punhado de coisa

**Entrevistadora:** Mais antes você vendia na feira e na feira raízes da mata?

**Agricultor:** Quando tem bastante eu levo, não sei se vai poder levar quando tiver mais...

**Entrevistadora:** E você vende aqui na região também, para os vizinhos?

**Agricultor:** É, eu costumo arrumar aqui para os vizinhos o leite, o queijo

**Entrevistadora:** E você nunca vendeu para pequenos mercados?

**Agricultor:** Não, não

**Entrevistadora:** Quando você começou a vender o queijo, você lembra?

**Agricultor:** vender o queijo?

**Entrevistadora:** É. Tem muitos anos já?

**Agricultor:** Tem, desde que eu comecei com a feira e tinha queijo, tem uns 15 anos que eu faço feira... e num fica sem leite, direto tem leite.

**Entrevistadora:** E por que você comercializa esse queijo?

**Agricultor:** Porque sobra né, não dá conta de consumir e acaba comercializando

**Entrevistadora:** E em relação as legislações Seu D\* você conhece alguma a respeito da venda do queijo ou leite?

**Agricultor:** Não

**Entrevistadora:** Você gostaria de conhecer?

**Agricultor:** É bom né

**Entrevistadora:** O Senhor até falou desse problema de vender na feira, que agora tem que ter o rótulo a caixa térmica, o quê você acha disso?

**Agricultor:** Eu acho que não tá errado não, né, mais agora assim, sei lá, eu acho que num certo ponto também a feira é feira livre né, eu acho que não podia ter tanta exigência assim não né, mais algumas coisa é bom porque tem muito produto avacalhado né, aí tem que...

**Entrevistadora:** Mais você acha que isso te prejudica de alguma forma?

**Agricultor:** Agora vai prejudicar porque eu não vou poder vender né, eu não vou ter condições de registrar né, e é pouca quantidade também, não compensa né

**Entrevistadora:** Principalmente do leite, queijo, porque a legislação ela exige que, por exemplo, a Dona T\* faz o queijo na cozinha dela, ela teria que construir um cômodo fora, todo azulejado, com bancada de inox para produzir o queijo

**Agricultor:** Ai dificulta um cado né

**Colaborador:** Você já teve problema com algum queijo que você vendeu? Do consumidor reclamar?

**Agricultor:** Não, nunca reclamô

**Colaborador:** Isso é um problema, o consumidor tá satisfeito aí vai a vigilância e fala que você tem que mudar

**Agricultor:** É nunca reclamô, sempre o pessoal procura queijo lá na feira, aí eu falo assim “Não tem porque eu não posso trazer”, “Ah não, pode trazer escondido que eu compro na sua mão”. Aí eles fala: “Pode trazer que eu compro, você deixa aí na caixa escondido que eu pego aí, não precisa nem do fiscal saber”... mais não tá tendo também nada...

**Entrevistadora:** Porque é perigoso né Seu D\*, vai que pega

**Agricultor:** É... igual pego uma mulher vizinha minha lá feira vendendo leite e peixe, frango... frango não... só sei do leite e peixe que eles contaram uma prosa danada pra mulher lá

**Entrevistadora:** E você fornece esses produtos para algum programa do governo federal, o PAA, PNAE?

**Agricultor:** Não

**Entrevistadora:** E as verduras você vende pra algum desses programas também?

**Agricultor:** Não, não quis entrar não, porque esse negócio é um compromisso que a pessoa tem que ter e que eu vejo... não to falando mal não... mais eu vejo várias pessoas fazendo e eu não tenho coragem de fazer, porque inclusive eu já até comprei caixa de cenoura de ceasa que a mulher me encomendou pra passar pra escola.

**Entrevistadora:** Por que ela não deu conta de produzir?

**Agricultor:** É, e isso é errado, eu mesmo fui cúmplice, mais... ela pediu pra mim trazer, eu tava na feira e pediu pra mim trazer, eu trouxe caixa de cenoura do ceasa pra ela pode entregar pra escola, isso pra mim, no meu caso, eu não faço um negócio desse não, eu sou um cara de não gosta de mentira meu negócio é certo né, então eu acho que é muito errado. Porque eu sei que esse negócio das escola aí é pra produto igual o meu aqui, sem agrotóxico, agora o cara pega um negócio desse aí, compra uma... eu vejo gente comprando saco de cebola, saco de batata pra levar pra escola, porque ele não tem, aí tem que comprar pra levar, eu acho isso errado, eu sei lá, no meu caso eu não tenho coragem de fazer um negócio desse não.

**Entrevistadora:** Porque também tinha que avaliar o que cada produtor dá conta de produzir, o que eles estão produzindo...

**Agricultor:** E outra coisa também, quando eles que, eles pedi por exemplo 10 kg de chuchu, você tem que ter os 10 kg de chuchu né, tem que levar, então não era pra ser assim.

**Entrevistadora:** É isso que eu tô falando, tinha que ser ao contrário, tinha que vê o que o produtor produz e pode oferecer para incorporar na lista.

**Agricultor:** Igual lá na rede raízes da mata, eles me pede 10 kg de jiló, se tenho 5 kilos, eu levo só 5 kilos, e ô eu não tenho mais não, então se eles falasse não o senhor é obrigado a trazer, o que que eu tenho que fazer, correr nessas loja cheia de veneno comprar e levar

porque eu não dó conta né, igual lá não deu, não deu, se tem... se encomendou 10, eu tenho 15 eu posso levar, se vender é lucro né...

**Entrevistadora:** Lá eles conversam também com os consumidores né, então eu acho que teve uma época que tava vendendo cebola, e aí veio menos, eu lembro que eu tinha encomendado 1kg, aí eles me deram acho que 500gr pra conseguir entregar um pouquinho pra cada um pra não ficar sem.

**Agricultor:** Eu acho que o certo é isso né, então eu acho assim, igual o negócio das escola, porque você não pode prevê o quê que a horta vai dá, o que vai dá na terra né, as vezes você planta com a intenção, mais pode dá muito e pode não dá, igual esse negócio que teve na mata do paraíso, não sei você participou, que a Luna tava, o Sr. Rubens falou comigo, eu quero que senhor me arrume 3 cento de banana madura, ai eu falei: ô arrumo não porque o que tiver você vai levar, mais não vô te garantir você que vai ter o 3 cento porque às vezes ela pode madurá e pode perde tudo e pode não madura né, isso é uma coisa que é difícil né. Agora por exemplo, se pedisse, por exemplo, 20 litros de cachaça, eu tenho 200, eu posso arrumar pra você na hora, porque eu sei que é uma coisa que não estraga né... o fubá, por exemplo, 20 kg de fubá, eu sei o quanto de milho eu tenho lá eu posso garantir que tenho, agora essas coisa que você vai colher né, você não pode garantir....

\*\*\*

#### **Entrevista IV**

**Agricultora: E.F.**

**Agricultor: R.P.**

**Comunidade: Ferreiras**

**Município: Divino/MG**

**Entrevistadora:** Em relação ao tamanho da propriedade, você tem noção de quantos hectares?

**Agricultora:** Não, não tenho

**Entrevistadora:** E de tempo de dedicação do seu trabalho, você tem noção de quantas horas você trabalha por dia?

**Agricultora:** Ahhh metade do dia, mais ou menos assim, às vezes tem um dia que eu trabalho o dia todo pra lá com eles, às vezes tem um dia que não né, metade de um dia, mais um pouco...

**Entrevistadora:** E quais são atividades que você faz aqui?

**Agricultora:** Ajudo eles lá, às vezes, a rapá um esterco, levo a... às vezes ô: “vô levar o gado pra cima”... ajudo. De manhã vou lá pro curral ajudar o R\* né, ele vai tirando o leite, eu solto um bezerro prá lá, passo o outro cá, solto a vaca pra cima, pegar a égua, arriá a charrete pra ele levar o leite, ou às vezes eu levo o leite né... Teve uns dias que a gente tava lavando o curral até que ele levasse o leite, eu lavo o curral, colocar as caixa d’água pra enchê, limpá um cocho, olhá o sal, a caixa d’água se tá limpa, às vezes a vaca vai e caga dentro da caixa dágua, esse tipo de coisa assim.... Ficar atenta assim é, se tem uma vaca no cio, se o R\* tivé fora de casa... Agora cortá capim isso eu não faço, agora não, mais já fiz muito sabe, quando tá panhando café eu vou pra roça e fico lá o tempo todo com eles, vou panhá café e se não tiver panhando café na lavoura eu tô tomando conta do terreiro, olha o ponto do café, esse tipo de coisa. Ah... tudo assim plantá, plantá milho, só não vou pra cuidá, mais plantá né... eu vô lá ajudo a colhé, esse tipo de coisa assim que eu ajudo eles...

**Entrevistadora:** Faz o queijo....

**Agricultora:** É, eu faço (risadas), cuido da casa, das crianças né... Se chegá alguém, vai pesá um gado hoje, ele vai vê, eu vô lá vô ajuda né, ligá pro caminhão, esse tipo de coisa, tudo... ahmm põe assim, só não ajudo mais porque eu tenho a casa pra cuidá, os meninos, mais no início é assim: a gente entrava pra dentro de casa só pra dormi e toma banho (risos), quando era só nós dois era desse jeito. Agora não, porque agora eu sou mais dona de casa assim né, dividi o tempo por causa das criança, mais antes de tê eles era assim, o tempo todo lá com ele.

**Entrevistadora:** E você faz algum trabalho fora da propriedade?

**Agricultora:** Tipo assim, uma faxina na rua? Essa coisas assim?

**Entrevistadora:** Qualquer tipo de trabalho

**Agricultora:** Não

**Entrevistadora:** E o R\* também não?

**Agricultora:** Não

**Colaboradora:** As quitandas você vende pra fora também, não vende?

**Agricultora:** É faço assim os... os quitutes e tipo assim, o pessoal liga, encomenda eu faço aí os menino leva entrega ou buscam aqui, é a única coisa que eu faço assim. É isso aí... eu até esqueci (risos)

**Entrevistadora:** E as tarefas que vocês fazem aqui, vocês tem alguma separação, por exemplo, o queijo só você que faz, ou a capina só o R\* faz, mexer com as vacas só R\* ou só você.... Tem algumas tarefas que são divididas assim?

**Agricultora:** Ah tirar o leite só ele né, eu vô lá mais eu não dô conta como ele dá, mais o T\* já acompanha ele, a capina também mais ele, agora o restante é tudo junto assim... vamo supô hoje eu vô fazê queijo, mais eu vô saí hoje, ele faz... Tem encomenda pra entrega mais eu deixei pronto, ele sabe assim entregá, recebê, tudo assim.... é só essas aí que tem essa separação, e casa também aqui é mais (risos e suspiros) alguma coisa é eu mesmo eles num... Se eu sair eles esquenta a comida e tal mais... Fazê também, se precisar né acho que fazem (risos)... dão conta

**Entrevistadora:** Na hora do aperto né

**Agricultora:** É...

**Entrevistadora:** Aí agora em relação aos animais você sabe com quantos animais vocês tão agora?

**Agricultora:** Ahh... já trocô de novo esses dias... agora deve tá com uns 20, depois você confirma com o R\*, porque ele fica leva boi pra lá, traz boi pra cá, essa vaca tá mojando, essa aqui já secou o leite, que não pode levá pra lá sem secá, dá mamite né, então...

**Colaboradora:** Aí só pra P\* entender E\*, tem outra propriedade

**Agricultora:** A gente tem duas propriedades

**Colaboradora:** Aí parte do gado fica aqui, que é o que tá no leite e parte do gado fica lá

**Agricultora:** A gente fica fazendo essa troca sabe, tem as bezerra que a gente vai deixa recriá a gente leva lá perto do pai, aí tem uma ou outra que as vezes que dexá, que separá, dexá cá perto do D\*, aí fica num... Por isso que às vezes eu perco um pouco sabe, se eu não acompanhá um carroto que foi, aí eu...

**Entrevistadora:** E quando vocês compram esses animais, geralmente vocês conseguem aonde, compram de onde?

**Agricultora:** Hum

**Entrevistadora:** Qual é a procedência desses animais? Quando vocês adquiriram eles? Vocês compram, trocam com os vizinhos, compra de um vizinho...

**Agricultora:** Não, é tipo assim, a gente vende, comprá não

**Entrevistadora:** Não né

**Agricultora:** Raramente, tipo assim, é vaca que eu tinha, quando eu casei eu trouxe, ele tinha algum gado, aí tipo assim aqueles mais ruinzim e tal, nós vende, foi selecionando, e assim, às vezes panhava um boi de fora, trocava com um vizinho, assim...

**Entrevistadora:** Aí foi recriando tudo aqui dentro da propriedade mesmo

**Agricultora:** Isso, aham

**Entrevistadora:** E vocês já tiveram algum problema com os animais? Assim de adoecimentos? Tem algumas que acontecem mais vezes ou não? De adoecimentos dos animais, das vacas em si.

**Agricultora:** Olha uma coisa que tem acontecido às vezes é uma mamite, alguma coisa assim que eu tenho observado, às vezes mais com um pouquinho mais de frequência, às vezes. Às vezes arranhô o peito lá, sempre tá no peito da vaca, ou é porque arranhô, igual

outro dia uma caiu lá, escorregô, bateu lá o peito no chão e machucô um pouquinho... Isso aí

**Entrevistadora:** E no mais é mais tranquilo?

**Agricultora:** É, graças a Deus tem sido

**Entrevistadora:** E carrapato, berne, tem muito?

**Agricultora:** Ah carrapato de vez em quando o Rogério tá pulverizando alguma coisa.

**Entrevistadora:** E o que vocês tem utilizado nesses casos, quando tem mastite, para o carrapato...

**Agricultora:** Casa veterinária, vai lá compra e põe, não tem colocado outra coisa, é a realidade mesmo. Infelizmente né...

**Entrevistadora:** Algumas plantas medicinais vocês já usaram alguma vez?

**Agricultora:** Não, ainda não... A coisa que eu mais quero é muda isso aí, aonde tá o maior consumo ainda nosso é aí.

**Entrevistadora:** Vai mudar E\*, tá perto, tá perto.... E as vacinas?

**Agricultora:** Dá, tem cartão, tá tudo em dia, tem o controle todinho.

**Entrevistadora:** Há quanto tempo vocês produzem leite E\*? Desde sempre?

**Agricultora:** Desde sempre, quase 20 anos

**Entrevistadora:** Você falou que quem ordenha sempre é o R\*, né?

**Agricultora:** Isto

**Entrevistadora:** E você sabe os horários da ordenha?

**Agricultora:** É de manhã, começa.... Você quer hora certa?

**Entrevistadora:** Não, não, só tipo de manhã, de tarde...

**Agricultora:** De manhã e a tarde

**Entrevistadora:** Você sabe quantos animais estão em lactação agora?

**Agricultora:** Não, agora eu não sei não

**Entrevistadora:** E mais ou menos quanto que vocês produzem de leite por dia?

**Agricultora:** Oh, esse dias como ele desmamou um pouco, tá nessa troca aí, tá com uns setenta, sessenta e seis.

**Entrevistadora:** E vocês já fizeram algum teste para avaliação de mastite nesses animais? Algum teste, por exemplo, tem aquela caneca do fundo preto, que você joga os primeiros jatos...

**Agricultora:** Só mesmo naquela época que teve caso...

**Colaboradora:** Não é de rotina fazer?

**Agricultora:** Não, não é de rotina não.

**Entrevistadora:** Aí em relação à produção, você produz o queijo e mais alguma outra coisa com esse leite?

**Agricultora:** Quando tem encomenda eu faço doce e requeijão, e iogurte

**Entrevistadora:** Manteiga não?

**Agricultora:** Não, só pro consumo assim...

**Entrevistadora:** Só pra vocês mesmo?

**Agricultora:** É...

**Colaboradora:** Tem as quitandas também né, que leva leite

**Agricultora:** Éhhh tem as quitandas também

**Colaboradora:** Ela esquece das quitandas (risos)

**Agricultora:** Esqueço menina, porque é tão natural entende? É tão sempre... (risos)

**Entrevistadora:** E quanto mais ou menos você produz, por exemplo, do queijo? Em média assim, ah faço 10 queijos, 20 queijos

**Agricultora:** Olha, agora nós tão uma ideia assim (risadas), a gente tá fazendo queijo por encomenda, vamo supô se eu tive encomenda de dez queijos, eu vou fazer eles. Vamo supô, igual ontem veio um cara aqui, aí é tipo assim eu tinha, era um queijo que tava encomendado, aí hoje eu vô repô esse seu queijo né. Então seria a média de assim de uns quinze, que eu só tô atendendo nas encomenda mesmo, só aquele pessoal mais, aquela freguesia que vem de longe, tal, né. Porque senão eu nem entrego leite e nem faço queijo né, a gente que ter uma ideia fixa e fixá numa coisa só né... Vê se a gente chega aos cem, se chega aos cem.. tá...vamo vê o que a gente aí fazê né, aí tamo indo assim. Tô entregando mais encomenda particular mesmo, pro mercado eu dei parada por enquanto.

**Entrevistadora:** E aí o queijo, só você que faz?

**Agricultora:** R\* também faz

**Entrevistadora:** Porque você gosta de produzir o queijo?

**Agricultora:** Aí nem sei te explicar assim porque que gosto... Olha, de primeira no início quando eu comecei, tipo assim, lá no início quando a gente casou, era pouco leite, não compensava você saí pra vende o leite não. Aí a gente fazia o queijo, saía uma vez só e entregava todo queijo e tal, era mais apropriado. Aí comecei também porque meu avô fazia o queijo, aí né, eu lembro de eu criança lá em volta dele, aí falei assim deixa eu voltá e vê se eu sei fazê igual né, ai comecei assim, uma coisa sabe sem muito interesse... Nossa falá a verdade teve um dia que eu fiz uma entrevista, acho que foi com o L\*, falei assim, nossa meu sonho é chegar a cinco, passei dos cinco, realizei esse sonho, aí hoje os objetivos já são outros mais o queijo não saiu da linha não... gosto, é gosto mesmo eu acho, gosto, necessidade, tudo junto sabe

**Entrevistadora:** Aí então vocês comercializam o queijo e o leite, agora vocês tão comercializando os dois?

**Agricultora:** Isso, requeijão também, quando tem encomenda

**Entrevistadora:** Requeijão também quando tem encomenda. Aí o queijo é só por encomenda, o requeijão, as quitandas

**Agricultora:** Tudo é por encomenda, o leite é que é tipo não tem encomenda aí a gente entrega o leite

**Entrevistadora:** E vocês tão entregando aonde?

**Agricultora:** Aí...

**Entrevistadora:** Você sabe?

**Agricultora:** Geraldinho... nesse chalezinho aqui, perto aqui

**Entrevistadora:** Você já chegou a comercializar esse queijo e algum outro município?

**Agricultora:** Não

**Entrevistadora:** Só aqui, nos mercados aqui mesmo?

**Agricultora:** Isso, eu já entreguei muito no L\*, entreguei muito no bar do sucata, quando eu tinha feira, vendia tudo na feira também, levava pra feira vendia, se caso sobrasse alguma coisa o sucata ficava, tinha uma padaria... já entreguei também numa padaria muitos anos. Nunca rodei muito não, uns quatro pontos assim foi durante muito tempo

**Entrevistadora:** E aí você falou que começou a comercializar o queijo logo quando vocês casaram

**Agricultora:** É... é

**Entrevistadora:** Tem mais ou menos quanto tempo isso?

**Agricultora:** Quase vinte

**Entrevistadora:** E o que você acha que pode melhorar na comercialização do queijo que você faz, que você vende, você acha que pode melhorar alguma coisa, você ter um selo, você conseguir acessar outros mercados, conseguir aumentar sua produção, você acha que pode melhorar alguma coisa?

**Agricultora:** Pode, eu acredito no potencial do meu queijo, eu acredito na minha capacidade, sabe, aí eu acredito assim... pode sim

**Entrevistadora:** Mais você deseja isso?

**Agricultora:** Desejo, porém tipo assim, eu preciso de um apoio, de um né, fundamento, tipo assim eu vô precisa fazer um cômodo, vô precisa me organizá em quê, que eu sei que eu preciso de organização, mais eu preciso fazer essa organização com segurança. Mais eu acho que eu teria capacidade sim

**Entrevistadora:** Aí só pra gente termina, tá quase acabando já, é... Você conhece alguma legislação a respeito da comercialização do queijo, por exemplo, ah eu sei que tem ter o cômodo ou alguma coisa assim. Você conhece algumas dessas exigências?

**Agricultora:** Não

**Entrevistadora:** Não né

**Agricultora:** Não, certinho como ela funciona e como é, não

**Entrevistadora:** E você gostaria de conhecer?

**Agricultora:** Ah eu sim, queria ter conhecimento, que eu penso assim como eu pude já transformá às vezes uma boa né, vamo supô com o tanto de leite que eu tô, se eu tivesse capacidade de fazê então a poderia muito aumentá a minha renda sem eu precisá trabalha fora da minha propriedade, conhecendo isso ai né

**Entrevistadora:** E você já forneceu esses produtos pra algum programa do governo?

**Agricultora:** Não

**Entrevistadora:** Nenhum né. Fica só aqui no entorno mesmo, encomendas, antes no mercado

**Agricultora:** Só no sindicato, mais entra?

**Entrevistadora:** Não, porque aqui dos programas seria por exemplo o PNAE da merenda escolar ou PAA.

**Agricultora:** Não

\*\*\*

**Entrevista V**

**Agricultora:** M.A.

**Agricultor:** L.C.

**Comunidade:** Taquaraçú

**Município:** Divino/MG

**Entrevistadora:** Aí pra gente começar, são quantas pessoas aqui na sua casa?

**Agricultor:** Três

**Entrevistadora:** São três

**Agricultor:** Eu, minha esposa e um filho

**Entrevistadora:** Em relação à propriedade, quantos hectares tem a propriedade?

**Agricultor:** Aqui é sessenta e quatro, sessenta e quatro vírgula alguma coisa, eu não tô lembrado direito

**Entrevistadora:** Tranquilo. Você tem noção de quanto tempo você trabalha por dia? Em horas?

**Agricultor:** Não sei te fala não, porque eu pego de manhã e a A\* até uns dia desse falô eu costume entrá pra dentro de casa a noite, entendeu

**Entrevistadora:** Fica o dia inteiro por conta. Quais são as atividades que você faz aqui?

**Agricultor:** Aqui é tiro leite, arrumo cerca, bato pasto, é mexo, toco lavora

**Entrevistadora:** E você trabalha só aqui na propriedade ou faz alguma outra coisa?

**Agricultor:** Não ultimamente eu tenho trabalhado mais só aqui, quando trabalho fora assim só ajudando meu pai que tem uma propriedade lá no alto nos Lima, virando lá no lado de Carangola lá, aí eu ajudo ele lá, alguma coisa que precisa de ajuda, porque os outro irmão

morava perto lá raparo fora pra cidade, aí precisa de ajudá ele, eu ajudo ele lá, mais o trabalho é aqui

**Entrevistadora:** Mais é aqui né. E aí, pensando nas atividades da propriedade, você e sua esposa vocês dividem as tarefas? Por exemplo, o leite só você que tira, ou é tudo em conjunto? Por exemplo, se você não conseguir tirar o leite, ela tira... Tem alguma divisão de tarefas?

**Agricultor:** Não, mais é eu, porque ela tem um medo danado, igual aquela ali é sobrinha minha, tem um medão desgramado, não pode vê uma vaca que sai correndo, entendeu... Ela só fica mesmo com as atividade da casa aqui ela fica, mais no curral lá mais é eu

**Entrevistadora:** Aí vocês dividem assim, ela fica mais na casa e você mais com o trabalho com animais. Em relação aos animais, com quantos animais você tá agora?

**Agricultor:** No leite, umas cinco vacas só

**Entrevistadora:** Mais você tem só cinco ou...

**Agricultor:** Não, tem mais gado solto pra lá, tudo é vinte e quatro

**Entrevistadora:** E aí como que você conseguiu esses animais? Você comprou em algum lugar?

**Agricultor:** É vai comprando né, hoje a gente compra um, amanhã a gente compra outro, difícil, mais quando eu vim pra cá mesmo vim com a intenção de... eu não morava aqui não, vim a com intenção de tirá de leite, mais vim pensando que meu pai ia me ajudá. Aí ele: “não você pode mexer sozinho, vô mexer com aquilo lá não”. Aí você acha que as coisa são muito fácil e acaba que é difícil demais, procê começa é difícil demais, mais tem hora que a gente faz um financiamento no banco, né... compra, e lá vai trabalhando

**Entrevistadora:** E você compra sempre de um mesmo lugar ou de lugares diferentes?

**Agricultor:** Lugares diferentes, porque às vezes vamo supô você vê um lote de vaca, as vezes você não agrada de todas, vai compra cê agrada de uma no outro curral cê agrada de outra, aí compra uma aqui outra ali

**Entrevistadora:** Mais aqui na região mesmo?

**Agricultor:** Isso, na região mesmo

**Entrevistadora:** Aí, com esses animais você já teve algum problema, esses animais já tiveram algum problema de saúde? Por exemplo, de vez em quando tem uma mastite... tem algum problema assim com elas?

**Agricultor:** Não

**Entrevistadora:** Alguma dificuldade?

**Agricultor:** Não, geralmente eu já vi muito assim, igual eu tiro leite e tiro mais é na mão memo, num tem esse negócio de ordenha, eu tenho visto nos curral assim, que tem ordenha sempre dá mais pobreza, eu graças a Deus não tenho tido pobreza não

**Entrevistadora:** E se eventualmente aparecer algum problema, para tratar eles você usa o os remédios convencionais ou você algumas plantas medicinais... algo assim?

**Agricultor:** Já usei esse remédios convencionais igual você já falou mais agora de um certo tempo pra cá eu já fiz um curso de homeopatia...

**Entrevistadora:** Humm que ótimo

**Agricultor:** Pra tratá de humano mais lá eu busquei informação que tem um mulher lá em Tombos, não sei se cês conhece, a M\*

**Entrevistadora:** Aham

**Agricultor:** Pois é, ela passô mais ou menos pra mim uma receita, ela falô assim: ô cê vai passando a receita que você vai vê, vai sé melhô, eu já mudei muito, entendeu? Hoje quando fala nesses remédio lá eu prefiro não usá

**Entrevistadora:** Que ótimo

**Agricultor:** Tem usado mais... é até poucos dia eu fiz uma mistura com sal e faltó farinha de osso, aí ontem que queimei um cado de osso pra misturá até eu consegui a outra, mais o negócio aqui em casa só a base da homeopatia e planta mesmo

**Entrevistadora:** E as homeopantias você usa como preventivo também? Você dá elas para os animais sem eles terem alguma doença?

**Agricultor:** Dô, eu tô dando direto, quê é igual carrapato memo, e outra coisa homeopatia você tem que trata com ela simultaneamente pra você consegui tê um resultado lá na frente. Aí nos tamo usando direto

**Entrevistadora:** Muito bom L\*. E vacinas tão em dia?

**Agricultor:** Ô fui ontem lá em Divino pra podê compra a vacina da aftosa, só que o rapaz não tava lá, comprei deixei pago ele ia vim fazé a vacina pra mim numa bezerra de brucelose, ele ia trazé pra mim a vacina, só que não trouxe, eu acredito que segunda feira ele deve vim

**Entrevistadora:** Mais o resto tá tranquilo?

**Agricultor:** Tranquilo

**Entrevistadora:** E tem quanto tempo que você trabalha com leite, produz o leite?

**Agricultor:** Ô tem uns doze ano que tô aqui em baixo, tô lutando com isso, entendeu? Já teve gente que já pergunto pra mim você num desanima não? Eu falei ué rapaz quem gosta não pode desanimá. Ainda mais assim cê entra, cê começa a trabalha, eu juntei com esse pessoal, eu não acompanhava né, aí um dia eu vi e falei com a minha esposa assim: olha eu tinha vontade de acompanhá esse pessoal, igual vem o pessoal lá de Viçosa, tem o pessoal aqui de Divino, ela pego e falo assim cê tem que procura sabe ué. Ai fui procurá vê com um pessoal do CTA que tava aqui em Divino que veio lá de Viçosa e pego e falô assim ô: a gente não chamô ninguém não, se interessá procura o A\* mais G\*, aí procurei e desse dia pra cá tô acompanhando direto e é bom demais entendeu. Então é o que tô falando eu já pensava por esse lado, nós já trabalhamo com medicina alternativa, eu mais a minha esposa, aí é eu já conhecia, tinha um conhecimento mais ou menos, aí juntamos com essa turma, melhor ainda.

**Entrevistadora:** E aí continuando, quais os horários que você faz a ordenha?

**Agricultor:** Eu tenho feito só de manhã

**Entrevistadora:** Só de manhã, só uma vez por dia né

**Agricultor:** Só uma vez, eu comecei fazendo duas vez por dia mais eu achei que eu tava maltratando demais meus bezerro e a minha ideia é assim, é o leite e o bezerro, o lucro eu acho até que é o bezerro (risos)

**Entrevistadora:** E quanto de leite você tá produzindo por dia?

**Agricultor:** Das cinco vaca que tá ali agora eu tô com uns trinta e cinco, trinta e oito litro, porque os bezerro já tão uns bezerro velho já, agora se Deus quiser mês de Junho deve de começa a produzir umas vaca aí vai melhorá, mais por enquanto agora tá pouco

**Entrevistadora:** E você já fez algum teste pra mastite, igual tem aquele teste da caneca preta que você joga os primeiros jatos

**Agricultor:** Já, já fiz

**Entrevistadora:** Mais você faz isso sempre ou de vez em quando?

**Agricultor:** Não eu até tô faltando com a advertência, eu tenho a caneca tem tudo aí, tá precisando de fazê, mais andei fazendo mais numa... teve uma vez aí que eu fiz, e agora a pouco tempo no curso de inseminação aí o rapaz fez em baixo na fazenda aqui perto aí pediu pra vim aqui vê umas vaca que não tivesse prenha, eu falei pode vim, fazê o teste nela lá pro pessoal treiná, aí eu fiz de novo, mais eu um tempo que não faço

**Entrevistadora:** E aí com esse leite o que você faz com ele, você só vende o leite ou vocês fazem queijo?

**Agricultor:** Não, eu tô entregando pra laticínio. Já fiz queijo, teve uma vez que nós fizemo queijo, mais cê vai vende um dia, até comentei isso com uma menina lá na rua, cê vai vendê um dia eles te compra outro dia não te compra, aí eu pensava assim tô perdendo meu dia né, porque eu não tenho desse negócio comigo de fica batendo na porta do soto pra vende, eu acho difícil demais, mais aí eu tô entregando pro laticínio, agora há poucos dia que a L\* teve aqui mais G\* com ideia de colocá um freezer lá no, aquele mercadinho Dom Divino aí elas pergunto se eu tinha ideia de entrega, quando precisasse eu entrega, eu tenho, aonde dê pra gente melhorá a gente parte em cima

**Entrevistadora:** Aí você tá comercializando só o leite então né

**Agricultor:** Isso

**Entrevistadora:** E pra qual laticínio você entrega?

**Agricultor:** ahh agora eles tão entregando pra spam

**Entrevistadora:** E você gostaria de comercializar de uma outra forma, sem ser entregar para o laticínio?

**Agricultor:** Uai a gente sempre pensa nisso, se for pra melhorá né

**Entrevistadora:** Você acha que a remuneração hoje em dia tá boa? Tá valendo a pena entregar para o laticínio?

**Agricultor:** No momento agora lá vai melhorando, que antes uns dias desse pra trás o leite tava R\$0,90, R\$0,95, hoje não, recebi no mês passado R\$1,15, acho que no mês que vem agora é R\$1,30, lá vai melhorando devagar né

**Entrevistadora:** E você conhece alguma legislação sobre a comercialização do leite, alguma exigência, as leis que existem pra você conseguir comercializar esse leite, você conhece alguma?

**Agricultor:** Não, eu já vi assim... eu sei que tem, mais fala que conheço não

**Entrevistadora:** e você tem vontade de conhecer? Tem interesse?

**Agricultor:** Tenho, tenho

\*\*\*

**Entrevista VI**

**Agricultora:** M.

**Agricultor:** L.

**Comunidade:** Vargem Grande de Baixo

**Município:** Divino/MG

**Entrevistadora:** Sobre a família vocês, são vocês e tem filhos?

**Agricultor:** Não, tem não

**Entrevistadora:** Só vocês dois aqui

**Agricultor:** É, por enquanto (risos)

**Entrevistadora:** E em relação à propriedade qual o tamanho aqui em hectares?

**Agricultor:** Em alquere é dois alquere e vinte...

**Agricultora:** Um

**Agricultor:** Um alquere e vinte, vinte litro?

**Agricultora:** É vinte litro

**Agricultor:** Então quer dizer vai aproximá... um alquere se é três hectare, vinte e cinco litro

**Agricultora:** Uns cinco hectare

**Entrevistadora:** Uns cinco hectare mais ou menos

**Agricultora:** Deve ser

**Entrevistadora:** E quanto tempo vocês trabalham aqui por dia?

**Agricultor:** Quantas horas?

**Entrevistadora:** É quantas horas

**Agricultor:** Em qualquer tipo de serviço?

**Entrevistadora:** Aham, no total. Assim, em um dia você acha que trabalha quantas horas aqui na propriedade?

**Agricultora:** Nós levanta umas cinco, mais é cinco e meia e do que cinco horas

**Agricultor:** Ai eu acho que pode contá lá umas dez hora porque nós emenda um pedaço da noite tem dia

**Entrevistadora:** E você M\*?

**Agricultora:** Mesmo horário

**Entrevistadora:** E quais são as atividades que vocês fazem?

**Agricultor:** Qual tipo de serviço que a gente faz?

**Entrevistadora:** Sim

**Agricultor:** É a gente faz assim, na propriedade a gente faz de tudo, a gente busca assim, igual a gente cuida das vaca, tem um pouco de lavoura que a gente trabalha nele também, igual ontem também a gente tava fazendo uma cerca ali, e aí é de tudo igual, agorinha memo eu tava cortando capim, e aí a gente faz tudo que precisa

**Entrevistadora:** E essas atividades vocês separam? Por exemplo, tem alguma atividade que só a M\* faz, tem alguma atividade que só você ou vocês dividem?

**Agricultor:** Não, nós são bem dividido, a única coisa que eu num ajudo ela é só fazê a comida, mais o resto, na propriedade assim sempre é... sempre nós tão junto, em tudo

**Entrevistadora:** E quantos animais vocês tem agora? De vacas?

**Agricultor:** Ah tá, contando os bezerrim também

**Entrevistadora:** Isso

**Agricultor:** Quatorze

**Entrevistadora:** E como você conseguiu esses animais? Você comprou em algum lugar, algum você ganhou? Como foi...

**Agricultor:** Não

**Entrevistadora:** Esse processo...

**Agricultor:** Foi assim, as vaca eu comprei, agora as vaca deu cria aí e agora tá os filhotim

**Entrevistadora:** E aí você comprou tudo de um mesmo lugar?

**Agricultor:** Não, três pessoa que eu comprei, porque eu comprei uma de uma pessoa e duas de outra e outra de outra pessoa

**Entrevistadora:** E você já teve alguma problema com essas vacas? Alguma doença? Uma mastite, alguma coisa?

**Agricultor:** Assim, sempre, às vezes um problema assim, igual já teve duas que deu problema, é não sei se esse problema assim se vale a pena fala na entrevista mais assim ela deu problema no casco teve duas dela que deu, teve uma outra que quando ela teve bezerro, foi um tempo atrás, foi mês de outubro, ela deu eclampsia, é mais ou menos isso aí, teve um a outra também, que agora ela tá perto de ganhá bezerro também, ela deu mamite também

**Entrevistadora:** E como você faz pra tratar esses problemas L\*? Você usa mais remédio convencional ou você usa uma planta medicinal. Como é a questão dos tratamentos?

**Agricultor:** Não, o convencional no caso é aquele que a gente compra na casa agropecuária? Na verdade, é o mais lá agropecuária mesmo, convencional

**Entrevistadora:** E as vacinas estão tudo ok? Você consegue vacinar os animais, como que é a questão das vacinas aqui?

**Agricultor:** As vacinas pra te fala a verdade eu não tenho cadastro não, eu tenho essas criação mais eu não tenho cadastro ainda não ai eu não vacino, contra raiva eu vacino, mais contra aftosa, quer dizer até uma falha minha, mais não tenho vacinado não.

**Entrevistadora:** E a brucelose?

**Agricultor:** Brucelose eu vacino. Brucelose é aquela que a gente aplica nas bezerra

**Entrevistadora:** Isso

**Agricultor:** Tem duas ali, tem até mais duas ali eu já pedi o menino pra podê vaciná pra mim

**Entrevistadora:** Em relação à produção de leite, há quanto tempo você produz leite? Quando você começou?

**Agricultor:** Tá com dois anos. Fez dois anos dia primeiro

**Entrevistadora:** Antes você...

**Agricultor:** Antes eu nem tinha vaca, eu comprei as vaca elas já tava no leite aí continuei

**Entrevistadora:** E a ordenha, vocês dois fazem?

**Agricultor:** Nós dois

**Entrevistadora:** E qual o horário que vocês fazem?

**Agricultor:** Nós faz mais ou menos...

**Entrevistadora:** Pode ser assim de manhã e tarde

**Agricultor:** Ah tá. De manhã e tarde, de manhã é lá pra seis hora mais ou menos e tarde é lá pra seis hora de novo

**Entrevistadora:** E com quantos animais você tá em lactação agora?

**Agricultor:** Agora eu tô com cinco

**Entrevistadora:** E quantos litros de leite tá produzindo? Mais ou menos.

**Agricultor:** Ah deu uma caidazinha, agora tá na base dos quarenta, quarenta e cinco

**Colaboradora:** Mais chegou a quanto L\*?

**Agricultor:** Essas vaca já chegô, essas mesmo já chegô a uns sessenta e cinco, berando setenta litro. Agora deu uma... aquela silage lá que cê tiro amostra, aquela silage tava muito ruim, aí eu acho que num tava fazendo o que precisava pra elas não, e o piquete também ficô mais fraco

**Entrevistadora:** E você já fez algum teste pra avaliação de mastite? Porque tem aquele teste da caneca do fundo preto que você...

**Agricultor:** Não, não na verdade nunca fiz

**Entrevistadora:** E o que você faz com esse leite? Vocês produzem alguma coisa? Faz queijo, faz manteiga, faz requeijão

**Agricultor:** Não eu vendo pro laticínio mesmo

**Entrevistadora:** Você vende só pro laticínio?

**Agricultor:** Não, eu vendo pro laticínio e assim a maioria pro laticínio agora se alguém, alguma coisa pessoa, às vezes, igual tem um rapaz bem próximo de quando eu comecei ele sempre pega o leite aqui pra despesa dele, aí eu vendo o leite pra ele também, tem umas outra pessoa que pega, eu já vendi pra eles também, assim sempre que a pessoa precisa eu pego e arrumo, não só pro laticínio por causa desse sentido

**Entrevistadora:** E um pouco fica pra despesa de vocês?

**Agricultor:** Um pouco fica pra despesa

**Entrevistadora:** Aí é só o leite e vai pra... qual laticínio que é?

**Agricultor:** Marília

**Entrevistadora:** Marília. É aqui próximo?

**Agricultor:** O Laticínio?

**Entrevistadora:** Aham

**Agricultor:** Num sei, é pro lado de Carangola, é em Carangola. É porque na verdade esse leite também eu nem eu, num entrego no meu nome não, por causa do negócio deu num tê cadastro, aí eu entrego no nome do rapaz lá, que eu também não tenho tanque porque é pouco leite, aí nós leva lá, aqui é tipo uma associaçãozinha, nós leva lá e lá, muitas pessoa entrega no nome dele, aí ele recebe pega e acerta com a gente

**Entrevistadora:** E você acha que tá valendo a pena entregar para o laticínio?

**Agricultor:** É na verdade é assim era bom se a gente conseguisse fazê, se tivesse como a gente fazê alguma coisa que, que a gente conseguisse captar mais nele, mais do que o laticínio porque na verdade o trabalho é bastante, principalmente eu que tenho pouco pasto,

assim a gente sente mais o peso do trabalho pra gente consegui esse leite e tipo assim o laticínio agora deu uma melhorazinha mais é tem uns tempo pra trás aí que tava bem fraquinho o preço, assim pelo menos na minha opinião, entendeu

**Entrevistadora:** E você já pensou em processar esse leite? Às vezes fazer um queijo, requeijão?

**Agricultor:** Tá, na verdade pensa até pensei só que assim não cheguei ao ponto de fazê não. Já cheguei pensá porque de repente, às vezes, a gente vende pro laticínio tá um real e pouco, se a gente processasse ele, fizesse um requeijão ou iogurte, já até pensei no iogurte também, tem um rapaz que até trabalhou comigo num terrenim que eu tinha lá nos vilhete, aí ele sempre mexia com umas vaquinha também, aí teve uma época que ele fazia iogurte e vendia até bem, aí eu cheguei até pensar nesse iogurte. Apesar que eu sei que vai me dá mais trabalho pra mim trabalhá em cima dele mais, mais de repente às vezes eu vou tê um lucro a mais também do que se vendé só o leite

**Entrevistadora:** E você começou a vender esse leite, logo quando você começou a produção?

**Agricultor:** Foi

**Entrevistadora:** Então tem em torno de uns dois anos? Não é isso?

**Agricultor:** Dois anos

**Entrevistadora:** Quais são as dificuldades pra você não conseguir processar esse leite?

**Agricultor:** A dificuldade é assim, é as vezes seja até a gente pegá e começa, mais muita vezes a gente fazê e não tê, como se a gente não registrá, tê uma marca um negócio assim, a dificuldade as vezes da gente vende. Porque muitas vezes, é igual agora tá dando uns 40/45 litro, se eu fô fazê esse iogurte desse leite todo, quê dizê eu vô tê um tanto de iogurte que eu vô tê que tê um jeito de armazená ele e arrumá um jeito de consumi ele porque, no caso pra vende ele, porque se eu não tive quem compra ele, assim eu não procurei também né, mais se eu num começa eu nunca vô sabe, mais aí minha dificuldade um poco é essa, porque no caso assim eu não sei pra quem, assim no momento que eu poderia fazê e vendé

**Entrevistadora:** Em relação as legislações... Você conhece alguma legislação, alguma exigência, que o governo faz através dessas legislações pra comercialização do leite? Você conhece alguma lei em relação? Alguma exigência... Já ouviu falar de alguma lei...

**Agricultor:** Ah na verdade pra te falá assim, não num tô sabendo não

**Entrevistadora:** Não né. Você tem vontade de conhecer? Saber a respeito dessas leis?

**Agricultor:** Ah tudo bem, de repente ué a gente pode sabê, a gente se ficá sabendo, as vezes que sabe pode sê bom, a gente pode melhorá alguma coisa, a qualidade... quem sabe

\*\*\*

## **Entrevista VII**

**Agricultora:** E.

**Agricultor:** J.V.

**Comunidade:** Vargem Grande de Baixo

**Município:** Divino/MG

**Entrevistadora:** São quantas pessoas aqui na casa?

**Agricultor:** São três

**Entrevistadora:** Vocês dois e quem mais?

**Agricultor:** O filho J\*

**Entrevistadora:** Qual é o tamanho da propriedade em hectares?

**Agricultor:** A propriedade que é minha é 2 alquere e 25 litro em hectare é uma base de 8 hectare e um pouco mais, certinho eu sei não fala, mais é 2 alquere e vinte cinco litro, no passado era litro né, agora fala hectare, parece que é oito e mais qualquer coisa

**Entrevistadora:** e um pouquinho mais

**Agricultor:** Tem um outro terreno da E\* que ela pegô de herança aqui perto da BR mais lá ainda nós não tem documento e é... é 16 litro

**Entrevistadora:** Mas vocês estão trabalhando lá também?

**Agricultor:** Tamo trabalhando lá, lá é lavoura, vai fazê dois ano e tamo mexendo

**Entrevistadora:** Quantas horas por dia vocês acham que trabalham por dia?

**Agricultora:** O dia intero (risos)

**Agricultor:** É a E\* deve começá a partir das seis hora, aí vai até..

**Agricultora:** Até dormi

**Agricultor:** É, eu costume levantá um pouquim mais cedo, lá pelas 5:30, por aí, e começo, e vai até normalmente, vamo supô esse horário agora por exemplo, eu ainda tenho um leitinho pra tirá, tô tratando das vaca, quando eu chego a desocupá mesmo é 18:30, 19 hora né, a gente tem alguns intervalo agora de dia né, vai na cidade, passeia, volta, quando precisa durante a semana

**Entrevistadora:** E quais são as tarefas que vocês fazem aqui?

**Agricultor:** A minha é mexer, tratar de vaca de manhã, tirá um leite quando J\* não tira, tem uma berada de pasto ali mais longe levá umas vaca pô lá todo dia e mexer na roça, na lavora e de tarde repente novamente de novo, trata das vaca de novo, tira um cado de leite, busca as vaca que eu levo lá pra trás pra dentro de casa

**Agricultora:** Limpá o esterco

**Agricultor:** É o esterco tá junto com a lida das vaca

**Entrevistadora:** E vocês trabalham só aqui na propriedade, fora não?

**Agricultor:** Basicamente é, eu por exemplo já trabalhei muito pra fora, pro meu pai, mais hoje eu não tô trabalhando não, que aqui nós trabalha na área nossa e tem uma área do meu pai, aonde eu moro aqui é dele, ele tem quatro alquere de terra aqui eu o meu tá pareado, então eu tenho lavora no meu e toco lavora a meia com ele

**Entrevistadora:** E aí dessas tarefas todas aqui na propriedade, tem tarefa, que por exemplo, só você que faz ou tarefa que é só a E\*, ou vocês dividem tudo, como que é?

**Agricultor:** A E\* mais ou menos mexe com a lida da casa, mexe com horta, com as flores, as galinhas e a E\* trabalha um dia da semana fora de faxineira, toda quinta feira.

**Agricultora:** Sexta

**Agricultor:** Toda sexta, e eu a questão de leite aqui é mais ou menos dividido eu mais o J\*, essa semana tá mais forgado, ele tá trabalhando fora panhando café e eu mexo sozim em casa

**Entrevistadora:** Em relação aos animais vocês estão com quantos animais agora?

**Agricultor:** Aqui tá com oito, tem quatro que tão no leite e quarto e não tão no leite

**Entrevistadora:** E como que você conseguiu esses animais, você comprou de algum lugar, você herdou?

**Agricultor:** Não um cado é comprado e um cado é nascido aqui mesmo, esses animais eu já tenho eles, mais ou menos tem uns 20 ano, eu tinha uns animais antes, vindi e quando eu recomecei tem mais ou menos uns 20 ou pouco mais de vinte, então alguns é comprado, alguns é filha né das vaca da mais velha, mais ou menos assim

**Entrevistadora:** E você já teve algum problema com esses animais, já deu mastite, teve algum problema no casco, algum tipo de adoecimento?

**Agricultor:** Pobrema no casco agora recentemente tem dado até bastante. Que vai... no mei da unha né?

**Entrevistadora:** O Gabarro?

**Agricultor:** É, tô até com umas vaca com esse pobrema, outros pobrema eu tô com uma vaca agora urinando sangue vermelho, agora recente, mais pá trás quase num dava esses pobrema não, poco, agora que tá acontecendo mais, num sei se é porque fica mais no curral, acredito que deve sé mais ou meno isso, pobrema de mastite que aquele pobrema no peito, tem dado alguns mais muito poco, poca coisa, num tem afetado não

**Entrevistadora:** E o que você faz pra tratar quando aparece esses tipos de problemas, você tem usado mais os remédios convencionais ou usa alguma planta medicinal?

**Agricultor:** Não, não, eu tô com uma vaca aí que eu nem tratei dela ainda, uma aí há mais tempo pra trás eu usei foi que eu achei muito bom foi a terramicina

**Entrevistadora:** O que compra na...

**Agricultor:** Que compra na farmácia

**Entrevistadora:** Tá, porque tem a terramicina planta também, você já viu?

**Agricultor:** Tem, tem eu usei a terramicina comprada

**Agricultora:** Pois é, e aí em casa tem muita a terramicina natural

**Agricultor:** Que aquilo uma cado é infecção né e aí dessa vaca resolveu e eu tô com uma outra com um pobreminha e ainda não tratei não

**Entrevistadora:** E as vacinas estão em dia?

**Agricultor:** A vacinas no mais tá em dia, esse mês tem até que compra num comprei ainda

**Entrevistadora:** Aí sobre a produção de leite, tem quanto tempo que você trabalha com o leite, que você tira leite?

**Agricultor:** Na verdade durante esses 20 ano eu tiro leite, poquim, alguma época um poco mais, que tô com uma produção de leite maior deve ter uns cinco, seis pra cá, que tô tirando mais quantidade, esses dia eu tô até tirando poquim mais lá vai recuperando de novo, porque as vaca tava faiada

**Entrevistadora:** Quanto que você tá tirando mais ou menos?

**Agricultor:** Hoje tô tirando uns 28 litro, 30. Mais ano passado teve um período tirando uns 70 litro, 60, 50, nessa média, bem tempo

**Entrevistadora:** E quem ordenha é você e o J\*, vocês dividem?

**Agricultor:** É, é

**Entrevistadora:** E você já fez algum teste com essas vacas, por exemplo, de mastite, tem aquele teste da caneca do fundo preto que tira os primeiros jatos...

**Agricultor:** Não, não. Posso até fazer o teste mais usá esses aparelho não

**Entrevistadora:** Mais aí você faz de alguma outra forma?

**Agricultor:** Normalmente na mão, no chão...

**Entrevistadora:** Aham dá uma observada

**Agricultor:**....vê que o leite tá com algum pobrema a gente separa

**Entrevistadora:** E o que você faz com esse leite?

**Agricultor:** Quando tá ruim, tiro joga fora, ou dá pra cachorro, um trem qualqué ou aqui eu costume deixa até pra bezerro mamá, o bezerro tá precisando de leite memo aí deixo ele mama aquele leite até...

**Agricultora:** Costuma até limpá

**Agricultor:** que conserta

**Entrevistadora:** E o leite que não tá problema, você faz o quê com ele? Você vende?

**Agricultor:** Vende

**Entrevistadora:** E você processa ele de alguma forma faz queijo, manteiga?

**Agricultor:** Não a gente tira

**Agricultora:** A manteiga a gente faz

**Agricultor:** A manteiga aqui faz da nata não é do leite

**Agricultora:** Ah é mais é ué do leite

**Agricultor:** Sim, mais aqui a gente usa tirá a nata porque o leite fica na geladeira, dá a nata por cima né, ai a gente tira

**Entrevistadora:** Mais aí fica só pra vocês mesmo?

**Agricultora:** Não eu costume vendê, costuma vendê uns 2, 3 quilo por mês assim porque é encomenda

**Agricultor:** Poco mais vende

**Entrevistadora:** Vocês vendem só por encomenda mesmo?

**Agricultora:** Se as pessoa encomendá

**Agricultor:** Só algum vizinho aqui mesmo, e o leite a gente vende pro laticínio, tem muito tempo que nós vende pro laticínio

**Entrevistadora:** E você acha que compensa vender pro laticínio?

**Agricultor:** Nós aqui ainda num teve uma outra alternativa sabe. Nós acha que compensa porque é o melhô que tá tendo, mais nós vende pro laticínio Marília, num é o que paga mais caro, mais que paga muito bem, laticínio bom de mexê, ainda a alternativa mais fácil que nós tamu achando ainda é essa, aqui nós tem um grupo que tem tipo uma associação, nós tem um resfriador e junta todo mundo lá, uns dez produtor lá, aí tem condição do caminhão vim pegá , lugá mais fácil de panhá

**Entrevistadora:** E aí quando tem encomenda dessa manteiga quem faz é você E\*?

**Agricultor:** Aí é a E\* que faz

**Agricultora:** Mais sempre eu faço biscoito né Z\*, biscoito de nata

**Entrevistadora:** E vende também essas quitandas?

**Agricultora:** Não, aí é só pra despesa mesmo

**Agricultor:** Só pra despesa

**Entrevistadora:** E você gosta de fazer a manteiga?

**Agricultora:** Ah eu gosto, é fácil, eu já treinei é rapidim

**Entrevistadora:** E você já chegou a fazer algum outro produto... queijo, até pra vocês mesmo?

**Agricultora:** É muito difícil né

**Agricultor:** Já fizemo uma época tem quase três ano, nós tentemo pará um pouquim pra fazê queijo, o leite tava poco, mais tinha tanta disputa de queijo, tem época, que o preço tava muito baixo, aí voltemo pro leite de novo

**Entrevistadora:** Não tava valendo a pena

**Agricultor:** É porque aqui quando a gente consegue um freguês que compra da gente mais quantidade vale a pena, mais quando você pega pra vendé picado, vende 1 kilo e outro lá frente, quando a gente tá andando lá vai lá na frente aí vem outro pra trás, tem época que dá muita disputa de queijo, quem mora mais perto da cidade, o R\* mesmo consegue vendé, apesar dele tá diminuindo um pouquim, mais tem época que ele vende o queijo todo na rua, porque ele já tem mais conhecimento dentro da cidade, encomenda dele e busca, e quando o leite, esse ano num tá acontecendo, ano passado aconteceu pouco, mais sempre quando entra as agua o preço do leite abaixa, a maioria das pessoa que tira pouco leite parti pro queijo, então uma concorrência de queijo enorme, mais o ano passado aconteceu pouco esse ano praticamente não aconteceu, eu acredito que tem pouca gente fazendo

**Entrevistadora:** E quando que você começou vender esse leite, foi logo quando você começou a produção? Ou você ainda foi adequando....

**Agricultor:** Que nós vende assim direto deve de tê, uns seis ano ou sete, antes costumava vendé picado pra algumas pessoas, fazê queijo, teve uma época que peguemo pra vendé pra pessoas, pra terceiros que fala, vendia pra um ele levava para o laticínio, aí que nós pegô vendé mesmo já direto pro laticínio deve tê uns seis ano mais ou menos, aí o leite sempre já, já é barato e você e tê um monte de intermediário no meio né, cada um ganha um bucadim

**Entrevistadora:** Você acha que falta alguma coisa pra melhorar a venda do leite, que pode ter alguma coisa que melhorar essa venda? Você pensa sobre isso?

**Agricultor:** A gente recramava muito a questão do preço, apesar que o preço hoje em relação a outros tempo não tá tão ruim, aqui eles tá pagando o litro de leite a R\$1,12, argum laticínio tá pagando R\$1,20, é aqui em casa a dificuldade da gente mais é que ainda tá faltando a renda, se a renda fosse maior a gente tirava mais leite, nós temos uns 4 ano que

nóis quase num tamo panhando café, uma fraqueza nas lavora e uma coisa trapaia a outra e a gente que mora um pouco longe, nós leva o leite lá em baixo, deve tê uns 3,5 km mais que nós leva todo dia, precisaria no caso que o caminhão pegasse mais perto, aqui tá dependendo muito do trabalho da prefeitura essas estrada aqui, tentá vê se o caminhão passa por aqui nessa grota aqui, se fizesse isso, economizaria muita mão de obra da gente.

**Entrevistadora:** Por que aí você nem colocaria o leite lá no tanque?

**Agricultor:** Num colocaria até porque o laticínio hoje ele tá emprestando o tanque, num tá gastando nem comprá mais, o que nós tem lá hoje é um tanque mais novo, nós tinha um mais velho que era comprado de pô lata dentro e pô água, hoje nós tem um inoxidável o laticínio emprestô

**Entrevistadora:** E aí vocês pagam algum valor por mês pra colocar...

**Agricultor:** Não, num paga nada, então hoje, dependendo do laticínio, igual nós que já entrega pra ele há muito tempo, já é freguês do laticínio, ele tendo referencia empresta, sem custo nenhum na verdade e até porque esses refrigerador hoje em dia tá caindo o preço demais, agora tá ficando até fácil de compra na verdade, a uns cinco ano atrás era muito difícil de comprá qualquer um refrigeradorzim era uns R\$10.000, R\$12.000, hoje é R\$6.000 por aí a fora, lá vai caindo o preço porque lá vai dando concorrência na verdade num tá ficando tão caro essas coisa

**Entrevistadora:** Eu não sabia disso não que o laticínio emprestava...

**Agricultor:** O nosso aqui tá emprestando

**Entrevistadora:** ...e aí é uma estratégia que eles usam até pra manter...

**Agricultor:** Até pra segurá o leite

**Entrevistadora:** ... é, manter aqueles fornecedores né

**Agricultor:** É verdade, é pra segurá o leite, porque aqui é, aonde entra do asfalto pra cá aqui, tem muito produtô de leite, boa parte vende tudo pra esse laticínio, então tem muito

resfriadô um perto do outro, então é uma linha que eles pega muito leite, então que qualquer maneira o carroto pra eles favorece muito

**Entrevistadora:** E vocês conhecem alguma legislação, alguma exigência sobre a comercialização do leite, da manteiga, vocês conhecem alguma coisa, já ouviram falar de alguma lei que fala sobre isso?

**Agricultor:** O laticínio sempre manda recomendação pra gente, a questão de apricá antibiótico essas coisa, isso o laticínio sempre informa a gente...

**Entrevistadora:** Isso, mais por exemplo...

**Agricultor:** Num pode mandá o leite, eu tô até com uma vaca que tá urinando sangue, eu num tô nem tirando leite dela porque eu andei aplicando bastante remédio nela aí eu num mando o leite pra lá, porque pro laticínio se mandô hoje daqui uns dois, três dia a recomendação volta

**Entrevistadora:** E aí alguma exigência em relação, por exemplo, a fazer a manteiga, vocês sabem?

**Agricultor:** Não

**Entrevistadora:** Não né. E vocês gostariam de conhecer, saber a respeito?

**Agricultor:** É que de repente a gente poderia até passar pra manteiga, o queijo alguma coisa assim, porque a gente sabe que, se a gente é... a gente já ouviu contá muitos caso que dá mais dinheiro do que vendé o leite cru né, a gente não tem muita experiência nessa questão, nem pela recomendação a gente tem, a gente acha bom vendé o leite igual nós vende porque pois na lata de manhã, vai lá despejó lá, voltô, tá desocupado pra outra coisa né, mais se tivé como também crescê valor no leite, arruma mais gente pra trabalhá né e ainda sustenta a família dele, teve uma época que nós até falo em arrumá aquele negócio de empacota o leite, mais a conversa não ando... ficô, que tem que tê um troço bem arrumado né...

**Entrevistadora:** É era até o que eu tava conversando...

**Agricultor:** Um cômodo bem arrumado...

**Entrevistadora:** Isso, então você sabe das exigências (risos)

**Agricultor:** É, eu sei, teve uma época que o J\* tava dano uma mexida a respeito sabe, fico parado. Nós já vendiamo uma época antes de passar pro laticínio para um padaria aqui no Divino, nós não morava aqui não, nós morava no outro córrego aqui, tinha uma rapaz que passava todo dia e levava pra nós, mais rapidim a padaria quebrô e fechô aí paramo.

\*\*\*

### **Entrevista VIII**

**Agricultora:** M.E.

**Agricultor:** D.

**Comunidade:** Vargem Grande de Cima

**Município:** Divino/MG

**Entrevistadora:** A propriedade, são quantos hectares aqui?

**Agricultor:** São 24 no documento

**Entrevistadora:** E quantas horas vocês trabalham por dia aqui na propriedade, vocês tem noção?

**Agricultor:** Desde a hora que levanta

**Entrevistadora:** Até a hora de dormir (risos)

**Agricultor:** Isso num tem hora certa não, é na hora que levanta, vamo supô se levantá umas 05:30, 06:00, aí começa mexe com uma coisa, mexe com outra

**Entrevistadora:** E você E\*?

**Agricultora:** É por volta de 05:00, 05:30 porque tá no horário das crianças ir pra escola aí já começa

**Entrevistadora:** E quais são as tarefas que vocês fazem aqui?

**Agricultora:** Então, tem que cuidá das criação né, galinha, porco, vaca, cachorro, gato, o café, tem que ir pra roça, tem a lavoura de café, plantação milho, feijão, na época de plantá milho, feijão e o serviço da casa né (risos)

**Entrevistadora:** E vocês trabalham só na propriedade, você eu sei que sim porque tem o trabalho lá no sindicato e o que mais?

**Agricultora:** Então fora daqui é no sindicato

**Entrevistadora:** E você D\*? Você trabalha fora da propriedade?

**Agricultor:** Não mais na propriedade, muito difícil, mais é aqui mesmo

**Entrevistadora:** E as tarefas aqui dentro da propriedade vocês dividem, por exemplo, tem coisa que só a E\* faz, tem coisa que é só você ou tem coisa que vocês fazem juntos?

**Agricultora:** É praticamente sim, por exemplo assim só leite que eu não tiro, mais o resto que ajudo fazê e ele aqui dentro de casa a única coisa que ele não faz é lavá roupa, o resto ele ajuda fazê

**Entrevistadora:** Aí em relação aos animais, vocês estão com quantos animais agora, de bovinos?

**Agricultor:** 13 (6 bezerros)

**Entrevistadora:** E como que vocês conseguiram esses animais? Vocês compraram, ganharam, ou foi parindo aqui, como é que foi a aquisição desses animais?

**Agricultor:** Mais é que veio do tempo de meu pai né, então partiu isso veio de herança, mais é de herança, cê compra, troca outro, morre um você compra, mais o mais vem de...

**Entrevistadora:** E vocês já tiveram algum problema de adoecimento com esses animais, às vezes da uma mastite, alguma coisa no casco, algum tipo de adoecimento?

**Agricultor:** Dá, mastite sempre dá, mais Graças a Deus esses ano que nós mexe aqui nunca vaca perdeu o bico, acho que uma se perdeu agora, mais nós sempre tá lá “descendo

marimbondo” e negocio de mastite e esse trem de vaca perdê bico graças a deus... sempre adoece um bezerro adoece, cuida, uma dá pobrema

**Entrevistadora:** E na hora de cuidar desses adoecimentos o que vocês tem usado? O remédio convencional, uma planta medicinal, as vezes uma homeopatia, como é que vocês estão fazendo?

**Agricultor:** As vezes vai... no final das conta, uma vaca inchô as junta, a E\* começo a trata com remédio, homeopatia, uma outra começo, não sei se foi marimbondo que começo a dá mastite, a E\* cuida, só se for assim, as vezes tem dia que ela não dá prazo de cuidá dá o remédio, aí cê aplica os remédio pra lá, mais o mais mesmo nós mexe é com homeopatia

**Entrevistadora:** E as vacinas?

**Agricultor:** Tá, tem agora desse mês, esse mês agora tem que comprá a raiva, aftosa...

**Entrevistadora:** Aí pra saber da produção do leite, tem quanto tempo que vocês produzem leite? Vocês lembram quando vocês começaram?

**Agricultor:** Toda vida mexe com leite, só agora que não tá produzindo que as vaca atrasô demais a aprenhá, umas eu acho que emprenhô e perdeu, agora tem uma que uns 20 dia que parô de tirá leite? Tem não, tem uns 15 dia, mais toda vida mexe com leite

**Agricultora:** É nós nunca ficamo sem leite

**Agricultor:** Agora que tá, primeira vez, tudo tem a primeira vez

**Colaboradora:** Deve tá esquisito

**Agricultora:** (Risos) É, comprá leite tá interessante

**Agricultor:** Desse mês agora até agosto, julho, junho, cria tudo também, daqui uns 60 dia pari tudo

**Entrevistadora:** aí fica a fartura

**Agricultor:** Aí a casa fica sobrando leite

**Entrevistadora:** Quem faz a ordenha é você né D\*, e quais são os horários da ordenha?

**Agricultor:** Ah 5:30, levantô, tomô café e...

**Entrevistadora:** E você ordenha só uma vez por dia?

**Agricultor:** Não, agora tem duas, de manhã e a tarde, lá pelas 17 horas mais ou menos

**Entrevistadora:** Agora não tem nenhum animal em lactação é isso? Mais antes você tava tirando mais ou menos quanto de leite por dia? Você lembra quantos litros?

**Agricultor:** Na época uns 30, 35, mais veio caindo de modo que o bezerro vai ficando velho mais na época que tava uns bezerro mais novo, dava uns 35 litro tava tirando, depois caiu pra uns 15, 20 veio caindo, depois como umas tava perto de pari então tem que secá elas pra....

**Entrevistadora:** E você já fez algum teste de mastite? Aquele da caneca do fundo preto ou esguichar os primeiros jatos no chão pra vê como é que tá, você tem costume de fazer isso?

**Agricultor:** Sempre espremo no chão ou na palma da mão, se espremo na palma da mão assim e fez assim se tivé, se é mastite ela dá aquela liga assim, mais graças a deus de raridade mastite aqui em casa, mais quando já tiro o leite de manhã já o bezerro mama ou a vaca num tem bezerro você passa ali e limpá você já vê o peito mais inchado mais firme

**Entrevistadora:** E aí o que vocês fazem com esse leite?

**Agricultor:** Ah espreme e joga ele pra lá

**Entrevistadora:** E o que tá bom?

**Agricultora:** O leite bom

**Agricultor:** Ah, tá bom nós faz queijo, faz queijo quando tá dando bastante, entrega, meu sobrinho eu vendo pro meu sobrim

**Entrevistadora:** Mais vende pra algum laticínio é isso?

**Agricultor:** É eu entrego pra ele, ele entrega pro laticínio...

**Agricultora:** E pra despesa

**Agricultor:** Entrega pra merenda escolar, agora num tá entregando porque as vaca tá

**Entrevistadora:** Ah entrega no PNAE também?

**Agricultora:** É porque é assim é um acordo que eles fizeram né, porque pelo PNAE mesmo não pode entrega leite, porque não tem a documentação, mais a escola quando precisa aí tava encomendando né, mais é um acordo da escola com a associação

**Colaboradora:** Só de curiosidade tem mais alguém que tá entregando pro PNAE do grupo?

**Agricultora:** Não, porque isso foi ano passado, esse ano acho que foi só um dia que eles encomendaram com esse aperto que tá a escola também teve um corte aí, mais no ano passado meiado do ano pra frente toda semana eu tava levando sabe na terça feira toda semana, aí veio as férias parô, aí quando começo ano aí veio esse aperto aí num tá não, mais era só nós que entregava

**Entrevistadora:** E manteiga, requeijão você faz mais alguma coisa até pra despesa da casa?

**Agricultora:** Não, não só o queijo e quitanda, broa, doce essa coisa assim, mais agora requeijão não e nem manteiga que eu uso a nata

**Agricultor:** Requeijão nós tentô aprendê fazê

**Entrevistadora:** Não deu certo não?

**Agricultor:** um dia dá certo, outro dia fica igual um pedaço de pau, falei com a E\* vamo fazê só queijo mesmo que o queijo nós como profissional graças a deus

**Entrevistadora:** O queijo dá certo né (risos). E quando faz o queijo quanto mais ou menos de queijo vocês produzem? Vocês tem uma ideia?

**Agricultor:** Por dia?

**Entrevistadora:** Por dia

**Agricultor:** É na média de 2 a 4 queijo né E\*?

**Agricultora:** É na época que tem mais leite é

**Agricultor:** Isso vai dá encomenda, tem semana que o pessoal encomenda mais, sempre faço o queijo do leite que tira, se meu sobrinho passa de tarde, o que eu tiro de manhã eu faço queijo dele e o de tarde eu entrego e se ele busca de manhã de tarde eu faço queijo dele, então é assim num, se a pessoa encomenda muito queijo então amanhã eu num vô entregá não, então dá uma média de 2, 4 queijo, tem hora que 1 também

**Entrevistadora:** E quem que faz o queijo?

**Agricultor:** Eu faço, a E\* faz a M\* faz, aqui é

**Agricultora:** Quem tivé com tempo na hora né (risos)

**Entrevistadora:** Faz o queijo

**Agricultor:** Aqui em casa é tudo queijeiro

**Entrevistadora:** E por que que vocês fazem o queijo? Vocês sabem falar?

**Agricultora:** Bom eu acho que tem uma, teve uma época que não tinha como entregá esse leite né, e outra porque a gente já gosta de come o queijo aí já fica pra despesa também e as pessoas já acostumaram comprá, gosta de compra o queijo porque não tem mais pessoas que fazem então assim juntô tudo

**Entrevistadora:** Então vocês comercializam só por encomenda ou vocês já tem alguns lugares certos? Algum mercado no centro de Divino que vocês já deixam ou só por encomenda?

**Agricultora:** Não, não é só por aqui mesmo, igual por exemplo, sempre faz durante de semana aí quando dá sábado o D\* vai nas casa e vende já tem o pessoal que gosta de compra sempre compra mesmo, já é freguês

**Agricultor:** Tem dia que tem que briga com freguês que quê 2, não posso vô vende só um porque já tem encomenda, graças a deus queijo aqui de casa o que faz vende tudo, tem semana que falta ainda

**Agricultora:** Mais a gente vende por aqui mesmo assim

**Agricultor:** Tava fazendo duas vezes por semana, mais queijo eu vendia mais dia de sábado mais encomendava tinha que largá no meio de semana e leva pro camarada, uns vem buscà aqui, tão acostumado com o queijo que vem buscá que às vezes você não aparece por lá, o que faz aqui vende tudo, tem saída e assim tem como cramá não tem que gente que crama, ah faço e não vende, mais eu ponho dentro do carro...

**Entrevistadora:** Porque já conquistaram a freguesia né

**Agricultora:** É o pessoal já acostumo

**Agricultor:** Tem 19 ano

**Entrevistadora:** Tem 19 anos que vocês fazem o queijo?

**Agricultora:** É aham

**Agricultor:** Só não entrega época que tá apertado demais mesmo, aí aperta o serviço levanta de manhã aí meu sobrim panha aí tem semana que nem faz queijo, mais no mais é faz queijo, tem 19 ano que nós faz queijo graças a deus, 19 ano muito... lá uma vez ou outra aparece um que quê pô defeito no trem da gente que a gente num quê....

**Entrevistadora:** E vocês acham que falta alguma coisa pra melhorar a comercialização do queijo de vocês? Tem alguma dificuldade ou tá bom do jeito que tá comercializando? Ou vocês desejam vender em outros lugares, ter selo, tem alguma coisa assim que vocês pensam sobre isso?

**Agricultora:** Eu acho que assim, é claro que tá do jeito que tá, mais assim, por exemplo se a gente pudesse vendé fora, a gente poderia investir mais também em mais vaca pra tê mais leite pra podê né que é um trabalho que a gente já faz, então se a gente pudesse investi pra melhorá mais, bom pra gente só que aí barra na dificuldade que não pode vende pra fora né,

assim não pode entrega no mercado porque se você vai entrega no mercado primeira coisa que eles pede é selo né, e aí a gente que produz pouco não tem como consegui o selo né porque como é que você vai paga uma estrutura toda que pede pra pouca coisa né, assim, então é difícil né, dificulta

**Entrevistadora:** E então vocês conhecem a respeito dessas legislações pelo que você falou sim, porque você falou do cômodo...

**Agricultora:** Então, eu não sei assim em detalhes mais eu sei que bem é complicado, porque tem que tê toda uma estrutura né, tanto no curral porque já começa estrutura toda no curral aí pra faze o queijo também, então assim é muita estrutura pra pouca coisa, então a gente não tem como né, os detalhes eu não sei todos mais eu ei que são bastante

**Entrevistadora:** E como você teve acesso a essas informações E\*, do que você sabe, foi lá no sindicato?

**Agricultora:** Isso foi através dos encontros né, dos intercâmbios do sindicato, das reuniões, do pessoal do mutirão, do grupo dos animais que sempre tá fazendo reunião né e sempre fala alguma coisa, já teve vários debate sobre isso, assim dessas dificuldades

**Entrevistadora:** E você gostaria de saber mais a respeito saber mais dessas legislações, das exigências?

**Agricultora:** Sim, com certeza, quanto mais a gente sabe melhor né

**Entrevistadora:** e você pensa alguma coisa a respeito dessas legislações, dessas exigências, das dificuldades, você acha que poderia ser diferente?

**Agricultora:** Eu acho que não precisa ter tanta burocracia né, eu acho que é burocracia demais né, se a gente vai produzi em pequena quantidade não precisava tanta coisa, não é? Igual, por exemplo, a gente faz o queijo aqui e vende por aqui, ninguém nunca passou mal, então quer dizer que não faz mal assim, não é? É lógico que tem que melhorá alguma coisa sem dúvida né, mais assim é são exigências que assim, tem exigências que é meio absurda, não tem lógica né, porque até mesmo se a gente tivesse fazendo queijo e tivesse dando problema nas pessoas, mais ninguém nunca passou mal nem uma pequena dor de barriga

simples, ninguém nunca deu por causa do queijo, então não teria tanta necessidade de tanta burocracia também né? Eu acho que tinha que facilitá mais pra nós pequenos produtores né, agricultores familiares assim que não tem essa condição de fazê essas estrutura toda que se pede.

**Entrevistadora:** E aí cai nisso mesmo que você falou dessas legislações, você acha que elas favorecem a agricultura familiar? Não né?

**Agricultora:** Não de maneira nenhuma, só dificulta né

**Agricultor:** Só favorece os grande

**Colaboradora:** já foram construídas pra grandes

**Agricultora:** Só pra grande

**Agricultor:** Mais é isso que tô falando porque os grande pega faz, o pequeno nós faz o queijo, capricha o máximo e o outro pode fazê de qualquer jeito já tem o selo que... que pode dá dor de barriga nos soto, igual passa na televisão igual aqueles leite que vende que aquilo é soda tudo quanto é trem no leite, já tem nome mermo, vai embora

\*\*\*

## **Entrevista IX**

**Agricultora: F.**

**Agricultor: O.**

**Comunidade: São João do Glória**

**Município: Muriaé/MG**

**Entrevistadora:** Primeiro é sobre a família de vocês, são quantas pessoas aqui?

**Agricultor:** São duas pessoas aqui

**Entrevistadora:** E filhos vocês tem?

**Agricultora:** Temos cinco

**Entrevistadora:** E eles não moram aqui mais?

**Agricultora:** Não, casaram... foram embora

**Entrevistadora:** E há quanto tempo vocês estão aqui nessa propriedade?

**Agricultora:** Vai completar 50 anos agora em setembro, desde que nós casamos nós moramos aqui, vamos completar 50 anos de casados

**Entrevistadora:** E o tamanho aqui em hectares vocês sabem?

**Agricultor:** Aqui é 7 hectares de terra, 2 alquere e pouco, não é 2 alquere e meio

**Entrevistadora:** E quanto tempo vocês acham que vocês trabalham aqui por dia, vocês tem uma noção?

**Agricultora:** Hoje?

**Entrevistadora:** É, todos os dias

**Agricultora:** Não mais eu digo assim hoje depois que a gente se aposentou ou antes da gente se aposentar?

**Entrevistadora:** Pode ser os dois

**Agricultora:** Porque agora nós estamos aposentados, porque antes quando a gente não era aposentado a gente trabalhava de sol a sol na roça né, agora também ele trabalha o dia inteiro lá no curral, mais só mexendo nas vacas, corta um capim, coloca pra vacas assim

**Entrevistadora:** E antes você tava na liderança do sindicato também e você ficava mais lá?

**Agricultora:** Não, eu participava muito das reuniões, num ficava não, porque eu fui segunda secretaria, então eu só atuava assim o trabalho quando a primeira secretaria precisava de mim, mais eu participava muito das reuniões, dos encontros que tinha assim que tinha fora

**Entrevistadora:** E no trabalho aqui na propriedade o que você fazia?

**Agricultora:** É eu sempre ajudei a ele, porque sempre trabalhou com muito companheiro na roça então minha atividade quase que era mais na cozinha, mais eu levava comida na roça e quando precisava dá uma mão ele lá a gente ajudava né, mais sobrava o mínimo de tempo porque quando a gente tem criança pequena, tem almoço e janta, tem que lavar roupa e fazer serviço de casa minha filha, quando eles eram pequenininho não dava nem tempo de lavar nem as roupas, porque as vezes era 8, 10 companheiro lá na roça, você tinha que fazer comida, pouco sobrava tempo, mais isso eu acho assim isso muito errado, porque hoje á vezes você poder ter um INSS como dona de casa, mais antes você não era reconhecida nem como trabalhadora rural né, que tava ajudando o marido dessa forma e nem você tinha o direito de pagar o INSS como dona de casa porque não tinha essas leis.

**Colaboradora:** Foi fácil se aposentar pra você?

**Agricultora:** Pra mim foi porque e eu era afiliada também, sempre participei do sindicato

**Entrevistadora:** E agora que vocês aposentaram quais são as atividades? É o leite né....

**Agricultor:** É o leite é pouco também, e assim eu não ligo, não preocupo muito com as vaca não sabe, eu não posso ficar forçando demais, eu falei eu vou mexer com as vaca até quando eu posso e quando eu não puder ai eu desisto também porque...

**Agricultora:** E eu sempre ajudei assim também em casa com as costura, eu sempre costurava, às vezes fazia pra casa às vezes fazia uma pra fora, mais também não tinha muito tempo de costurar, depois... quase depois que as menina cresceram que eu comecei assim costurando mais e agora depois que aposentei eu só fiquei na costura, eu gosto, pra mim é uma terapia sabe, eu tava costurando pra um salão, agora eu parei, as menina resolveram fazer umas blusa umas camisa aí menina, tô costurando pra elas

**Agricultor:** Eu sou o contrário dela, porque ela gosta de costurar eu gostava muito de trabalhar na roça, na enxada sabe, mexer no curral assim eu mexo pra ter uma atividade assim, pra mim num fica parado, mais gostá eu num gosto não, eu num gosto de corta capim, fica lá não

**Entrevistadora:** Então antes você não trabalhava com leite?

**Agricultor:** Não só na roça mesmo, capinando, plantando arroz...

**Entrevistadora:** Em relação aos animais, quantos animais vocês tem agora? De vaca?

**Agricultor:** Entre... criação assim eu tenho 18 cabeça

**Agricultora:** Vaca é 6, tem uns bezerro, uns garrotim e tem um cavalo também de charrete

**Entrevistadora:** E aí como que vocês conseguiram esses animais? Vocês compraram, ganharam, foi troca

**Agricultora:** Primeiro animal ele ganhô

**Agricultor:** Não, num... Ah é mesmo. O pai que é um sogro, me deu a égua, ela tava pra criá e ele falou assim se essa égua cria um potro eu vô te dá a égua procê e vô ficá com o potro e num é que ela crio um potro aí eu fiquei com a égua e ele com o potro, daí em diante eu comprei uma charrete

**Agricultora:** Mais a primeira vaca que ele comprou foi quando eu ganhei meu último menino porque o pai dele sempre deu leite pro nossos meninos, pro nossos filhos mais aí nessa época eu acho que nem tinha ninguém que buscava leite né, aí ele comprou uma vaca que dava pouquinho leite, uma vaca baratinha e pois aí e começou a criar

**Agricultor:** Aí foi criando e aumentando as criação

**Entrevistadora:** Aí você comprou aqui na região mesmo?

**Agricultora:** Não, depois eu acho que ele nem comprou mais

**Agricultor:** Não foi criando

**Entrevistadora:** E vocês já tiveram algum problema, alguma doença que estava afetando as vacas, mastite, alguma coisa assim?

**Agricultor:** Tem, a pouco dias uma tava com essa mastite aí eu apliquei uma terramicina aí o teto da vaca deu um caroço aí ele foi esgrandecendo e furô, duas teve uma outra que ficou assim que perdeu os teto

**Agricultora:** E teve outro aí que deu gabarro não foi?

**Agricultor:** Deu mais agora já sarô, ele vazô e eu fui passando um óleo de angico, banhei com folha, casca de angico também sabe então sarô ela num deu mais não

**Entrevistadora:** O\* você falou que usou terramicina e usou o angico também, você tem costume de usar essas plantas pra essas ocasiões ou alguma outra planta?

**Agricultor:** Tem sim, só quando afeta igual mastite que ela vem mesmo eu tenho que aplica igual eu apliquei a terramicina, eu tenho costume da à terramicina natural nas folha no meio do capim eu pico lá sabe, e parece que não dá muito efeito não sabe e precisa ser mais rápido quando tá assim com mastite e a poucos dia eu arrumei um rapaz, meu cunhado me arrumou um pacote desses pra mastite homeopatia sabe, feito de homeopatia, aí eu tô usando

**Entrevistadora:** Aí você conheceu através dele a homeopatia, você nunca tinha usado antes não?

**Agricultor:** Pra mastite não, mais pra outras, pra colocar no sal mineral eu tô usando RH que eles falam, é homeopatia também sempre tenho comprado por isso sabe, ele vem num saquinho de 20 kg, 230 reais, mais eu vô pondo assim aos pouco, eu ponho assim 2 quilos mais ou menos no saco de sal de 25 quilo aí misturo e boto um outro, como é que chama, total mix também misturo, faço a mistura e do elas, vô dando direto

**Entrevistadora:** E depois que você começou a dar você acha que os problemas diminuíram?

**Agricultor:** Eu acho que sim

**Entrevistadora:** Você dá pra carrapato?

**Agricultor:** Pra carrapato e pra mosca de chifre também, tem sim, já melhorô bem sim, deve te um ano que eu tô usando isso

**Entrevistadora:** E antes você usava os remédios normais?

**Agricultor:** É depois eu vi que não tava muito certo, que eu quando ia lá pulverizar as criação eu sentia até uma dor de cabeça sabe, aí pronto eu parei, é difícil mesmo, e aqui no meu terreno também é muito baixo e é lugar que num é muito essas brachiaria seca sabe, é dessas de corda e costuma dá Jaraguá, cinavagem assim então o gado não é tanto afetado com carrapato

**Colaboradora:** Jaraguá é o quê?

**Agricultor:** É um capim que sempre é usado assim, dá uma semente sabe é o capim gordura você conhece? É o mesmo quase

**Agricultora:** O capim gordura é mais antigo né

**Agricultor:** É. Que usava assim nos pasto sabe, mais o Jaraguá era muito encharcado da formiga, formiga era danada pra corta ele, já capim gordura não

**Agricultora:** É mais capim e Jaraguá dá mais no moro também mais Jaraguá ainda dá na baixa agora capim gordura só no moro

**Agricultor:** Agora é só essas brachiaria e eu falo que essa brachiaria é uma praga sabe porque ela num deixa saí planta, então ela já é uma praga

**Colaboradora:** Ninguém pode com ela

**Agricultor:** Tem jeito não

**Entrevistadora:** Mais aí só porque você falou da homeopatia eu fiquei, eu até fiz uma cara de espanto assim, porque eu trabalho com homeopatia para animais, dei cursos por um tempo, e é tão barato e tão fácil de fazer e aí as industrias farmacêuticas agora pegaram esse conhecimento e tão vendendo por esse preço... Ensina fazer a líquida, aí se você for pensar a pessoa gasta água, álcool, litro de álcool dá pra ela fazer umas 30 homeopatias e o vidrinho, o vidrinho lá m Viçosa custa R\$2,00.

**Agricultor:** Eu já usei esse...

**Agricultora:** Do produto que você tem que usar?

**Entrevistadora:** É. Aí se você calcular o álcool, a água, você vai gastar uns 3 reais

**Colaboradora:** Que na verdade um das vantagens que a gente fala da homeopatia é isso né, o poder reduzir o custo com comprar remédio, a autonomia da família, que a família mesmo pode fazer o remédio, aí a gente vê que a indústria se apropria mesmo das coisas né e ainda cobra duzentos reais.

**Colaborador:** Pode falar do planejamento que a gente tem?

**Entrevistadora:** Pode

**Colaborador:** Porque a gente vai tê, a gente tá cadastrado aqui o São João, igual teve aquela atividade, as menina tá vindo fazê essa pesquisa aqui e agora a gente tem uma proposta de intensificar essa questão da homeopatia aqui, fazê umas duas oficinas né?

**Entrevistadora:** É, a gente planejou duas, aí se vocês quiserem participar. O C\* vai passar antes, pra falar a data direitinho. Nós já até fizemos no Reduto

**Agricultora:** É bom né

**Entrevistadora:** Aí pra gente voltar, e as vacinas O\* você deu direitinho nesses animais?

**Agricultor:** Eu vacino, sempre aftosa e a raiva também sabe é só essas que eu vacino, sobre outras coisa eu num vacino não

**Entrevistadora:** Brucelose não?

**Agricultor:** Não ainda num vacinei não, só que eu costume deixa, botá as bezerra fora e botá com um bezerro sabe, mais depois eu vô tê que vendê eu vô te que fazer, tem que dá a guia também né dos bezerro, mais aí eu deixei assim um pouco

**Entrevistadora:** E tem quanto tempo que você tá produzindo leite mesmo? Tem quantos anos mais ou menos, você sabe?

**Agricultor:** Deve ter uns 30 e poucos anos

**Agricultora:** Não, num é isso tudo não

**Agricultor:** Deve ser nessa base de uns 30 e poucos anos sim

**Entrevistadora:** E quem ordenha é você? Já ordenhou alguma vez F\*?

**Agricultora:** Já muito tempo já, às vezes ele tava doente

**Agricultor:** Mais muito pouco, igual eu fui aprender tirá leite depois de velho, meu pai não deixava, só amarrava os pé de vaca pra ele

**Entrevistadora:** E você faz ordenha uma vez ou duas vezes por dia?

**Agricultor:** Uma vez

**Entrevistadora:** E agora tem quantos animais em lactação?

**Agricultor:** Tô com cinco, mais tem duas que tão desmamando já sabe

**Entrevistadora:** E quantos litros de leite você tá produzindo?

**Agricultor:** 22 litros mais ou menos, porque elas tá quase desmamando sabe. Eu não gosto de fica comprando vaca também nova sabe, a que desmama aí ela quase acaba o leite aí depois elas cria outra vez, aumenta o leite outra vez

**Entrevistadora:** E você já fez algum teste pra avaliação desse leite? Igual tem um que tem uma caneca do fundo preto pra vê se tá com mastite

**Agricultor:** Aqui não só os cara que eu vendo pra onde eu vendo que eles faz

**Agricultora:** Lá no tanque, acho que é

**Entrevistadora:** Você entrega para o tanque, aonde que é fica esse tanque?

**Agricultor:** Ali na frente

**Entrevistadora:** E esse tanque é do laticínio ou é...

**Agricultor:** É do laticínio (todo mundo falando confuso – não transcrevi)

**Agricultora:** É do laticínio, acho que é do laticínio

**Colaborador:** Não, o tanque é um grupo que fez

**Agricultora:** Ah é um grupo mas não é não, é ele mesmo, não tem grupo nenhum

**Colaborador:** Reuniram um grupo na época pagaram, porque a história do tanque eu tenho um pouquinho de conhecimento, o A\* me contô, aí eles entraram era o que uns 30 produtor, ai foi pagando, foi pagando, foi pagando, hoje o A\* até gosta de falá que a única associação que funciona é a do São João do glória, mais ele se tornou assim, ganha uma porcentagem pra recolhê o leite, não isso?

**Agricultora:** É deve ser

**Colaborador:** É até um leite que era pra ter uma qualidade boa ele estraga muito porque ele recolhe o leite em volta todinho com um caminhão com lata independente porque o tanque é muito longe...

**Agricultora:** mais o curral dele é dos piores currais que tem

**Colaborador:** ...tem alguns que foram colocando tanque independente né e deixô de entregá, tá entregando ali é mais os pequeno mesmo todo mundo que é maiorzinho põe no tanque independente

**Entrevistadora:** E aí o que vocês fazem com esse leite, vocês só entregam lá ou vocês fazem queijo alguma coisa assim?

**Agricultora:** Quando eu faço queijo faço um só pra gente comer em casa, mais eu não tenho feito não, tenho evitado de comer queijo

**Colaboradora:** Mais você usa pra fazer quitando, bolo?

**Agricultora:** É faço doce de leite de vez em quando

**Entrevistadora:** Então a comercialização do leite é só ali no tanque, só vai pra lá... E você gostaria de comercializar em outros locais?

**Agricultor:** Eu não penso não, porque eu tô assim tirando pouquim mais na hora que eu num guentá mais tirá leite porque eu vô te que para mesmo porque a idade não vai deixar né

**Entrevistadora:** E vocês conhecem alguma legislação, alguma lei do governo a respeito do leite, da produção, da comercialização?

**Agricultor:** Não

**Agricultora:** Não, até poucos dias o leite nem um real num tava agora tá mais de um real um cadinho...

**Agricultor:** Tá, 1,15, esse mês passado eu recebi 1,15

**Entrevistadora:** E vocês tem vontade de conhecer a respeito dessas leis ou no momento atual da vida de vocês não seria interessante?

**Agricultora:** Interessa não

**Agricultor:** Só se fosse alguma coisa daqui mesmo, alternativa e tudo, mais uma coisa de fora num interesse não.

\*\*\*

## **Entrevista X**

**Agricultora:** V.

**Comunidade:** São João do Glória

**Município:** Muriaé/MG

**Entrevistadora:** Quantas pessoas moram aqui na propriedade?

**Agricultora:** Só nos dois, menina

**Entrevistadora:** E os filhos?

**Agricultora:** Os filhos já foram embora, já formaram

**Entrevistadora:** E são quantos filhos?

**Agricultora:** São 3, duas mulheres e um homem, meu menino agorinha mesmo tá aqui que ele pega o leite pra vendê

**Entrevistadora:** Eles moram em Muriaé?

**Agricultora:** Mora tudo em Muriaé, são tudo casado

**Entrevistadora:** Você sabe o tamanho em hectares, aqui da propriedade?

**Agricultora:** 10 hectares

**Entrevistadora:** Quanto tempo você acha que você e o seu marido trabalham por dia aqui na propriedade?

**Agricultora:** E menina, nossa mãe do céu, a gente acorda 5:30 tem dia que sete horas a gente tá trabalhando ainda e eu trabalho até mais, o meu trabalho vai até umas oito e meia, nove horas, eu nunca vejo uma televisão, nem dia de domingo, domingo minha neta tá aqui, aí eu fico corujando, eu não sei o que dá na televisão, às vezes eu sento na frente da televisão mais trabalhando, porque eu além da minha atividade rural eu ainda faço meus quebra galho na máquina né, aí eu fico na máquina de noite, entretida lá

**Entrevistadora:** E aí o que você faz aqui na propriedade?

**Agricultora:** Horta, galinha, toco boi pra lá, toco boi pra cá, boto leite no congelador, tiro nata, faço manteiga, ensacolo leite pro meu menino levá, é muita coisa

**Entrevistadora:** E aí seu trabalho é todo aqui na propriedade então

**Agricultora:** Todo aqui na propriedade, não saio pra nada não

**Entrevistadora:** E do seu marido também?

**Agricultora:** É

**Entrevistadora:** Os dois trabalham só aqui.... E vocês tem alguma divisão de tarefa? Por exemplo, cuidar das galinhas só você que cuida...

**Agricultora:** É só eu que cuido, da horta só eu que cuido... não a gente balanceie um pouco, porque igual cavucá os canteiro, antes eu mesmo cavucava mais agora não tô aguentando cavucá, aí ele mesmo cavuca, coloca o esterco e vô lá e planto, aí é eu que planto, eu que cuido da horta, ele prepara o lugá eu planto uma mandioca, um inhame, uma

coisa assim, aí na hora que uma banana tá de vez eu costumo ir lá cortá, as galinha ali ele nem olha pro lado das galinha

**Entrevistadora:** E você sabe quantas vacas vocês tem agora?

**Agricultora:** Sei, no total deve ser umas 40, 45 mais ou menos, mais no leite umas 14 deve ter

**Entrevistadora:** E vocês estão produzindo quantos litros de leite por dia?

**Agricultora:** Esses dia pra trás tava tirando 100, mais agora deve tá tirando uns 80, 75, porque agora quebra né, mais é de 100 a 120 mais ou menos

**Entrevistadora:** E esses animais como vocês conseguiram? Vocês compraram?

**Agricultora:** A gente comprô devagarzinho

**Entrevistadora:** E é sempre do mesmo lugar que vocês compram?

**Agricultora:** É sempre do mesmo lugar, e é inseminação também e é daqui as vaca da propriedade mesmo, ele faz inseminação, novilha que é boa ele deixa, novilha que é pior ele vende pra corte

**Entrevistadora:** E vocês já tiveram algum problema em relação à saúde desses animais?

**Agricultora:** Muito, direto

**Entrevistadora:** O quê?

**Agricultora:** Igual às vezes, por exemplo, demora a entrar no cio, mamite é constante, depois que eu comecei a dar homeopatia, quando eu começo ir pra lá elas melhora bem, mais quando eu deixo pra lá, ele não tem muita paciência com isso

**Colaboradora:** E a parte de tratar das doenças é você que faz? Você que cuida da saúde das vacas?

**Agricultora:** Não, eu instruo e ele trata porque quem tem os curso de homeopatia sou eu, quem faz manejo dos gado, os curso essas coisa sou eu, aí eu vô instruindo ele e ele trata e

quando não tem jeito a gente busca remédio na cidade mesmo a maioria é remédio de lá, porque às vezes eu não tenho muito tempo, porque ele não tem paciência de fica lá, porque homeopatia você tem que fica dando ali até ele melhora, mais igual ele tá começando a conscientizá, quando as vaca tá assim muito nervosa, muito agitada aí eu dô pro dois, eu dô pro retireiro e pra vaca, aí eu vô lá e pego *Ignatia*, *Arnica* e dô pra eles dois. Ah! Cês dois tão precisando porque a vaca tá nervosa e retirero também tá

**Entrevistadora:** Bom demais, e plantas medicinais você tem costume de usar?

**Agricultora:** Tenho, uso terramicina pra mamite, uso macaé quando tá intoxicada é muita planta medicinal que eu uso nas vaca, arnica quando tá com muita mamite pra banhá

**Entrevistadora:** E você fez o curso aqui?

**Agricultora:** Eu tenho seis anos de curso de homeopatia, eu tenho curso também de ferrinho

**Entrevistadora:** De Radiestesia?

**Agricultora:** E Radiestesia, de planta, aí eu trato de mim, dos meus neto, dos meus minino, das vaca, dos cachorro, ponho homeopatia na água das galinha, às vezes resolve mais às vezes não tenho muita paciência porque tem que ser bem perseverante, mais eu sempre trato com homeopatia

**Entrevistadora:** E as vacinas das vacas?

**Agricultora:** As vacinas das vaca, vacina tudo, vacina contra brucelose, raiva, daqui uns dias por médio de setembro a gente vacina contra raiva, brucelose já vacinô agora em maio

**Entrevistadora:** E há quanto tempo vocês produzem leite? Há quantos anos?

**Agricultora:** Nossa é uma vida inteira, sempre foi leite, assim sempre tem as duas coisas, mais agora na idade que a gente chegô é só leite mesmo, porque a gente plantava horta e tirava o leite, plantava maracujá, o ano de 2013/2014 eu cheguei a fazê umas 2000 quilo de polpa, pro meio de maio assim eu tava tudo fazendo polpa, isso aqui tava cheim de maracujá, pra cima ali ó, ele plantô quatrocentos e poucos pé de maracujá e aí a gente

entregava pra merenda escolar as polpa, eu tinha dois freezer, esse grandão cheim até na boca e um outro menorzinho que já até estrago e eu levei ele embora

**Entrevistadora:** E quem que ordenha as vacas?

**Agricultora:** Ele mesmo, agora as coisa lá foi melhorando tem ordenhadeira né aí ele num tira mais na mão não

**Entrevistadora:** E você já ordenhou alguma vez?

**Agricultora:** Não, ainda não tive curiosidade de ir lá pô não (risos). De vez em quando ele fala isso, ninguém tem curiosidade de vim botá essa ordenhadeira nas vaca. Mas aí se, o problema, eu que num... porque eu não sei se vocês entende isso, mais se mulher for pegando a gente vai ficando com o serviço né, então eu não quero assim mais compromisso pra mim, eu acho que não posso pegá mais do que eu já tenho né, e eu deixo pra ele, porque se fosse dividido tava bom né, porque se ele fizesse um pouco pra mim, na hora que ele não pudesse eu ia na ordenhadeira, mais se eu for na ordenhadeira um dia capaz de eu tê que ir todo dia. Aí num vô não, quero não. Agora vô assim, trocá uma vaca de pasto eu vô, quando ele sai vô eu boto bezerro pra mamá, essas coisa eu faço, mais pegá compromisso de colocá ordenhadeira eu num quero não, eu vô lá dá o remédio...

**Entrevistadora:** E quais os horários da ordenha aqui?

**Agricultora:** São duas, tá no horário agora, ele começa a tirá umas 6 horas, porque 5:30 ele tá lá colocando a comida e agora às 15 horas

**Entrevistadora:** E vocês já fizeram algum teste para avaliação desse leite, igual tem um que é uma caneca do fundo preto

**Agricultora:** Faz, pra vê se tá com mamite, se tá ácido

**Entrevistadora:** Tem alguma frequência que vocês fazem?

**Agricultora:** Não só quando dá problema, quando a cooperativa às vezes fala que tá com problema, meu menino também vende porta em porta, aí os freguês começa a reclamá a

gente olha aí faz o teste, do contrário não, a gente faz com álcool né, faz tudo no álcool, a gente coloca o leite, coloca uma colherinha de álcool

**Entrevistadora:** E aí como que é a avaliação que vocês fazem?

**Agricultora:** É aí se taiá tem que descobri qual vaca que tá, aí a gente vai de uma em uma até descobri, aí elimina ela né, tira ela fora, até ela melhorar

**Entrevistadora:** Mais aí vocês continuam ordenhando ela?

**Agricultora:** Continua ordenhando ela, num pode pará não senão infecciona

**Entrevistadora:** Aí ordenha ela por último, primeiro como é que faz, você sabe?

**Agricultora:** Ah não, isso é relativo num... uma coisa que eu faço também, por exemplo, igual quando ele coloca as vaca lá no pasto pra desmamar aí eu também vô lá espreme pra não infeccionar mais só assim quando desmama

**Entrevistadora:** E o que vocês fazem com esse leite?

**Agricultora:** Entrega na cooperativa, vende de porta em porta, coloca no congelador e eu faço manteiga

**Entrevistadora:** Faz só manteiga? Queijo você faz?

**Agricultora:** Não, queijo ultimamente eu não tenho feito não, eu já fiz muito mais num tô fazendo mais não

**Entrevistadora:** Nem pra consumo da casa?

**Agricultora:** Faço, pra consumo faço, faço umas duas vezes no mês, duas, três vezes no mês eu faço pro consumo da casa

**Entrevistadora:** Mais pra vende não mais

**Agricultora:** Não, não mais

**Entrevistadora:** E de manteiga, quanto que você tá produzindo?

**Agricultora:** Não a manteiga esses dia até que tá dando pouca, depois que meu minino começou a levar o leite pra Muriaé, aí eu tô fazendo pouca manteiga, dá só uns 10 potinho por semana, potinho de 250 grama deve dá o quê? Deve dá uns 2,5kg

**Entrevistadora:** E esse leite que você falou que até coloca no saquinho, como que é? Tem o saquinho... com marca...

**Agricultora:** Tem o saquinho mesmo. Não, com marca não, é porque o reitoreiro daqui, leva o leite dentro de uma lata, nem coa, não coa nem nada. O meu não, eu limpo os balde né, esterelizo tudo, a peneirinha, passo pro balde igual tá ali no freezer o de manhã que ele vai levar agora de tarde também, e ele separa todinho, separa leite gelado do leite quente a gente não mistura não, as sacolinha tudo limpinha, o lugarzinho dele empacota é lá atrás, tudo azulejado

**Entrevistadora:** Você tem um cômodo separado pra isso

**Agricultora:** É uma areazinha só, ali atrás. Aí ele vai ensacando, amarrando e é 1 litro em cada saquinho e chega lá vende minha filha que cê precisa vê, é tudo coadim, limpim né, o povo quase num coa, só corta com a tesourinha põe no canecão e o leite é purim, num tem água né, aí tem vez que eles leva 70, 80 litro, hoje mesmo deve leva uns 70.

**Entrevistadora:** E aí vende de porta em porta... E já tem algumas pessoas fixas?

**Agricultora:** Vende de porta em porta.. não já tem tudo fixo, tudo fixo os cliente

**Entrevistadora:** E da manteiga também?

**Agricultora:** Da manteiga é mais ou menos, porque eu não saio pra vendê manteiga não, aí eu deixo elas ali, sempre tem procura, quem chegá primeiro leva

**Entrevistadora:** E porque você produz a manteiga e não produz, por exemplo, o queijo pra venda?

**Agricultora:** Não, é porque a manteiga é pra não manda a gordura pra cooperativa, entendeu, eu tiro a gordura pra mim, eles paga muito pouco né, quase nada, aí o leite que vem praqui que vai pro caminhão, tira aquela gordurinha dele, pouquinha coisa, quase nada

**Entrevistadora:** Aí vai pra cooperativa mais é o tanque que tem aqui no São João?

**Agricultora:** Tem, tem o tanque, coloca no tanque

**Entrevistadora:** E aí entrega direto pra cooperativa, como que é?

**Agricultora:** Não o caminhão passa aqui, pega e leva, entrega pro tanque, do tanque é que vai pra cooperativa

**Entrevistadora:** E na feira vocês vendem?

**Agricultora:** Não na feira não

**Entrevistadora:** E antes vocês faziam feira?

**Agricultora:** É antes fazia, uns 8 anos lá pra trás

**Entrevistadora:** E vendia essas coisas, leite, queijo

**Agricultora:** Não, não, leite a gente sempre manda pra cooperativa mesmo e se vira com ele aqui mesmo, o leite é um produto muito complicado, porque estraga rápido né, é do curral pro congelador e do congelador pro consumidor, senão ele estraga fácil

**Entrevistadora:** E quando que vocês começaram a comercializar o leite e a manteiga, você lembra?

**Agricultora:** Ah uns dois anos atrás, já que nós começou a vendê leite assim, antes era só cooperativa

**Entrevistadora:** Antes era direto pra lá, nem a manteiga você fazia?

**Agricultora:** Só do leite da tarde, o leite da tarde vem... o que vem pro congelador eu tiro a natinha dele

**Entrevistadora:** E você acha que alguma coisa poderia ser feita pra que vocês conseguissem vender de uma forma melhor ou as vezes mais valorizada?

**Agricultora:** Ah tem, organizar a cooperativa né, pra poder vender, a gente já tá assim bem organizado, até que esse negócio da coopaf né, a gente vem tentando é... igual na última

reunião que a gente teve eu reivindiquei a compra de insumos né, porque é difícil pra gente, é caro, o milho esse mês tava valendo 60 reais a saca, a gente planta o milho também, faz silagem, igual esses dia as vaca tá comendo silagem, mais num é o suficiente porque a gente sozinho, a gente num tem mão de obra, como é que a gente vai fica plantando milho assim todo mês, a gente não consegue, a propriedade também é pequena, não consegue

**Entrevistadora:** E aí é pra organizar uma compra coletiva?

**Agricultora:** É uma compra coletiva, sem dúvida, seria uma maravilha pra gente, uma compra coletiva que saísse um preço mais em conta. Eu venho reivindicando isso sabe, mais não sei se eles não organizô, o quê que tá acontecendo

**Entrevistadora:** E você conhece alguma lei ou alguma exigência que fala a respeito da comercialização do leite, da manteiga?

**Agricultora:** Conheço, são muitas

**Entrevistadora:** E onde você conheceu?

**Agricultora:** As exigências do leite é uma barreira bem grande pra gente que é produtor, se eu hoje resolver fazer um queijo pra vender no mercado, as exigências são muita, porque eu tenho eu fazer um cômodo, tem que tê banheiro, é bastante complicado e isso também é um empecilho porque melhorô um pouco né, de uns tempo pra cá eles, a lei parece que deu um pouco de abertura mais foi muito pouco, o leite é complicado pra você comercializar ele assim no mercado, num é fácil não

**Entrevistadora:** E como que você ficou sabendo dessas exigências?

**Agricultora:** Eu vou sempre em reunião, encontro, aí a gente fica sabendo, a EMATER tá sempre aqui, o meu cunhado ele tentou começar a fazer, fez até um cômodo, mais não conseguiu porque as exigência era muita. Não é impossível não sabe, mais é complicado, o leite é complicado, leite, frango, essa coisa é complicado vendê no mercado

**Entrevistadora:** E tem alguma outra coisa que você pensa a respeito dessas legislações, algumas mudanças que poderiam ser feitas pra se adequar mais a realidade da agricultura familiar?

**Agricultora:** Ah menina eu acho que não, porque a exigência ela tem que ter porque é comida né, coisa pra come eu acho que... mais poderia ser assim mais maleável né, porque as pessoa gosta das coisa natural e às vezes as exigências são tantas que não, igual por exemplo, o banheiro, o banheiro eu acho errado porque se num lugar que você tá fazendo um queijo, ainda tem que ter banheiro, dois... sendo que já tem o banheiro aqui da casa, num seria muito melhô

**Colaborador:** Na lei da agricultura familiar agora acho que é permitido um banheiro só, mais aí agricultura familiar você tem limite de vende por ano, você não pode vender exagero, não é igual indústria que você pode compra o leite dos soto e transforma, você só pode transformar o seu leite né, aí existe umas exigência que voce entro aqui e não pode voltar pra trás, num pode voltar pra trás

**Agricultora:** Mais assim mesmo é bastante exigência

**Entrevistadora:** Você acha que tem alguma coisa nessas legislações que favorecem os produtos da agricultura familiar, a venda desses produtos, você acha que tem algum ponto positivo?

**Agricultora:** Nas exigência você fala?

**Entrevistadora:** No geral, nas legislações em si, você acha que tem alguma coisa que favorece a agricultura familiar?

**Agricultora:** Tem

**Entrevistadora:** Saberria dizer alguma?

**Agricultora:** Uai esses empréstimo que eles faz pra gente né, pra melhora, a merenda escolar que a gente vende, PNAE, PAA

**Entrevistadora:** E você acessa o PNAE então, tem quanto tempo?

**Agricultora:** Sei não

**Entrevistadora:** E o que você fornece?

**Agricultora:** Quando eu entregava queijo, era que ano

**Colaborador:** Foi o primeiro PAA, deve ter sido em 2009

**Entrevistadora:** Que foi o PAA nem foi o PNAE?

**Colaborador:** Mais depois ela pegou o PNAE, as polpa de maracujá, essa foi bem recente, acho que tem 1 ano e meio atrás

**Agricultora:** Mais agora ultimamente eu não tenho entregado é nada, porque o leite é complicado e o maracujá a gente num tá plantando mais.

\*\*\*

## **Entrevista XI**

**Agricultor:** M.

**Comunidade:** São João do Glória

**Município:** Muriaé/MG

**Entrevistadora:** Aqui na sua casa são quantas pessoas?

**Agricultor** São quatro

**Entrevistadora:** você, sua esposa...

**Agricultor:** E as duas filhas

**Entrevistadora:** Tem mais algum casado que não mora aqui mais?

**Agricultor:** Tenho um filho casado e uma filha casada que mora na rua, não mora aqui mais

**Entrevistadora:** Aí em relação a propriedade, quantos hectares tem aqui?

**Agricultor:** São 12 hectares, porque aqui não é meu, num tá no meu nome aqui, meu sítio é lá em cima lá, aqui é do meu sogro

**Entrevistadora:** Aí você produz aqui e lá... quanto tempo você acha que você trabalha por dia, quantas horas, você tem uma ideia?

**Agricultor:** Ah eu acho que eu trabalho mais de 14 hora por dia, até dia de domingo, eu chego da feira, ontem mesmo, eu entrei pra dentro de casa era 5:40 pra tomá banho, porque eu sempre trabalho na roça e depois de tarde eu venho mexer com as vaca, mais eu tô querendo pará com isso, num dá não

**Entrevistadora:** E quais são atividades que você faz aqui?

**Agricultor:** Mexo com as vaca e plantação de milho, abobrinha, quiabo, tem maracujá

**Entrevistadora:** E hortaliças você produz também?

**Agricultor:** Não

**Entrevistadora:** E esses produtos você vende na feira?

**Agricultor:** Na feira

**Entrevistadora:** E é no sábado essa feira?

**Agricultor:** Eu faço quarta e domingo

**Entrevistadora:** E você trabalha só aqui na propriedade então?

**Agricultor:** Só na propriedade

**Entrevistadora:** E tem alguma das atividades que sua esposa te ajuda? Como que vocês dividem o trabalho aqui? Ela ajuda com as criações...

**Agricultor:** Ajuda, com as criação ela ajuda, ela ajudô muito na roça também, mais hoje ela não tá podendo muito mais entrá no meio do mato, aí hoje ela num ajuda muito mais não

**Entrevistadora:** Mais com as criações ela ainda ajuda?

**Agricultor:** Ajuda

**Entrevistadora:** O que ela faz?

**Agricultor:** Igual porco, galinha, ela que olha e trata de tudo, até nas vaca lá tem dia que ela ajuda

**Entrevistadora:** E com quantos animais você tá agora, de vacas?

**Agricultor:** Tem nove vacas no curral de bezerro né? Vaca que tá com bezerro

**Entrevistadora:** São 9 que tão dando leite e no total você tem quantas?

**Agricultor:** 21 vacas e 2 dois bois, 23 e tem 6 bezerro desmamado

**Entrevistadora:** E como você conseguiu esses animais, você comprou, ganhou, como que foi?

**Agricultor:** É comprado

**Entrevistadora:** Tudo comprado, e você comprou aonde?

**Agricultor:** Aqui na região mesmo

**Entrevistadora:** Mais é sempre do mesmo lugar ou de locais diferentes?

**Agricultor:** É local diferente né, até que o gado que eu tenho hoje, quase que eu comprei de uma pessoa só mais tem uns também que é diferente

**Entrevistadora:** e em relação a saúde desses animais, das vacas, você já teve algum problema com elas tem algumas doenças que geralmente aparecem aqui, tipo uma mastite, um gabarro, carrapato

**Agricultor:** Até que carrapato sempre costuma da algum problema, mais os outros não

**Entrevistadora:** E o que você usa pra tratar o carrapato?

**Agricultor:** O carrapato eu tô mexendo com a homeopatia do carrapato, mais esses dia pra atrás eu vi meio perdido e tive que dá um banho, infestô muito o pasto e eu tive que dá um banho nelas, mais eu tenho dado mais é homeopatia mesmo, lá vai controlado tem bem tempo que eu não mexia com veneno nelas

**Entrevistadora:** E onde que você aprendeu a homeopatia?

**Agricultor:** Eu aprendi como pessoal mesmo aí do sindicato

**Entrevistadora:** Relacionado a R\*?

**Agricultor:** É, eu nunca fiz curso de homeopatia, a C\* tá fazendo agora, mais aí sempre vem uns papel, uns livrim

**Entrevistadora:** E plantas medicinais vocês já usaram alguma vez?

**Agricultor:** Ah usa muito, eu até tava usando aquele neem, mais o neem eu pesquisei na internet, deu que ele é abortivo

**Entrevistadora:** Mais o neem o animal não pode ingerir, você pode pulverizar ele é só de uso externo, picar e colocar no meio da comida aí não, porque aí ele pode gerar aborto

**Entrevistadora:** Eu punha no sal, colocava bastante folha seca, colocava no sol, deixava secá, triturava ela e punha no sal, mais aí teve um novilha minha que abortô e outro dia eu vi que a outra deu sinal também que num tava muito bem aí eu peguei as menina pesquisô na internet e deu que é abortiva, aí eu peguei e parei de dá

**Entrevistadora:** É porque geralmente o que a gente faz é usar externo

**Agricultor:** E deve ser bom, a gente que fica com medo de usar, porque o pulgão ele controla

**Entrevistadora:** E em relação as vacinas, você vacina tudo direitinho, como é que é?

**Agricultor:** Vacino

**Entrevistadora:** Quais vacinas?

**Agricultor:** Eu vacino contra raiva, aftosa, brucelose e mal de ano

**Entrevistadora:** E há quantos anos você produz leite?

**Agricultor:** Ah tem uns dez anos, às vezes nesses dez anos também eu paro também uma época, porque eu tive muito tempo parado de produzir leite aí eu fazia as vaca e vendia, fazia e vendia, agora que tô com vontade de mexer uns tempo por aí de novo

**Entrevistadora:** Aí voltou a produzir... e quem faz ordenha você?

**Agricultor:** Eu mesmo

**Entrevistadora:** Sua esposa não faz não?

**Agricultor:** Não

**Entrevistadora:** Nunca fez?

**Agricultor:** Não

**Entrevistadora:** E você faz ordenha uma ou duas vezes por dia?

**Agricultor:** Tô fazendo duas mais vou passar pra uma

**Entrevistadora:** E quantos litros de leite você produz por dia?

**Agricultor:** Tá dando 50 agora

**Entrevistadora:** E você já fez algum teste para avaliação da mastite nesses animais igual tem aquela caneca do fundo preto?

**Agricultor:** Não nunca fiz

**Entrevistadora:** E o que você faz com esse leite?

**Agricultor:** Eu faço queijo, um cado eu vendo na feira e o resto eu ponho no caminhão, levo pro tanque

**Entrevistadora:** É o mesmo tanque?

**Colaborador:** É o mesmo tanque

**Entrevistadora:** E aí você faz só queijo?

**Agricultor:** É

**Entrevistadora:** Manteiga, requeijão, outras coisa não. Nem pra família?

**Agricultor:** Até que esses dias nós tem feito uma manteiga aí porque põe o leite na geladeira da tarde, aí a gente tira, de manhã a gente tira a nata

**Entrevistadora:** E quanto de queijo você tá produzindo?

**Agricultor:** Ah eu levo mais ou menos umas 30 peça por semana só, porque eu não faço de tudo não, faço pouco

**Entrevistadora:** E quem é que faz o queijo?

**Agricultor:** É eu e minha esposa

**Entrevistadora:** E por que vocês gostam de produzir o queijo?

**Agricultor:** Eu gosto de produzir o queijo porque a gente aproveita o soro pro porco e a gente já aproveita a viagem pra feira, já aproveita uma coisinha já

**Entrevistadora:** E você acha que vale mais a pena vender o queijo ou leite?

**Agricultor:** Se fosse um comércio melhô pra vender seria o queijo, seria muito melhor, mais hoje você tem muita oferta de queijo

**Entrevistadora:** E você comercializa esse queijo só na feira?

**Agricultor:** Só na feira

**Entrevistadora:** E quando que você começou vender esse queijo, foi junto com a produção do leite ou foi um tempo depois?

**Agricultor:** Não foi mais ou menos junto com a produção do leite mesmo

**Entrevistadora:** Então tem mais ou menos uns 10 anos

**Agricultor:** É sempre que tiro o leite sempre eu faço os queijo

**Entrevistadora:** Aí você falou que hoje em dia tem muita oferta de queijo né, você acha que tem alguma coisa além dessa concorrência que não facilita a venda do queijo, que essa venda poderia ser melhor?

**Agricultor:** Ah eu acho que não né

**Entrevistadora:** E você conhece alguma legislação referente a venda desse queijo?

**Agricultor:** Não

**Entrevistadora:** Tem vontade de conhecer?

**Agricultor:** Ah eu nunca tive essa curiosidade não

\*\*\*

## **Entrevista XII**

**Agricultora: L.**

**Agricultor: H.**

**Comunidade: São João do Glória**

**Município: Muriaé/MG**

**Entrevistadora:** Aqui na casa são quantas pessoas?

**Agricultora:** No momento agora só duas pessoas, eu e meu marido

**Entrevistadora:** E vocês tem filhos?

**Agricultora:** Temos quatro

**Entrevistadora:** Você sabe quantos hectares tem aqui?

**Agricultora:** Acho que é quatro

**Entrevistadora:** Você tem uma noção de quantas horas você trabalha por dia aqui na propriedade, você e seu marido?

**Agricultora:** Ah mais ou menos de 7 às 17, por conta

**Entrevistadora:** E quais são as atividades que vocês fazem aqui?

**Agricultora:** As atividades são que meu marido tira um pouco de leite e cuida assim em geral né e eu fico mais assim cuidando de galinha e da casa

**Entrevistadora:** E vocês trabalham só aqui na propriedade, ninguém trabalha fora?

**Agricultora:** Não, só aqui

**Entrevistadora:** E tem essa divisão de tarefas entre vocês? Assim, ele te ajuda a cuidar da casa?

**Agricultora:** Às vezes se precisar, mais não é sempre não, porque eu tenho uma outra atividade que eu costuro um pouco também que é pra confecção, ele traz o serviço aqui, eu faço, além dessas atividades que eu tenho aqui eu costuro um pouco

**Entrevistadora:** E tem alguma tarefa que só ele faz?

**Agricultora:** É a tarefa do curral eu ajudava mais parei porque ele diminui um pouco, ele tirava muito leite eu ajudava a tirá leite, ajudava lá no curral, aá ele diminuiu aí eu parei porque tava ficando meio pesado também, é muita coisa

**Entrevistadora:** E vocês estão com quantas vacas, você sabe?

**Agricultora:** Ah não sei, só ele

**Entrevistadora:** E você sabe como vocês conseguiram essas vacas, se compraram, ganharam, trocaram, como é que foi? Você lembra?

**Agricultora:** Quando a gente começou foi mesmo trabalhando né, foi comprando, trabalhando e é assim

**Entrevistadora:** Aí foi criando aqui mesmo

**Agricultora:** É foi criando

**Entrevistadora:** E você sabe dos problemas desses animais? Se já teve algum tipo de doença?

**Agricultora:** O problema maior que dá é mamite né, mamite e carrapato

**Entrevistadora:** E o que vocês fazem quando aparece esses adoecimentos? Com que vocês tratam?

**Agricultora:** Ah ele trata mais com antibiótico mesmo

**Entrevistadora:** Vocês conhecem alguma terapia alternativa?

**Agricultora:** Não, eu conheço, quando eu trabalhava com ele lá eu fazia bastante

**Entrevistadora:** E o que você usava?

**Agricultora:** Ah eu usava chá, fazia banho era mais nesse sentido assim

**Entrevistadora:** Mais as plantas medicinais

**Colaboradora:** Chá de que?

**Agricultora:** Ah tinha assim pra tal coisa eu usava tal planta, assim num era aquela coisa especifica só, dependia do problema que tava

**Entrevistadora:** E as vacinas? Vocês vacinam os animais?

**Agricultora:** Vacina

**Entrevistadora:** E tem quantos anos que vocês produzem leite? Você tem uma noção?

**Agricultora:** Ah tem uns 30 anos, desde quando a gente veio pra cá, é porque foi assim logo quando a gente compro o sítio, logo quando a gente casou ficamo morando num sítio alugado, aí compramo um pedaço e viemo pra cá e foi comprando mais um pouco, desde aquela época a gente já tirava leite e fazia queijo, aí depois ele deu uma parada com queijo e fico só tirando leite e agora já diminuiu bastante o leite também, tira pouco

**Entrevistadora:** E quem faz a ordenha?

**Agricultora:** É ele

**Entrevistadora:** E você sabe quais os horários?

**Agricultora:** É só de manhã

**Entrevistadora:** Quantas vacas que estão lactação agora você sabe?

**Agricultora:** Não sei

**Entrevistadora:** E a quantidade de leite produzido por dia?

**Agricultora:** Num sei também

**Entrevistadora:** Antes vocês produziam o queijo e agora só o leite?

**Agricultora:** Só o leite

**Entrevistadora:** Quem fazia o queijo?

**Agricultora:** Eu mesma

**Entrevistadora:** E vocês vendiam aonde?

**Agricultora:** Vendia no mercado

**Entrevistadora:** Num mercado fixo?

**Agricultora:** É, aí começou o problema da nota fiscal aí que parô

**Entrevistadora:** Porque também não tinha selo, essas coisas...

**Agricultora:** É, aí num conseguiu arrumar, ficava muito caro aí parô de fazer o queijo

**Entrevistadora:** E aí vocês não vendiam aqui próximo, não tinham uns clientes, era só para o mercado?

**Agricultora:** O cliente que era o mercado

**Entrevistadora:** Na feira também você nunca venderam?

**Agricultora:** Na feira nunca vendi

**Entrevistadora:** E em relação as legislações desses produtos, do leite do queijo, você conhece alguma?

**Agricultora:** É tem algumas exigências, até por isso que a gente parô com o queijo porque o próprio mercado não podia comprar sem a nota fiscal né e tinha que ter o lugar de fazer, tudo com azulejo, essas coisa toda e o cara vinha e autorizá né, só que a gente até fez um cômodo ali, só que não conseguiu ir pra frente, continuar por causa disso mesmo, da burocracia toda que tem, aí parô

**Entrevistadora:** Aí vocês pararam?

**Agricultora:** Parô de fazer o queijo

**Entrevistadora:** Como que você ficou sabendo dessas exigências?

**Agricultora:** É no próprio mercado mesmo começou pará de comprar por causa da nota fiscal aí depois a gente vendia pra um projeto lá da COOPAF mesmo, só que depois começou a exigir também tinha que ter mesmo a nota fiscal, aí parou, teve um tempo que comprô sem nota só que depois não teve jeito mais, tinha que registrar, ter o selo tudo direitinho

**Entrevistadora:** E aí veio algum fiscal olhar esse cômodo?

**Agricultora:** Veio, veio um técnico aqui, e aí ele falou que pra fazer tinha que ter umas mudanças lá no que foi feito né, pra funcionar, mais mesmo assim, funcionava só aqui pra Muriaé não podia sair pra outras região né

**Entrevistadora:** E o que você acha dessas exigências, assim igual na sua situação que não foi pra frente, o que você acha, que isso é vantajoso pra agricultura familiar ou não, o que poderia ser diferente?

**Agricultora:** Ah eu acho que não, eu acho assim que tem que ter as exigência né, tem que ter um lugar adequado mesmo, mais eu acho que tinha que ter uma lei que favorece mais porque gente que é pequeno não consegue, tipo assim, as despesa que tem nas exigências que eles fazem o pequeno não consegue fazer né, tudo que eles exigem a fazer

**Entrevistadora:** E aí você acha que, por exemplo, uma vantagem dessa legislação seria ter um espaço separado pra fazer, você acha que tem alguma coisa que seja positiva nessas leis, nessas exigências?

**Agricultora:** Ah eu acho que pode, por causa da higiene né, dessas coisas que... e até pra gente, pra pessoa trabalhá você tê lá o lugar separado né, já facilita pra você manuseá as coisas né só naquele lugar lá separadim, porque eu fazia assim, aqui era até diferente, o tanque era lá, não tinha essa parede e essa varanda foi reformada, aí comecei fazendo lá em cima, quando eu morava numa casinha lá em cima, fazia no tanque, quando eu penso que não, voava uma galinha lá e comia metade, aí falei assim não aqui não dá não porque além

de tudo ainda tem prejuízo, por isso que eu acho que é bom, seria bom mais a gente não chegou de concluir e até eu falava com meu marido nossa a gente fez queijo tanto tempo e nunca decidimo fazê um lugá direitinho assim pra gente trabalha né, num sei porque parece que fica...num desperta pra aquilo né

**Entrevistadora:** E na sua cozinha você fazia ou era sempre no tanque?

**Agricultora:** É porque já era cercado, não tinha problema de galinha, aí fazia no tanque, aí colocava na geladeira aqui dentro de casa mesmo

**Entrevistadora:** E você acha que o fato de você fazer no tanque e não fazer em um cômodo comprometia a qualidade desse queijo?

**Agricultora:** Não eu acho que não, num comprometia não, porque era assim tudo limpo também né, só que era assim, num era aquela coisa assim separado da cozinha no caso porque vamo supô eles fala que o queijo não é bom fica junto com alimento, teve uma época que ficava na mesma geladeira que guardava o alimento depois que eu e meu marido compramo um freezer, ai já começo a melhorá, já separo né, punha só no freezer, mais é comprometer assim de coisa eu acho que não. E pessoal gostava muito, o pessoal sente falta, eles fala né que sente falta do queijo, que era gostoso, todo mundo gostava

**Entrevistadora:** E você já chegou a produzir alguma outra coisa? Requeijão, manteiga? Ou era só o queijo mesmo?

**Agricultora:** Era só o queijo mesmo

**Entrevistadora:** Nem pra despesa?

**Agricultora:** Há muito tempo eu fiz requeijão, mais agora meu requeijão não fica tão bom acho que é por causa do capim bachiaria, parece que não tem muita gordura, ele fica seco sabe, às vezes eu fazia antigamente, ficava cremoso assim agora hoje em dia não fica parei, falei ah num vô fazê isso mais não, porque eu gosto de fazer pra gente mais num tava dando certo não, imagino que é por causa do capim

**Entrevistadora:** É porque a alimentação interfere na produção da gordura. E vocês já forneceram pra algum programa do governo o PNAE, PAA

**Agricultora:** Não da merenda escolar não, foi desse projeto que eu te falei lá com o sindicato

**Entrevistadora:** Será que era o da PAA de aquisição de alimentos

**Agricultora:** É pode ser, eu num sei bem o nome

**Entrevistadora:** E você fornecia o leite também?

**Agricultora:** Não, só o queijo